

Dorian Gray Caldas

Do Outro Lado Da Sombra

Poesia Quase Completa



VOLUME 2



DO OUTRO LADO
DA SOMBRA
VOLUME 2

DORIAN GRAY CALDAS

DO OUTRO LADO DA SOMBRA

VOLUME 2

IFRN
Editora ■■■■

NATAL, 2014

Do Outro Lado da Sombra - Volume 2

© Copyright 2014 da Editora do IFRN

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora do IFRN.

O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade dos autores.

Divisão de Serviços Técnicos.

Catálogo da publicação na fonte.

Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – IFRN

C145d Caldas, Dorian Gray.
2014. Do outro lado da sombra. / Dorian Gray Caldas. – Natal: IFRN,

256 p. ; il. ; v. 2.

ISBN ISBN 978-85-8333-087-5

1. Literatura norte-rio-grandense - Poesias. 2. Poesia norte-rio-grandense. 3. Poesia brasileira. I. Título.

CDU 82(813.2)-1

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Charles Bamam Medeiros de Sousa

ORGANIZAÇÃO E CAPA

Adriano Gray Caldas

REVISÃO

Pedro Henrique Grizotti

CONTATOS

Editora do IFRN

Av. Senador Salgado Filho, 1559, CEP: 59015-000

Natal-RN. Fone: (84) 4005-2668/ 3215-2733

Email: editora@ifrn.edu.br

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Henrique Paim

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica

Marco Antonio de Oliveira

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor

Belchior de Oliveira Rocha

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação

José Yvan Pereira Leite

Coordenador da Editora do IFRN

Paulo Pereira da Silva

Conselho Editorial

Samir Cristino de Souza (Presidente)

André Luiz Calado de Araújo

Dante Henrique Moura

Jerônimo Pereira dos Santos

José Yvan Pereira Leite

Valdenildo Pedro da Silva

ÍNDICE DE LIVROS

1. CANTO HEROICO - 09
2. GEOGRAFIA DO MEDO - 43
3. ÁGUA DAS ÁGUAS - 75
4. POEMAS TRADUZIDOS E POEMAS DE OUTROS POETAS - 139
5. FORTUNA CRÍTICA - 183

DORIAN GRAY CALDAS

CANTO HERÓICO

ARTE & TEXTO



ÍNDICE

CANTO HEROICO

PADRE MIGUELINHO: VIDA E MORTE

UM POLÍPTICO DE DORIAN GRAY

LAMENTAÇÕES

ANDRÉ DE ALBUQUERQUE: BREVE REGISTRO

O MASSACRE

OS JESUÍTAS

JACOB RABBI

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho do escritor e pintor Dorian Gray Caldas, textos e pranchas de seus murais reunidos neste livro, “Canto Heróico”, faz parte de um duplo resgate: história heroica do nosso povo, obras começadas nos anos 70, com o mural Padre Miguelinho, e em conclusão com os Mártires de Cunhaú, 1998, e a pretensão do registro e testemunho de validade do heroísmo e da dignidade de nossa gente, exemplos bastantes para a merecedora extensão histórica. Citamos o sacrifício do Padre Miguelinho, herói e santo; André de Albuquerque, mártir e idealista; Padre Soveral e seus infortunados paroquianos, para termos a certeza de que seus exemplos merecem o registro do artista e a voz do poeta. Isto está de maneira física e de maneira artística, nos murais e nos textos, agora em livro documental que a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, através desta Presidência, permite e promove na presente edição. É o resgate histórico do lento, mas obstinado trabalho do autor, que consigna assim as mais vivas vozes e os ideais mais legítimos da heroica saga do bravo povo do Rio Grande do Norte.

Álvaro Dias

Dorian Gray Caldas é o único artista norte-rio-grandense a viver exclusivamente da sua arte. Não é servidor público nem empresário. Serve ao povo na dimensão maior de sua criação e empresa seu próprio trabalho, na verdadeira acepção da arte liberal.

Pintor reconhecido e premiado nacional e internacionalmente, escritor e poeta integrante da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Dorian Gray registra, agora em “Canto Heróico”, através de imagens e palavras, duas sagas de bravura do povo do Rio Grande do Norte: Padre Miguelinho e os Mártires de Cunhaú. São inscrições de nosso Estado na história brasileira e na devoção universal.

Nada mais justo, portanto, do que a associação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Assembleia Legislativa do Estado para a edição do presente livro. A casa do saber e a casa do povo homenageiam o heroísmo, a bravura e a santidade, qualidades que são das figuras retratadas e que estão perenemente na missão e no trabalho do artista.

Ótom Anselmo de Oliveira

PADRE MIGUELINHO: VIDA E MORTE

Nilo Pereira

Nas mãos admiravelmente plásticas de Dorian Gray Caldas – poeta e pintor de sensibilidade criadora – o Padre Miguelinho é poema, mural, desenho: toda uma sequência de emoções rítmicas que se somam na síntese do heroísmo legendário.

Os heróis estão voltando. Frei Caneca com o poema de João Cabral de Melo Neto. Miguelinho com Dorian Gray Caldas. Na História há poesia. O épico ressurge no cântico dos cânticos desse cantar homérico. Há mistério na vida e na morte dos heróis e dos mártires.

Miguelinho é o nosso Frei Caneca. Não teve como este o instinto polêmico do panfleto, mas teve a mesma grandeza. Foram companheiros de 1817. Caneca esperou pelo seu tempo de morte; Miguelinho antecipou-o na Bahia. Caneca foi mais da Confederação do Equador de 1824. Já então havia Independência, que o outro herói, o nosso, o potiguar, não alcançaria. Sonharam e tiveram o mesmo pesadelo. Foram peregrinos da liberdade. Miguelinho mais puro. Não teve Marília a quem deixar chorando em vão. Mais austero. Secretário de um Governo dito provisório, que se eternizaria com o tempo. Pois há um tempo eterno: o tempo dos mártires e dos santos.

Dorian Gray Caldas recria o padre insigne, que deu tudo de si por uma causa afogada em sangue. Dele resta a estola no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Detenho-me diante dessa lembrança canônica. O vermelho litúrgico lembra o sangue derramado ou simplesmente sufocado nas masmorras e na forca do Conde dos Arcos. O patriota ali está como padre e como herói. Podia ter sido salvo, mas era um predestinado e entrou na História faltando uma letra do nome.

Dizia Voltaire que os poetas é que deviam escrever a História. Jacques Maritain preferia que fossem os filósofos. Lendo Dorian Gray Caldas ou João Cabral convenço-me de que o ironista francês tinha razão. Aqui está um poema heróico. Escrito com todas as forças de uma predestinação: a de ser poeta. De sentir mais do que os outros. De ver mais do que os outros. O dom poético. Uma iluminação. A Grande Mão que se abate sobre a mão que escreve até altas horas da noite, como lembra Jorge de Lima.

Acompanhando este poema de Dorian como se fosse uma via sacra. Estação por estação. Palavra a palavra. Letra por letra. O sentimento de uma tragédia que deixou de ser pessoal pra ser a vida de um homem que recebeu a Liberdade na sua intimidade. Como João Maria recebeu a santidade.

Diz Dorian:

Da execução fez-se o pranto.

Da morte fez-se o grito.

Da exceção fez-se o crime

que transcende este registro

Da dor fez-se o lamento

*E mais que o lamento
fez-se visível a verdade
e a necessária liberdade.*

Tudo está dito nesses versos, que são uma escatologia da época dos heróis. Um privilégio para o Rio Grande do Norte ter o eu Miguelinho, como a Paraíba teve o seu José Peregrino e Pernambuco o seu Caneca.

Essa é uma história – escreve Dorian – a ser contada em cada escola, em cada sala. A história que faltava e já não falta, acrescenta.

Creio não errar dizendo que o momento capital do poema de Dorian Gray Caldas – tão lucidamente intitulado “Padre Miguelinho: Vida e Morte” – é este:

*Uma letra apenas
resume
toda a fibra
de um povo.*

Não é preciso nada mais. A letra “O”, de Castro, que faltou no afrontoso processo – alegação do Conde do Arcos não se sabe bem com que intenção – é um povo todo na sua alma, na sua coragem, na sua saga.

Mas era preciso que um poeta dissesse isso. Que outros dissessem sem essa força. Sem essa beleza. Uma letra apenas faz toda uma história.

A rosa – imagem do poeta – tomou toda a sala de julgamento. Letra-rosa. O espinho que o Conde quis tirar. Miguelinho restabeleceu a verdade. Era dele, o condenado. O precito.

Grande poema, esse de Dorian Gray Caldas. Enquanto houver beleza, ele será lido e dito e declamado em cada escola, em cada sala. A rosa floresceu: era uma ideia, um sacrifício, uma transfiguração.

UM POLÍPTICO - DE DORIAN GRAY

Franco Maria Jasiello

Quem tiver a ventura de ver os episódios da conspiração, captura, processo e condenação de Frei Miguelinho, pintados por Dorian Gray para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, perceberá - de imediato - que não se trata de um painel, mas de um verdadeiro políptico, daqueles que os flamengos pintaram com as cores macias e quentes da - então - nova técnica a óleo, utilizando-se da tradição cromática e detalhista deixada pelas iluminuras ou - ainda - dos produzidos pela escola senesa em que a luminosidade e a mansa paisagem toscana suavizam a dureza das linhas que a herança dos mosaicos transfere à têmpera dos italianos pré-renascentistas até a revolução giottesca.

E é exatamente em Giotto que se pensa, olhando essa obra de Dorian Gray, pela organização temática, pela disciplina dos espaços, pela austeridade das linhas, pela distribuição das cores, pela sensibilidade tonal, pelo aproveitamento dos volumes e pela perspectiva integradora, mas livre, ousada, independente de naturalismos supérfluos.

Dorian Gray, porém, não quis - como Giotto em relação a Francisco de Assis - revelar um Frei Miguelinho histórico, no sentido da crônica, mas a história do conspirador, do revolucionário, do mártir assim como se passa no universo intelectual e perceptivo do artista, hoje, submetida a um juízo ético-estético, político, resultado de um saber coletivo e da criatividade individual, fruto do pensamento crítico.

É o Frei Miguelinho do fato histórico visto, sentido, julgado e maravilhosamente interpretado pelo talento renovador do artista.

Obra, sem dúvida, extraordinária, pela dignidade, pela coragem, pela forma, o políptico possui a virtude de não ser subordinado ao ambiente que o acolhe, como acontece com todas as grandes obras do gênero. Poderia ser admirado na parede de uma catedral, na sala de uma residência ou no *hall* de qualquer edifício, conservando sua mensagem digna, sua coerência absoluta.

Dorian Gray é um artista inovador e renovador.

Quando parece ter alcançado aquela homogeneidade - sonhada por tantos artistas, incluindo os mais jovens - em sua obra que garantiria o tranquilo exercício de sua apurada técnica, Dorian Gray propõe um novo e revolucionário universo, sem receios, questionando - como nesse políptico - a validade de estilos definitivos.

Marinhas, troncos e folhas, salineiros e pescadores, brinquedos e crianças pobres, desenhos, óleos, tapeçarias, rostos, figuras, serigrafias.

O paraíso, o inferno, a paixão, a preguiça, o morno, o quente, o frio, o fogo, a nuvem, a água, a carne, a areia, a pétala, o olho, o osso. O real, o supra-real. A estória, a história. A prisão, a tortura, o arbítrio, liberdade, a piedade. O homem e o humano. O visível, o tangível e o epidérmico. O invisível, o impalpável, o íntimo.

Tudo é tema, tudo é estilo, tudo é técnica em Dorian Gray, tudo encontra solução no fluente produto de sua arte.

É confortador e exaltante reencontrar no políptico de Frei Miguelinho a determinação de Memling, o equilíbrio de Simone Martini, a impetuosidade de Nuno Gonçalves, o inusitado de

Masaccio, a audácia de Giotto, a polêmica de Picasso, porque é outro aspecto do artista Dorian Gray: o do pesquisador culto, do observador atento, consciente de que sua obra é resultado de problemas sempre enfrentados, nem sempre resolvidos, pelos artistas de todos os tempos e ele não se exime da proposta de suas próprias soluções.

Um Dorian Gray novo, este de políptico, mas fiel à sua essência.

As linhas elegantes dos desenhos, a luz e as “terras” das marinhas, a exuberância dos azuis e dos vermelhos das tapeçarias, o florar repentino dos amarelos, no verde da paisagem, a penumbra dos casarios parados entre a noite e o dia encontram-se distribuídos nos episódios dramáticos da vida de Frei Miguelinho pintados por Dorian Gray. O políptico confirma que Dorian Gray é um pintor diuturno. Pintor de todas as horas, de tudo que as horas contêm, principalmente de seu mistério.

Apartai-vos de mim, todos vós que praticais a iniquidade.

Lc. 13,27

LAMENTAÇÕES

Da execução fez-se o pranto.

Da morte fez-se o grito.

*Da exceção fez-se o crime
que transcende este registro.*

*Da dor fez-se o lamento
e mais que o lamento
fez-se visível a verdade
e a necessária liberdade.*

*Com sua bandeira, sua arma
a palavra fez-se aos surdos
e aos cegos. A máscara dos
opressores caiu mais uma vez multiplicada.*

*Negras cabeças roladas
pelas escadas, negras cabeças decepadas.
A flor da verdade abriu no peito
uma luz transfigurada.*

*Nascida da dor, insubmissa, que o Reino
e a fúria dos dragões acentuava.
O crime fez-se história, fez-se legado
em tanto sangue derramado.
Fez-se a Pátria alevantada
o ouro ser contido, e o sangue
ingênito fez-se rio profundo
nas veias do homem brasileiro.
Uma excelência*

*entrou no céu.
Braços abertos
sem cicatrizes.
As mãos imprimem
suas matrizes.
Mostram nas veias
suas raízes.
As mãos imprimem
as marcas virgens,
as mãos imprimem
o caminho dos rios,
a curva das serras,
os chapadões desertos,
as trilhas distantes
das esmeraldas,
os sertões.
Os dedos apontam
o Cruzeiro,
as cinco estrelas
dos viajantes.
Os dedos apontam
a trajetória
da estrela alva
e as Entradas
dos Bandeirantes.
Os dedos apontam
o crime impune,
a usurpação
em qualquer tempo
ou região.*

*É o nosso prêmio
chorar o morto.
É o nosso ofício
encomendar o corpo.
A morte é o nosso tema,
o nosso instrumento
de descanso da paz.
De lavar seus pés,
atar sua boca
para que não fale
para que não ouça.
É nosso ofício:
o morto.
O crime é do outro,
a vil razão,
a acusação.
O tigre de cada um
a covardia,
o rosto sob o capuz,
a sombra conspurcada,
a traição.
Os ossos tremem.*

*Dedos dormentes
fundamentados
na letra escrita
e na que faltara:
(ou melhor na letra
continuada na outra página).
“A letra é minha”, afirmará.
É o homem
mais que o mártir.*

*Sol sobre os montes,
ouro da terra,
luz de guardados
dentro das serras.
A chama rara,
o monumento
que ainda espera
pelo seu corpo.
A sua fala,
a sua vida
que da morte
vai num crescendo
como uma bandeira
e as pontas
das armas
por elas mesmas.
Esta sua história
a ser contada
em cada escola,
em cada sala.
Não uma sombra
ou meias palavras,
disfarçadas.
Esta história
com todas as letras
e a que faltava
e já não falta:
o seu nome,
o seu canto,
os nossos ossos,
o nosso sangue,
seu testemunho,*

*o nosso punho,
nossas votivas
chamas vivas.*

*Somos livres
para lamentar,
não o somos
pra protestar.
O lamento
coletivo,
inumerável,
compulsivo.
Reúne o exercício
da dor
fundamentada
na morte
ou na má
sorte.*

*Fundamentada
no exercício
da submissão,
na perda
do nosso irmão.
Faz nossas vidas
prolongadas
em nossas lágrimas
sem palavras.
O nosso choro
é poema coletivo.*

*O nosso pranto
é múltiplo e vários*

*como a chuva
e o orvalho.
O nosso pranto
resume
o nosso sangue
sem nome.
Chama delgada,
luz mineral,
canto de asas
fonte expurgada;
golpe de espada,
rosa de sangue
sobre o seu corpo
se alteia.
Regressa às origens,
acende a vida
sopra no morto
as cicatrizes,
lambe os seus pés
cão de estima,
incendeia os campos,
cobra de fogo
da nossa origem.*

*Pó das missões
nas procissões
acesos archotes
dos peregrinos,
luzes das rezas
dos nordestinos.
Chama votiva
sacramentada*

*pelo cristão.
Larva vulcânica,
arma e lança
da procissão.
Mataram-no
apesar do testemunho
do Conde dos Arcos,
apesar da cruz
da retidão.
Apesar do Cristo
visível no seu peito.
Mataram-no
pela culpa assumida
pelo assumido
sentimento.*

*O sangue anônimo
viaja
na rua,
na calçada,
atinge a praça,
abre no muro
a rosa vária,
rosa de vermelho
sangue.
Faz o protesto
fio de espada
a arma
ingênita
guardada.
O sangue é o mesmo
em qualquer um,*

*independente
de crença ou raça
fez-se ferrugem
na espada
desembainhada.
O sangue grita
vermelho.*

*“A letra é minha”,
disseste.
A que faltara
é certo
cresce em seu nome
mais que ele todo
ou o sobrenome.
Uma letra apenas
resume
toda a fibra
de um povo.
É a ideia
que não morre,
uma letra cresce
como uma rosa
deste hemisfério
sul,
uma rosa
transcontinental
toma esta sala
de julgamento.*

*Mais evidente
que a reunião*

desses tenentes.

Maior que a afirmação

do Conde dos Arcos

de que a letra

não era dele.

A rosa-ideia

de sua mão

é desmedida

afirmação.

Alcança as margens,

transborda os rios

caminha pelas

estradas deste Brasil.

Aponta erros

e omissões,

faz mais digno

o nosso irmão.

Cavaleiros

em sete cavalos negros

vão levar a notícia

da sentença de Miguelinho.

Nos sete cavalos negros,

sete cavaleiros

cavalgam noite e dia

pelos montes,

pelas serras,

pelas matas,

vão levar

a notícia

da morte

próxima

*chegada
de Miguelinho.*

*Sete cavaleiros negros
sem rosto, sem nome
apontam suas armas
gritam suas notícias.
Espalham os favores
do Reino
e a piedade
para com os prisioneiros.
São espectros
são vassallos
do mesmo crime.
Sete cavaleiros
sem nome
noite e dia cavalgam
errantes
nesses montes.*

*As balas
atravessam
seu corpo.
As balas assassinas
perfuram sua túnica.
A morte veio em forma
de festejo,
arcabuzado no largo
seu corpo cai
de sua alma.
Para que todo mundo
veja: permanece de pé*

*o que desaba
é o seu corpo
mais nada.*

*O herói já não precisa
de patíbulo
que agora não lhe serve,
não cabe na sua medida.
O seu espaço
é praça,
o seu nome
uma palavra
verdadeira.
Tudo que não disse
e o que fez
na morte
reascendeu
da morte,
sobreviveu.*

ANDRÉ DE ALBUQUERQUE: BREVE REGISTRO

*Jamais se finda a vida
se a memória a guarda
se dela apoderada
maior se faz a fala.
Jamais se cala o poeta
se os versos livres fazem
aos olhos cegos e aos surdos
de suas vozes e luzes.*

*Nasce do seu peito a chama,
a luz determinada,
o trigo deste pão,
as flores dessas brasas.
A palavra contra a espada.*

*Bandeira de flamas vermelhas
amanhecida e acima
das armas portuguesas.
Câmara Cascudo diz:
"André de Albuquerque está só.
Nenhum dos seus seiscentos homens de Ordenanças
nem um das centenas de escravos
fiéis."
Nenhum parente.
Só um adepto.
O Padre Damasceno.
O único, o último
o "impassível", o amigo.*

*Bate o sino da Matriz.
Nove toques de sino.
André de Albuquerque
teve nove dobrados.
Nove sinos de morte
do sino da Matriz
encomendados.
Viva o Rei.
Morra a liberdade.
As armas e os barões
já avisados,*

*o usurpador do trono
será executado.
Ao inimigo do trono
a morte.
Ao inimigo da Corte
sua sorte.*

*Ó Capitães do silêncio,
ó conveniências do Reino.
Ó chacais dos palácios.
Ó Capitães do crime,
farsantes da trama chula
que levaria André
ao poço fundo do Forte.
Ó Pátria conturbada
nas mãos do monarca prepotente.
Estava a rua deserta.
A rua grande, o Palácio.
Por que tão deserta a rua,
a que sempre esteve em festa?
Quando avançaram sobre ele
com espada desembainhada,
a morte já estava
a morte o acompanhava.
Ferida sangrando em seu ventre,
chama de sangue crescendo,
independente do homem.
Chama de rosa de sangue
no baixo-ventre crescendo;
chama de sangue subindo
pelo seu corpo raízes
pulsando em seu coração
desritmados avisos.*

*André de Albuquerque ali estava
e morria,
findava a vida
e começava a história.*

*Ferido pelo cadete,
pelas ordens ou não do Reino,
estava cumprido o fado,
estava decidida a sorte,
estava completa a traição,
estava restaurada a dignidade
do Reino
pelo toque da espada,
picada de cobra e surpresa
para quem estava indefeso.
Seguiria para o calabouço.
Seu lugar e posto.
O Fone o reclama,
chão de pedra e lama.
O negro cárcere
em círculo de pedra e sepulcro
cavado no fundo poço
à espera, amanhã, do morto.
E ali aos dentes do ódio
sua voz ainda se ouvia
como um grão de luz
debulhado. Pedia água.
Como um grão de árvore
semente
regressa à terra. Tenho sede.
A sua palavra de dura semente,
de luz pétrea*

*nascida da terra agreste,
migração de pássaro,
cordilheira atlântica,
a sua palavra ainda se escuta
na vasta dimensão oceânica.*

*A sua palavra tecida
como as raízes de uma planta
começava a secar
na garganta. (Tenho sede)
Sua palavra-herança,
sua voz de trigo e montanha,
sua palavra prometida
vem na noite antiga
da resolução decidida
a de fazer deste País
uma Pátria livre.
A sua palavra-herança
crescendo como uma lança.
A ferida já não sangra.
A interminável ronda dos mortos
o reclama
para um outro espaço de sombra.
Uma estrela de água
em cada um dos olhos
onde começa o pranto.
"E a vida de um homem
como a existência de um dia",
um só fio.
O mar bate na pedra,
a água da maré devolve
os naufragos,*

*as mãos dos mortos
gesticulam
suas condições sem sepulturas.
É a ronda dos mortos
nos paredões do Forte.
É a visão dos vivos
sobre o mar avistado
e dividido.
É a ronda dos guardas do Forte
nos paredões da morte.
Tenho sede.
Inácio Manoel de Oliveira (um soldado)
leva-lhe água
André morre
pela madrugada.*

*Bernardino José de Araújo (outro soldado)
prende o seu pé
com um gancho
e retira do poço
o morto.
Atado a um pau
por cordas,
oito escravos o levam
do Forte ao alto da Cidade.
Completam
a viagem.
Das alvas planícies brancas,
“vale ameno entre coqueiros”
começa o negro cortejo.
Uma mulher, Ritinha Coelho,
cobre o seu corpo nu*

*com uma esteira de piripiri.
Será sua mortalha,
a única.
Sua túnica.
Oito escravos o levam
do Forte
ao alto da Cidade
onde será sepultado.
Barco navegando sobre os ombros
aponta a direção dos ventos:
ao norte, as mãos
rota do continente.*

*O tronco o centro.
Os pés o sul
os rios da nascente.
o corpo de um morto
representando um povo.
Ave transcontinental,
selva amazônica,
pão das manhãs,
mel das colmeias,
água dormida,
ouro dos garimpos,
petróleo dormindo,
no Atlântico.
Mapa da nova República.
André entra na história
pelo fio desta espada indigna.
Nunca um governo
teve tão curta a história
e tão longa a memória.*

*Morto, André de Albuquerque
não verá mais o sítio
de onde saiu para prender o Governador.
Morto, André de Albuquerque
não verá mais a boca da manhã
sobre a fazenda,
os claros sons da moenda.*

*Seu corpo amarrado
levado por oito escravos
nu e insultado,
deserto de amigos,
é pássaro andino,
condor da voz geral,
pássaro da América,
bandeira do divino
rio do rio grande
do Rio Grande do Norte.
A terra o irá receber
como os sítios
ao amanhecer: mansa e generosa
como a terra-mãe
com todas as portas abertas.
De fogos fátuos dos fósforos
festivos haverão de recebê-lo
como se estivesse vivo.
A terra o irá receber
de corpo inteiro moldado
de um só bloco esculpido.
A pedra que o irá cobrir
será de raiz profunda
como a palavra liberdade
que escrevo sobre o seu nome.*

O MASSACRE

*Das coisas sabidas dou notícias,
E mais do que notícias, testemunho
a dor que provocou tamanho crime
que os velhos registros confirmaram.
Mortos que a morte fez mais vivos
nos livros e nos autos.
E ao nosso sentimento ainda mais:
mártires e santos e história.*

*Estavam reunidos como em redor
da mesa; antes estiveram
os apóstolos do senhor: graves e calmos.
Camponeses alguns, outros senhores do lugar,
todos irmãos na fé, todos cristãos.
Rezavam a santa missa, o santo ofício
(antevisão) da agonia da morte
da morte decidida, da morte certa.*

*Sobre eles, como negras abes, fechadas as portas,
caíram os exterminadores. Cavaleiros
do apocalipse; os negros corvos com seus
punhais. Nativos que a doutrina
de Jacob Rabbi fez assassinos. Das profundezas
infernais da fúria ancestral, a vida usurpam,
apagam as luzes que os olhos viam, peitos abertos,
corações latejam que do sangue continuam presos.
São muitos os mortos, uníssonos. Todos irmãos,*

*uma só família na sorte. Filhos da mesma
desgraça; crime que a todos atinge e que se faça
contra inocentes. As ferramentas da morte
se levantam, cumpre-se o trato de servir
ao estrangeiro e à morte primeiro.
Foi o impiedoso, o falso, o cínico,
o que veio da negra geografia do demônio.*

OS JESUÍTAS

*Sobre as águas, vieram simples e puros,
corações rejubilados para o bem,
ardentes, na fé exercitados. Nenhum estrangeiro
foi tão determinado. Nele residia
virtudes tão visíveis.*

*Nos gestos, nos hábitos sóbrios e simples
no vestir. A pobreza de São Francisco,
os gestos de pássaro nas mãos, nos sermões.*

*Desenhavam os traços da cruz em puro espaço, virgem
símbolo bastante, maior que o poder, porque eterno,
mais alto que a bandeira, flama de uma chama
que não se apaga. A cruz tosca lhes basta.*

*Ao Senhor servem na medida da cruz
seu corpo, a eternidade, que no madeiro ardeu
também a árvore do paraíso. Estavam entre os gentios
pescadores de homens. Palavra de Deus disseram.
E eles ouviram. Mas, se não dissessem, eles também
ouviriam que as palavras do Senhor
se tornam audíveis mesmo num poço*

*profundo, onde alguma luz reverbere.
Ei-lo que brilha, e fala a sua fala mais pura.
Cumpre guardá-la. Do nascimento à morte.
Que todo tempo é tempo de seu tempo
o conhece e o revela e é medida.*

JACOB RABBI

*Mas existem duas maneiras de se induzir.
Duas catequeses. O homem, sendo imagem de Deus, é também
A sua fera. O ingênito mal às vezes o preside.
Assim, Jacob Rabbi caiu sobre os indefesos aldeões da vila
de Cunhaú. Com os Janduís, fez aliança e fez-se o crime
maior que o Rio Grande do Norte dá notícia.
Assassinaram o padre Soveral, octogenário, e os nativos da
Aldeia, numa só hora (a da elevação) e de uma só vez.*

*Ei-los frios e mortos, corações que há pouco
estavam voltados para o santo ofício da igreja.
Agora, só restos mortais que nem a terra há de receber.
Assim se cumpre a trama de Jacob Rabbi, o sanguinário
que, sem saber, depois, logo depois,
(após banquete lauto, servido no Refoles por gente sua)
é traído. Morto e repartidas suas vestes e pertences,
morto da morte mais vil, morto somente.*

Nas terras do Rio Grande do Norte, nas terras
Doces de açúcar e cana, de álcoois e vinagres,

fez-se o crime maior dos Janduis.
Fez-se. Por muitos anos, mesmo esquecidos
dos filhos e dos bisnetos tão queridos, apagar-se-á
da memória o que aqui aconteceu.
Nem o tempo nem o sal, nem a cal da morte
Apagarão de nossos olhos os mártires de Cunhaú.

Estes corações que tanto amei
que na velhice branda desfalecem
e pouco a pouco em nossos olhos vêm
o olhar da última messe.
Estes corações amantes, queimando a brasa viva
da vida, do primeiro amor na doce juventude,
estes corações já não existem.
Calaram-se da morte e consumidos.

Dorian Gray Caldas

Geografia do Medo



Gravura e Texto

ÍNDICE

GEOGRAFIA DO MEDO

JACI. MÃE DA LUA

MÃE D'ÁGUA

CORUJA

O MONSTRO DO RIO NEGRO

EX-VOTOS

JURUPARI (I)

A MULHER QUE DEU À LUZ UMA COBRA PORQUE ZOMBOU DO BOM JESUS DA LAPA

BRUXA

MOLHER-COBRA (II)

LAMPIÃO NO INFERNO

LAMPIÃO NO SERTÃO DE ESPINHO E FLOR

RISCADORES DE MILAGRES

CURUPIRA

PAVÃO MISTERIOSO

JURUPARI (II)

PAI-DO-MATO

TOADA DO PAI-DO-MATO

MÃE E FILHO

BEATA

PASTORA E A CABRA

COQUISTA

GALO

ALMA DE GATO

ASSOMBRAÇÃO

RONDÓ DA MOÇA DA SERRA DO ENCANTADO

KÓAI

O CASAMENTO DE LUZBEL E OS SOFRIMENTOS DE MARIA ALICE

APRESENTAÇÃO

É com o mais vivo interesse e justiça que fazemos esta apresentação, particularizando a nossa participação nos 50 anos de atividade artístico-cultural de Dorian Gray Caldas, pelas referências que ele nos doou nas obras do nosso acervo: pinturas, murais, livros publicados em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cursos, conferências e outras atividades ligadas aos nossos programas de extensão cultural. Na oportunidade em que os segmentos mais expressivos de nossa comunidade lhe prestam a homenagem aos seus 50 anos de vida artística, juntamo-nos a esta iniciativa, fechando o leque das comemorações a ele atribuídas.

A gravura é uma das modalidades do fazer artístico deste autor, tendo nos anos 60 editado o primeiro álbum deste gênero, com prefácio de Luís da Câmara Cascudo, tendo ainda publicado diversos outros álbuns seguidamente, nos anos subsequentes, através da iniciativa privada ou de órgãos governamentais pertinentes a esta temática. O autor deste álbum dá continuidade ao seu fabulário referencial etnográfico e artístico com o tema “Geografia do Medo”, que reavalia nossa produção no campo da investigação das lendas e dos mitos populares.

Chega-nos às mãos este livro, resgate em parte das estórias do cordel em verso e prosa, na continuidade dos projetos deste artista/poeta, no campo das investigações humanas e plurais, com elaborada contextura poética e tabulária, inserindo-se na linguagem da gravura brasileira de inúmeras possibilidades, às quais hoje se destina.

De certa maneira fiel à tradição do SESC - Brasil, que tem publicado obras sobre a gravura brasileira, como é exemplo o notável trabalho com texto do nosso crítico Geraldo Edson de Andrade, “Gravura Brasileira Hoje”, Oficina de Gravura SESC Tijuca, Rio de Janeiro, 1966, coordenação de Heloísa Pires Ferreira. O SESC insere-se neste contexto, na edição deste livro “Geografia do Medo”, que permite a continuidade do fazer artístico da gravura em nosso estado através deste trabalho de Dorian Gray Caldas, obra consecutiva e representativa, voltada para os bens da terra e os valores gerais de nosso estado.

João Dinarte Patriota

JACI. MÃE DA LUA

*A índia velha da tribo
Kamayurá fez um beiju
redondo e branquinho
igual à lua.*

*Hoje a lua nasceu faltando um pedaço
quem comeu um pedaço da lua?
Foi a velha índia Kamayurá,
com certeza foi ela.*

MÃE D'ÁGUA

“O que prepondera em nosso fabulário é Mãe d’água dos brancos, vinda dos portugueses e com modificações negras.”

Luís da Câmara Cascudo

*Eis a vida em teu ventre,
a porta das águas
abertas
o leito do mangue
em teu sangue.
A lama sobrevivida
da cidade grande.
Nas tuas margens
caraquejam crianças.
Canções adormecem
barqueiros.
Tuas pálpebras*

*guardam o sono
dos mortos.
Os teus olhos conhecem
o profundo segredo
dos mortos.*

CORUJA

Joseph Freyre de Monterroyo Mascarenhas em 1716 (Os Ozires Conquistados, Revista do Instituto Histórico Brasileiro, VIII)

... reconhecem e adoram por Deus a coruja chamada na sua linguagem Oitibócuâba; e o motivo da sua adoração consiste no benefício que recebem desta ave, que, naturalmente inimiga das cobras, numerosíssimas naquele país, as espia nos matos e lhes tira a vida.

Esse Oitibó é o Noitibó (Caprimulgas grandis, Mart). Todas as Strix eram dadas a Satanás porque voavam à noite e viviam na solidão do mato virgem. Juruparim. Jurupari, naturalmente, figurava como chefe.

O MONSTRO DO RIO NEGRO

*Tremem as águas do rio,
brilham brilhos de óleos quentes
É certo que ele existe
esta besta que vive em nós
sem data e sem nome.
Flecha e arco
e a ponta do veneno.
É atávico este sangue
ancestral
esta armadilha.
Em qualquer esquina
sem disfarce
pronto e ágil
arma branca ou o negro
disparo
faz-se o laço do crime.*

EX-VOTOS

*Arrancarei os meus olhos
e te darei
para te ver.
Subi as escadas de tua igreja
sangrando meus joelhos
porque creio no milagre.
Este milagre que te ofereço.
Os mortos não carecem dele
nem faço comparação
o chão usurpa-o dos vivos
usucapião;
território e cativeiro do coveiro.
Os mortos permanecem mortos
para esta constatação.
Ex-votos
minha imagem torta
minha tosca escultura
minha pobre escultura
mas basta ao milagre
crer nela.
Libertada de mim esta dor.
Curei no meu peito a ferida
retirei de mim a chaga viva
que melhor tenho a fazer?
Concedo a mim mesmo
libertar-me do medo.*

JURUPARI (I)

Jurupari emergiu do silêncio e retomou seu lugar na primeira fila dos temas ameríndios. Fora ele o deus máximo, o deus-popular, a maior tradição sócio-guerreira do Brasil colonial. Quando sua religião não estava integral, vivia modificada, mas vivia no ritmo de cada maracá estrugindo nos silêncios rituais da ocará. Prescrições do seu ritual passam de tribo em tribo, assimiladas nas crenças locais determinando outra direção religiosa na vida tribal.

Luís da Câmara Cascudo

A MULHER QUE DEU À LUZ UMA COBRA PORQUE ZOMBOU DO BOM JESUS DA LAPA

Lindalva aí respondeu:

- Eu conheço esta manobra...

se o Bom Jesus da Lapa

de fato tem boa obra

me faça que para o ano

eu venha parir uma cobra.

Rodolfo Coelho Cavalcante

BRUXA

“A muié que pare incarriado seis fia fêmea, condo é pra tê as sete, bota logo o nome de Adão, tudo trocado, sinão a menina vem, e logo sãe Bruxa. Assim que chega no sete ano vira aquela barbuletona, entra pela fechadura da porta da muié parida e chupa o embigo das criança que morre c’o mal de sete dia, conde a parteira não é boa mestra e esquece de botá a tesoura aberta debaixo da cama da parida, onde a criança nasce” (21).

Miguel Ambrósio - BRASIL INTERIOR, Palestras Populares, Folclore das margens do São Francisco, Januária, Minas Gerais, editado em São Paulo, 1934

MOLHER-COBRA (II)

*Ela veio do fundo do abismo
da noite negra e mais espessa
como um rio noturno, sinuoso e impuro.
Veio rastejando interminavelmente
atravessando a densa floresta da memória
(a primeira memória do homem)
e de repente foi floração e luz
dolência e volúpia; o beijo para a
boca e calma para a alma
agitada do homem.
Peitos desnudos, gota marinha na boca
a saliva.
A língua sagrada; o paraíso.
A hora propícia; a hora profana.
A primeira e única certeza de
não ser um anjo incolor*

*sem a mácula do fogo. O pêndulo/pênis
da suprema vontade. A penetração
que só aos deuses era permitida.
Girava o corpo de sua alma.
Mulher e réptil no enlace
na sinuosa curva da suprema beleza.
Um dia no primeiro dia de toda
a eternidade.*

LAMPIÃO NO INFERNO

*No inferno não ficou,
no céu também não chegou,
por certo está no sertão.*

José Pacheco

LAMPIÃO NO SERTÃO DE ESPINHO E FLOR

*A negra sombra do crime
cobre o seu destino.
A mesma fera que espreita
em silêncio
o alimenta.
Onde quer que vá
o acompanha o facínora.
É a sua marca assassina
cicatriz do olho direito
exercita o outro
na hora do acerto.
Arremedo de fazenda
alguns alqueires de terra
plantada; colher, celebrar
paciência que não teve
Virgolino Ferreira.
Agricultor dos grãos
da morte
são as suas léguas
de terra.
Seu secreto tecido
de fera.
Na paisagem desolada
do sertão de negro espinho
uma flor de sangue
se abre,
seu destino.*

RISCADORES DE MILAGRES

In memoriam de
Clarival do Prado Valadares
e João Duarte

*Todos os dias
agradeço o milagre.
A palavra que salva.
Senhor, estamos aflitos: o barco
afunda.
É difícil andar sobre
as águas? O que temes,
homens de pouca fé?
Entre eles e a natureza
intercedes
Suspenso nas asas dos remos
és conduzido às águas
tranquilas.
Como consta dos segredos
das velhas escrituras.
Estes riscados de milagres
são testemunhos de fé.
Basta acreditar.*

CURUPIRA

Saindo da Amazônia, o Curupira perde o nome ao pisar terras do Maranhão. Daí em diante, é o Caipora ou a Caipora, até Espírito Santo, onde reaparece, íntegro, despercebido em São Paulo e Minas e surgindo nos Estados onde os espanhóis dominaram. No Rio Grande do Sul reassume seu aspecto de indiozinho astuto, cabelo rubro, dentes azuis, pés ao contrário, atrapalhando cavaleiros e viandantes.

PAVÃO MISTERIOSO

**Chou, chou pavão.
Sai de cima do telhado,
deixa o meu menino dormir.
Seu soninho sossegado.**
Cantiga Popular

*O pavão abre as folhas do leque.
O momento real. O magnífico orgulho.
Pisa leve como um rei. Governa a alegria
efêmera: a pose da beleza
docemente amordaçada aos pés.
A cabeça sempre erguida
como de um guerreiro.
As penas brilham seus olhos
como gotas de luz das cores
primeiras (Deus ainda não havia separado
as cores dos seus núcleos de luz, a unidade
dos círculos). Cuidadosamente passeia no jardim
o esplendor das cortes, à luxúria das bacantes
nos seus olhos frios. Embriagam-se os homens
nos rituais. Baco preside a festa
nas escadarias dos palácios.
Os seus olhos sonham os verões quentes,
as chamas dos crepúsculos.
Arrasta a cauda como uma donzela
medieval cúmplice do gesto.
Triunfa por momentos.*

*Veza por outra passa em seu orgulho
uma vertigem.
Fecha o leque. Canta triste.
É quando a criança que o observa
sente e sabe que esta ave
emigrou do paraíso.*

JURUPARI (II)

*Destinação de cupido
a certa seta
distendida.
Ponta aguda, glande.
Pícaro desejo.
Retesada no arco do índio
(todo cupido é símbolo)
nesta seta
o desejado alvo
o certo trajeto
quando mais perto
mais ereto.*

PAI-DO-MATO

Os amerabas que davam a todas as coisas um ci (mãe) como explicação de origem e defesa, determinaram a adulteração de vários mitos, formando o Pai-do-Mato, gigante protetor, antropófago para uns ou simplesmente furiosa para outros, eterno perseguidor de quem viola o segredo das matas ou destrói árvores inutilmente. Essa fusão do Curupira com os Gigantes teve repercussão imediata. Encontramos o Pai do Mato entre os Parecis do Mato Grosso ou vivendo em Alagoas e Pernambuco comodamente.

TOADA DO PAI-DO-MATO

(Índios parecis)

*A moça Camalalô
foi no mato colher fruta
a manhã fresca de orvalho
era quase noturna.*

- Ah ...

Era quase noturna ...

*Num galho de tarumã
estava um homem cantando.
A moça sai do caminho
pra escutar o canto.*

- Ah ...

Ela escuta o canto...

*Enganada pelo escuro
Camalalô fala pro homem:
Ariti, me dá uma fruta
que eu estou com fome ...*

Ah...

Estava com fome...

O homem rindo secundou:

- Zuimaalúti se engana, pensa que sou ariti?

Eu sou Pai-do-Mato.

Era o Pai-do-Mato.

**Clã do Jabuti
Mário de Andrade**

MÃE E FILHO

A Vida é Tenebrosa

Herberto Helder

*A mão é leve
sobre o filho.
Ele confia,
apóia-se em sua luz
transverberada.
Está assim imóvel
como se pensasse;
alma e corpo
deste amor
inviolado.
O filho queda
em seu regaço
desde a eternidade
e é tão intensa
esta relação
que o anjo
desce das alturas
para protegê-los.
Um dia tudo passará,
mas este momento ficará,
pois a vida é assim
enquanto exista;
sombras e mistérios
e mais
nos permitam.*

BEATA

*Saia com bico e babado
um mantinho de filó
uma chinela sem salto
uma grampa no totó.*

PASTORA E A CABRA

*A semelhança
é completa
entre a pastora
e a cabra.
Cada uma com
uma estória.
Duas formas
de solidão.
A pastora a vai
levando (ou a leva
a cabra) pela mão.
Vencendo pedra
e caminho
vencendo cardo
e espinho
a pastora
leva a cabra
pela estrada.
Que elas existam
não sei,
o caminho eu sei
é de cacto, de pó,
de pedra
e tristeza.
A pastora
vai levando
a cabra.
Irmãs
da mesma fome
com o mesmo forro*

*por dentro,
cada uma
com um destino diferente.*

*A cabra
representa
a seca.*

*A pastora
a fome.*

*Em qualquer
lugar
as duas
se completam
na pobreza.*

COQUISTA

“A meu ver o coco representa a fusão mais harmoniosa entre a musicalidade cabocla e a negra. É o verdadeiro “curiboca” da nossa música. A linha melódica continua a ter as singularidades que assinalam o canto sertanejo, em relação à tonalidade, bem como a ausência de pieguice e o espírito chistoso de caboclo.

Luis Heitor (Cocos de Jangadeiros)

Cultura Política, nº 43, 240 - Rio de Janeiro, 1944.

Éh banjo, banga êh!

Caxinguelê,

come coco no cocá.

Quebra coco, quebra coco,

na ladeira do Piá!

Quando há coco maduro

só se apanha coco lá!...

Registro de

Luís da Câmara Cascudo

GALO

Para Ferreira Gular

*Galo guerreiro
de feudo porte
serralheiro
da madrugada.
A crista aponta
lhe antecipa
o sangue
mais rouco fica
se anuncia
a própria morte.
Seu grito rubro
a manhã aclara
abre nos muros
a cal da alva
das madrugadas.
O olho oblíquo
vê e escuta:
prescruta.
Afia as garras
limalha o chão.
O rubro sangue
se antecipa
bandeiras e fitas
a rinha agitam.
Prepara (o galo)
a sua dança:
eis sua herança
de áulicos feudos
a esperança*

*da nobre sorte
da recompensa
na própria morte.*

ALMA DE GATO

*Passa pelo olho do gato
uma ancestralidade
quando fixa em mim
sua alma expectante.
Espera que lhe acene
ou lhe empurre, ou lhe traga de volta
de muitos reinos profundos.
Se põe de guarda. Para. Observa.
Depois vai. Lento e majestoso
como um rei.
Um atavismo nos põe
de alerta.
Esta é a hora mais
difícil.
Nem ele sabe nem eu
os abismos que nos separam
e tão próximos;
ficamos estáticos
como mortos.*

ASSOMBRAÇÃO

*“Fantasma, alma do outro mundo, aparição sobrenatural.
Cabelo assanhado como quem viu visagem. Apareceu
uma visagem! Forma indecisa, causando pavor”.*

Luís da Câmara Cascudo

*Nas noites, conduzo o meu mistério.
Ou sou conduzido aos limites do abismo.
Escuto os mortos que não falam,
mas revelam
os sítios onde as sombras
vestem os seus corpos mutilados.
A morte é uma flor negra
crescendo no silêncio; viva de seu próprio
sangue. Da morte se alimenta.
Mato quem amo? Morro no que amo?
Tem fim este começo da morte,
desde que nascemos?
Esta é minha alma anterior
ao meu entendimento.
Ou a minha única oportunidade de decifrar
as minhas dúvidas. Presido o encontro.
Assombro-me? É maior teu poder que a minha
coragem. Sou as águas que se curvam;
a pedra que fecha, o silêncio que me ensina a
ser apenas um homem no homem.
Assombração é uma flor noturna
crescendo no meu peito,
a morte que não vemos,
mas sentimos seu assomo.*

RONDÓ DA MOÇA DA SERRA DO ENCANTADO

*Azul-escuro o céu se fazia
sem nenhuma arquitetura
só de azul como a tela
recebe a cor da pintura.*

*E neste azul mais azul
que a paisagem a veja
ela vestida de luz
era uma visão malfazeja.*

*Em campo de trigo andava
como um lírio da prece
a moça com sua luz aclarada
pelo dourado da messe.*

*Dá-me o silêncio do sábio
e a linguagem dos pássaros
pra festejar esta lembrança
mesmo sabendo os contrários.*

*Cabelo dourado, solto
como a palha do trigal
levitava o lírio do campo
com seu mistério fatal.*

*Adeus, longas promessas
no despertar dos poentes
já não a vejo, se esconde
entre as sombras dos ausentes*

*É apenas um sortilégio
na luz pura da tarde
entre os campos de trigo
a moça do encantado.*

KÓAI

“Das cinzas do Kóai nasceu a Pachiúba. Por esse motivo é que os Aruaque fazem desta palmeira as flautas que tocam quando da iniciação dos rapazes do mencionado culto”.

Carlos Estevão de Oliveira - Uma lenda tapuia. Os Camijó de Águas-Belas, p. 523. Separata do tomo XVII, parte 1ª da Revista do Museu Paulista, São Paulo, 1931.

O CASAMENTO DE LUZBEL E OS SOFRIMENTOS DE MARIA ALICE

O Casamento de Luzbel e os sofrimentos de Maria Alice e o seu triunfo ajudado pelo seu Anjo da Guarda, de Luiz da Costa Pinheiro, editado em 3 vols. por José Bernardo da Silva, Juazeiro 23.06.1957.

*Seu pai tem para lhe dar
um bom cavalo selado
porém você não queira
porque só anda vexado
prefira uma jumenta
que ele tem no cercado.*

*Quando forem de viagem
ele dirá sem carinho
anda mulher!
Você diga: vá sozinho
para mim não há vexame
eu também sei do caminho.*

Dorian Gray Caldas



Poesias

ÁGUA DAS ÁGUAS

Capa: Adriano Gray

Ilustração: A grande onda. Autor: Hokusai

Somos as águas das águas
primeiras, e as últimas.

ÍNDICE

ÁGUA DAS ÁGUAS

AS PALAVRAS DE AMOR

SÓ TENHO RAZÕES PARA DIZER

ESTE MAR REVERBERA

DO ALTO DA POESIA

VAI-SE A VIDA NESTA VIDA INSANA

SE VEM O DIA

E SE TENHO CAMINHOS

A CASA

PARA XAVIER PLACER

PARA GUILHERME DE ALMEIDA, PRÍNCIPE DOS
POETAS

PARA EDNA ST. VINCENT MILLAY

PARA CAMÕES, PRINCIPALMENTE DO DÉCIMO
CANTO D'OS LUSÍADAS

ORAÇÃO À NOITE

NO CAMPO

NATAL

NO MUSEU DO PRADO

MENSAGEM

LEMBRANÇA

IN MEMORIAM DE DONA LIA

JORGE DE LIMA II

DO ALTO DA POESIA

DRUMMOND REVISITADO

DUETO PARA SOPRO E CORDA DE JORGE TUFIC

AS COMEDORAS DE BATATAS DE VAN GOGH

DE TUDO O QUE ME RESTA

SE TENHO PALAVRAS

CAIR DA TARDE

A SOMBRA DO SOL POSTO

A HORA DO *ANGELUS*

CASA GRANDE DO ENGENHO MERERÉ

RETRATO NATURAL E OUTROS RETRATOS DE
CECÍLIA MEIRELES

DA NOITE

POEMA AINDA PARA EDNA ST. VINCENT MILLAY

POEMA DO SERTÃO

POEMA PARA CAMÕES

POEMA AINDA PARA EDNA ST. VINCENT
MILLAY - II

POEMA PARA WANDA

POEMA PRINCIPALMENTE PARA CARLITOS

PARA NIEMEYER

PRIMEIRO SONETO DA AUSÊNCIA

QUE ESTES VERSOS ME SALVEM

RETRATO NATURAL E OUTROS RETRATOS DE
CECÍLIA MEIRELES II

SEGUNDO SONETO DA AUSÊNCIA

SEJA

TRIUNFO

VENEZA REVISITADA

VERDE QUE TE QUERO VERDE

POEMAS TRADUZIDOS E POEMAS PARA OUTROS POETAS

CHANSON D'AUTOMNE

CANÇÃO DE OUTONO 1ª versão

CANÇÃO DE OUTONO 2ª versão

GREEN

GREEN tradução

O POETA EM BELO HORIZONTE

LIBERDADE

POEMA EM PROSA

1999-2000

SONETO PARA DORIAN GRAY CALDAS E "OS DIAS LENTOS"

A MORTE NA CALÇADA DA CANDELÁRIA

O PEREGRINO

OFÍCIO

DUETO PARA SOPRO E CORDA

DIA DE FINADOS, MÃE

LE SYLPHE

O SILFO

L'HEURE EXQUISE

A HORA ESQUIVA

TRISTESSE

TRISTEZA

RONDEL DE L'ADIEU

RONDEL DO ADEUS

BONHEUR

FELICIDADE

BRISE MARINE

BRISA MARINHA

LE DORMEUR DU VAL

O DORMINHOCO DO VALE

SERVANTE

CRIADA

LUTTEURS

LUTADORES

LOCUÇÕES DOS PIERRÕES, 10

CRÔNICA DE UMA VIAGEM DE TREM INTERROMPIDA ALGUMAS VEZES.

AS PALAVRAS DE AMOR

*As palavras de amor
que foram ditas
perderam-se na memória dos dígitos.
É preciso soltar o grito abafado
na garganta no desafio dos recados.
Dos novos contrapontos,
revelados.
Teleguiado pela seta
um palmo de janela
na luz computadorizada
revela-me
os mil assuntos:
o homem, a ponte,
o rio Hudson,
o metrô de Paris,
uma tribo na Malásia.
O lúdico, o luxo, a luxúria.
Não sonho. Vejo, constato;
contacto, comparo.
Neste laço que tanto anima,
desatina.
Na hora todas as lúdicas medidas,
a fantasia me deprime
ou exalta;
da mesma história
sou medida e personagem.
Preso ao nome,
o que não se gasta
se consome.*

*No dicionário, danço o balé
ponho a máscara arcaica
ou escalo a alta escarpa.
somos tudo isso
mas se distingo
na máquina
o que de humano
me escapa
recolho-me à casca.*

SÓ TENHO RAZÕES PARA DIZER

*Só tenho razões para dizer,
não desprezo o dia.
A mínima vibração do vento
faz na leve pluma,
encantamento.
Da rosa mais vermelha
a humana leveza.
Cintilações de luz
abrem espaços
nos intervalos das palmeiras.
A tarde consome-se
nestas gotas de luz,
seu nome.
É longa a tristeza. O dia é breve.
O meu primeiro passo
é em direção
aos verdes na luz*

*e seus contrastes.
O mar guarda
um azul velho
da origem que a palavra
não revela.
Na própria cor que o repete
viajam lembranças febris
variegadas sombras
náufragas e mutáveis.*

ESTE MAR REVERBERA

*Este mar reverbera
escamas frias,
escrevo palavras,
vazias?*

*Existe tanta luz
nos seus olhos
por que pensar
na solidão,
agora?*

*A luz da manhã
faz a canção
por que hei de pensar
na morte
em vão?*

*O verão me queima
as mãos.*

*A tarde é bela,
exorcizo a canção.*

*Os mármore
são águas duras
por que não amei
as criaturas?*

*Sobre os leitos
morrem os velhos.*

*Cai a tarde devagar
na hora crepuscular.*

DO ALTO DA POESIA

*Do alto da poesia
estou só
tantos séculos aos meus pés,
e poetas acompanho;
sou limo e lança: gargântua.
Musa, quisera ter da beleza
a palavra do meu sonho.
Certeza que não morre;
são energias que se movem
contrárias à minha mão.
Forças tão latentes
que nascem
sem alarme,
da eternidade.
Quedo-me quieto e constelado
sem saber que a própria energia
desenvolve e gasta num momento
a luz e a treva
de mim,
anjo rebelado.*

VAI-SE A VIDA NESTA LIDA INSANA

*Vai-se a vida nesta lida insana,
enquanto a noite procura a minha sombra.
Refaço as folhas miúdas,
do mesmo galho da árvore, destruído.
O som que vem da floresta
em contralto
é o mesmo do trapezista
no seu salto.
A vidraça partida não disfarça
a trajetória que a estilhaça.
Se não sei do som e do átomo primeiro,
por que este desencanto e sobressalto?
O que trago de mim te ofereço.
A mesma mão que procura o mel,
procura o fruto azedo.
No abandono da hora do retrato,
outro de mim se ocupa do disfarce.*

SE VEM O DIA

*Se vem o dia,
tenho que enfrentar
a síndrome do medo;
a morte a qualquer instante,
na rua imprevisível se instala,
no verde e amarelo ou vermelho
dos sinais;
o alerta: não pense,
não avance.
O sangue é o mesmo
no aço que o consome,
não precisa de nome.
No trânsito o relógio marca
a hora do delito
na ausência do grito.
Estamos no conflito
disfarçados de cidadãos;
pasta, óculos, gravata,
jogral ou bailarino,
equilíbrio de homem ou de menino.
A sombra que me acompanha
de frente ou de lado,
anjo pardo,
cai do alto de mim
como uma capa.
Vou ao sol sobre as ruas
e avenidas;
transeunte febril,
ignoto bicho,
que tivesse saído para a luz*

*no desconforto da cidade grande.
A mão que cumprimentava
o conhecido,
procura agora no bolso a arma.
Da mesma insegurança somos
e da mesma origem;
o crime e o castigo.*

E SE TENHO CAMINHOS

*E se tenho caminhos,
sejam estes: (Walt Whitman)
que a relva ensina-me.
Como é simples morrer
como é difícil a vida.
Um poema vale a pena?
Estou só ou me divido?
A sombra cai devagar
na água.
Somos esta sombra
que se deita
ao lado de nossos cansaços;
e logo me toma
e logo me sussurra;
seu tempo é meu;
seu rosto
é meu disfarce.
As máscaras antigas
são todas verdadeiras,
hierárquicas medidas,*

*ainda hoje
elas cobrem o rosto anônimo,
o morto sem nome.
Esta chuva imprevisível
molha os retratos antigos,
faz a paisagem abstrata
mais exata;
enquanto a palavra,
rumor de água e flauta
no esplendor de sua luz
ronda a nossa porta
a hora morta.*

A CASA

*A casa me devolve imemorial
a secreta geografia dos seus quartos.
A sala guarda os sons abafados
das visitas que não falam;
bocas de ramos frios. Chaves secretas.
A espessura dos móveis; a intimidade
guardada em suas arcas heranças
de antigos dias em desdobradas lembranças
e úmidas raízes de chuvas e silenciosos
sofrimentos. Os que partiram ficaram
na essencial sílaba do vento.
Os mortos nos sobrevividos
recantos escuros e fechados procuram
a intimidade mais secreta; agonizam nos leitos novamente.*

*Continuas, mãe, a repartir o pão
na medida da fome e do afeto.
As cinzas dos corredores, as claras vestimentas
para as festas. A hora de reunir
a família e celebrar os natais;
sendo festa a parcimônia virtude
da exata euforia; o pão e o vinho
os cristalizados frutos, na medida exata.
sem excessos.*

*Na sala não entro mais. Lá não encontro
dos vernizes do marquesão e das cadeiras
os cheiros das madeiras (imbuia, pau-cetim),
nem da palhinha, a trança bem fiada
do artesão; palha de lembrança ardendo
como o carvão de lenha com escamas
fosforescentes de lagartos; gemas de luz
reverberando no metal de sua réstia de sol
na pedra escurvada. Áspera.
Estas lembranças me avisam
que o tempo gastou em mim o sentimento.
Com a severidade de um deus
devolve-me apenas o que guardei.*

II

*São flores das roseiras que plantaste
na terra em teu jardim (minha mãe)
nele só querias colher rosas vermelhas.
são potes de água fria conservados
para a serventia da família; e os guardados
da cômoda com três espelhos besurados
(o móvel mais íntimo da casa) as roupas
de vestir e cobrir, guardavam nossos
cheiros, suor e nossas lágrimas.*

PARA XAVIER PLACER

*Recolhido te vejo num pórtico grego,
decifras os elios e passeias
a eternidade. Nada tens de obscuro.
O gesto humano e simples:
o enigma está na pedra ou está no homem.
Ser poeta confere o sobrenome.
Placer do qual veste os ramos
eruditos. Homero passeia em teus jardins.
Calope tece a tua tnica
em Colossos, nos lírios pintados
nas paredes, bordados em ideogramas.
Faço a homenagem
ao teu soneto raro.
Lembrar-te reacende a chama da poesia,
o sonho  mais profundo que o homem.
Quando perseguido, rosas brancas acendem
e te ofereço.
Asas de pássaros cúmplices
do eterno.
Todos nós sonhamos ir
aos astros.

Ad sidera semper!*

PARA GUILHERME DE ALMEIDA, PRÍNCIPE DOS POETAS

*O relógio de mogno parou
na hora de outrora.
Uma sombra de mulher
que se evola no passado.
Estatueta de faiança
no compasso de uma dança.
A alma dos Gobelins
tecida no tapete;
o espartilho
que modela o corpo bailarino,
neste minueto de porcelana
talvez sobre o marquesão,
conte a história antiga dos amantes
que por uma vez primeira e única
se beijaram numa eternidade;
sonho e flor.
Um sábio porém lhes diz:
creias no destino,
ele te dá e nega
com a mesma complacência
e a mesma usura.
A vida não vale a pena
o sofrer das românticas criaturas.
Dentro da própria morte,
existe o “encanto de morrer”,
já dizias.
O poeta aceitou a própria sorte,
que é de todos nós sabida
que já morremos quando vem a vida.*

PARA EDNA ST. VINCENT MILLAY

*Foi pelo tempo cantando
o instante do amor e das belezas
prudente e cuidadosa
como um florista cuida do seu jardim
sem ter pressa,
sem o amargo travo
dos seus irmãos poetas,
mas convicta que assim fazendo
canto de amor
sem medida e sem reservas –
cumpre o seu destino
e nos doa
ó poeta, as mais belas estrelas
do teu jardim em festa.*

PARA CAMÕES,
PRINCIPALMENTE DO DÉCIMO CANTO D´ OS LUSÍADAS

*Lembro-te e exalto-te
na muita lauda antiga
e muito lida,
de saber-te amargurado
pela dor dos feitos e dos fados.*

*Se a memória guardou e descontentes
tuas amadas gentis,
desfolhos d´ alma
por certo lhes faltaram
nas rosas que lhes ofereceste
o talo amante.
Dormem nos seus leitos
duros de mármore
os reis e os santos.
Inês é morta.
A chuva que desaba no Chiado
é a mesma do Mosteiro dos Jerônimos;
entre fados dolentes e bordados
mouriscos,
ó soldado e nobre cortesão
da poesia,
ó Camões, broquel de filigranas
e Epifanias, quando alevanta
o cantar mais alto
e as lutas e as glórias lusitanas.*

ORAÇÃO À NOITE

*Proveito nenhum me concedes,
ó poetas.
Tens e eu tenho
estes demônios e paixões
previsíveis, possíveis.
Tantas coisas amamos,
outras dispensamos
sem darmos conta que efêmeras são
aos nossos olhos,
tão importantes
e completas se apresentam.
Não feche o livro,
não revire a página mais bela
à alma do poeta,
tudo se reduz em palavras.
Não espero mais a primavera.
Não cubro o sol
com a mão escura.
Vê, levantam-se as cordilheiras
onde eram planícies.
O mar separa continentes.
Tua palavra também pode falar
em deuses imprevistos.
Senta-te à sua direita;
tens direito ao sonho;
tua mão escreve
e aponta o paraíso.*

NO CAMPO

*Doura nos campos
a flor dos fenos fenecidos;
diuturno viajo;
é meio-dia.*

*Na curva do caminho
a surpresa do verde,
as mangueiras floridas
redondas as sombras deitam no chão.*

*Estamos a caminho,
o trem é longo e estreito,
coleante, uma centopeia de vidro,
viajamos.*

*A tarde começa a fazer sombras
nos campos distantes;
dobrados montes.*

*Sonoleio meus olhos
vendo o verde entre outros verdes,
verdes.*

*Uma casa branca
entre bananeiras.*

*A ponte salta do azul do rio;
penso distâncias
sonho cidades,
montanhas azuis,
largos crepúsculos demorados.*

*Estamos noturnos agora,
a estação regurgita de estranhos;
de repente o rosto do pai nos assalta;
a noite avança e apaga a lembrança.*

NATAL

*Não te encontro, pai,
é noite de Natal.
A casa presides.
És a festa.
O pão na mesa, o vinho,
o linho, a mesma expectativa
na hora do relógio.
A sobremesa.
Tudo está pronto, pai.
Tudo é surpresa.
Eis que chegas.
Ninguém percebeu esta mudança
mas a noite que a vestiu
sabe de quantas sombras
valem-se os mortos na lembrança.
Um gole de vinho
não te faria mal;
saudemos a vida
enquanto aqui estou
e te consagro.
A morte não nos venceu nem triunfou.
Sou. Somos
iguais a estas estrelas distantes
na mecânica que nos move inexoráveis
luzes do mesmo nascimento
e da mesma morte,
independente dos deuses e da sorte.
Foste e ficaste
estranho hiato,
que só pode ser medido
em outra eternidade.*

NO MUSEU DO PRADO

*A um canto do Museu do Prado,
vejo os velhos de Goya neste quadro.
A sopa rala tomam
ou procuram no fundo do prato
o claro-escuro.
Qual retrato antecipado
em preto e branco,
os velhos falam?
Confabulam sobrevividos pelas tintas,
suas vidas.
Crânios expostos,
qual no busto de Palas, de Allan Poe,
O Corvo,
"Nunca mais".
São dois velhos cretinos,
desdentados, que a arte fez
sem nomes e sem glórias,
sem títulos
nem brasões,
deserdados de tudo
e de qualquer hora,
estes personagens
saídos da "Quinta dos Surdos"
ou das bruxas, na medida da arte,
ou na vã medida do homem,
que o gênio de Goya
na arte nos reclama.*

MENSAGEM

*A minha alma ainda sonha
à sombra de um deus em seu princípio.
Lá onde começam os desafios e as Parcas
tecem a vida e a morte
confundidas,
com a mesma indiferença
que os deuses nos fizeram
levantar do chão,
a principiar
na vida.*

LEMBRANÇA

*Dá-me tua paz antiga,
água mansa reprimida.
Dá-me o desperdício da vida,
a tarde na tua porta
uma lembrança morta,
uma luz que se acenda
no teu rosto
onde viagem centauros de vidro
espelhos partidos.
Dá-me a inquietude da vida,
o trigo do teu cabelo,
os domingos fluviais,
as ioles singrando os rios,
o verde do mangal,*

*as velas dos barcos
saindo da barra do rio;
dá-me as distâncias memoráveis
os Itás no cais das tardes,
dá-me os novembros e os dezembros
das luas vesperais
dá-me outros janeiros e os verões primeiros.
Vêm de longe estas lembranças
vêm de longe e se apagam
nas vacâncias
como estas chamas crepusculares
deitadas nas calçadas.*

IN MEMORIAM DE DONA LIA

*Tudo que tiveste
esteve sempre ao alcance de tuas mãos,
longe dos teus olhos.
Nenhum horizonte fez a curva
do laço,
embora eu saiba que toda a curva do céu
agora te enlaça.
Tudo que tiveste, desfez-se em minhas mãos
num quarto de hospital.
Não guardaste em cofre
nem confiaste a estranhos;
o sangue é que mata.
Mas tudo que te surpreendeu
fez-te mais humana e mais doce;
exaltada clara chama de luz.*

Lia.
Basta-me a hora crepuscular
para saber que estás tão perto de Deus
e tão longe de mim
no último afã,
quando a morte veio sem pedir.
Aí...

Requiescat in pace!

JORGE DE LIMA II

“A sombra da noite” já desce e se insinua;
o acendedor de lampiões
ainda caminha, numa rua
que o poeta elegera,
nos seus quatorze versos memoráveis.
Segredos de harmonias,
vibrações pensadas,
vário e sereno,
que o exercício ensina ser prudente
e ao mesmo tempo
austero e comovido.
Ó Jorge de Lima,
meu poeta preferido;
das flores negras,
dos calungas
e cafuzos,
das ladeiras da gamboa
e dos terreiros de macumba.

*Zambé e Antonio do Bambé
e de Angola,
da farofa da moqueca
e do quiabo
e dos negrinhos
molecando esmola
nos mercados
da Bahia e dos banguês
e dos sobrados
da velha Alagoas dos Palmares.
Eu te saúdo, Jorge de Lima,
faço-te o elogio,
poeta do meu povo;
de todos os santos e pecados.*

DO ALTO DA POESIA

*Do alto da poesia sonho a vida,
sou eterno nesta hora,
aberto à fúria da palavra
e à censura de quantos aprenderam na cartilha,
à maneira antiga,
o verso de Petrarca,
ou gritar nas rimas da alma.
Que importa, a vida é larga,
passa como um leão,
atravessa a savana
a passo ou ao salto;
que ir entre o que é vivo
já me basta.*

*Não teço filigranas
nem prendo ao laço o pensamento
nestas prendas tão sutis,
outras tão belas
das rimas dos tercetos e dos versos;
haste do anel meu verso tem
a minha
desfigurada rima,
o meu mudo espanto
de me ver deitado na infância
de encontro à curva,
deste curvo mundo.*

DRUMMOND REVISITADO

Para Carlos Drummond de Andrade.

*Se escrevo uma palavra,
ponho a tua poesia acordada.
Volto aos teus mitos
pretéritos.
Faço da água rasa
uma cascata,
o mar se levanta
além das fontes claras.
Piso o chão de Itabira,
os teus mortos-vivos
visito.
Onde se esconde o vento
sopro um novo sentimento.
sentimento do mundo.
Descarnado à luz do dia
nas escamas da poesia.
Reinvento a madrugada
no assoalho das estradas.
Escuto o vento nas asas da graúna;
refaço o chão de Itabira,
ferro e sangue em tuas fontes
de luto
se reúnem.
Quem me escuta sabe
que tudo é fonte
se a alma não se esgota
que a alma cumpre
o renascer da hora.*

Vê, o vento atropela
o menino na bicicleta.
Brinca na grama
e aclara no teu jardim.
Não toques na grama,
não desarrume a natureza.
No coração tudo é surpresa.
Drummond atento observa,
clara acordada passeia
reinventa a eternidade,
reorganiza a natureza.
decifra o claro enigma,
o coração está seco,
mas a poesia se renova.
Dói saber que Clara não existe,
é apenas uma notícia
no arquivo dos dígitos.
Dói saber que os ponteiros
do Rosário já marcaram
a hora de ir embora,
de desertar de tua mesa
com todos que te faziam a festa:
ah! que festa hoje os poetas te fariam,
meu poeta.
Ferros que pulsaram
nestas sombras de Itabira
que o poeta fez com ternura
no mel das abelhas silvestres,
na luz que avança
nas madrugadas

*que o tempo e teu silêncio
lhe reinventam
nesta hora prolongada
além do pêndulo frio
do relógio do Rosário
havia flores e horta
e natureza morta.
Havia o púlpito da igreja
e as flores do humilde jardim
dos altares esculpidos
de Mariana
libertadas da nave principal
viajam na noite inaugural
como uma barca florida
até confundir-se com as estrelas.
Alvura destas poeiras
nestas noites de Itabira.
Dormem nos leitos as meninas,
os fantasmas e os doentes,
heranças do boitempo
que tanto se oferece ou oprime
o nosso orgulho de poeta
que antes de ti não sabia
que na memória desses altos
os anjos desses altares
e esse remorso da história
te fizeram poeta maior;
maior que as Minas Gerais,
cobre a terra-brasis,
invade meu espaço de chão,
me conduz ingovernado
no usufruto do tempo,*

*sem revolta e sem descanso
de ser poeta menor,
mas aprendo-te a lição
na conversa transitória;
também converso contigo
reinvento a tua história
que a chama, a luz da poesia,
não se apaga da memória.*

DUETO PARA SOPRO E CORDA DE JORGE TUFIC

*A cada hora constrói-se o sonho;
uma parte dispões a outra
não te pertence. Ao vento voa,
pássaro, a outro continente.*

*Não sei se faço assim
o elogio, poeta maior que
reconhece, a vida
"não comporta imagens".*

*Mas ao ler teu dueto
sopro da alma, corda
do teu peito,
certamente fica meu canto
mais alto e iluminada
alma,
"à íntima centelha".*

AS COMEDORAS DE BATATAS DE VAN GOGH

*Elas estão ali sentadas
à luz dos lampiões
em tons e meios tons,
são da cor da terra as aldeãs.
Tão perto da terra estão
as comedoras de batatas;
dobras profundas das roupas
pobres, no desenho de Van Gogh.
Os pés e as mãos marcadas
desta luz invisível do destino.
Fiquei por longo tempo
no Museu, num canto mais propício,
doendo em minha alma
a dor e o grito, que Van Gogh
revelou neste retrato.
Uma dor antiga e tão pungente
que certamente não precisa de palavras.*

DE TUDO O QUE ME RESTA

*De tudo o que me resta
a paz dos campos se a tenho,
a sombra sobre o pátio se a vejo,
os olhos tremulam à sombra que se perde
e que retenho.
Outro dirá de mim
se fui poeta,
refúgio incompleto e doce encanto:
já não sou.
Não mereço a rima nobre nem o arrependimento;
o verso é lasso
e já nada escrevo
nem prendo ao laço
a rima que me prende
ou que sirva de conforto ao pensamento.
amparo-me nestes versos que faço
e que me explicam,
em dois espaços.*

SE TENHO PALAVRAS

*Se tenho palavras,
festejo a sombra que inaugura
o teu rosto em claro-escuro.
A alma espera o milagre.
a lâ é antiga
e cobre os teus pés.
Teu corpo resplandece.
Exploro o continente de tua alma
na sarça do tempo antigo,
a vida me toma de surpresa
e mata minha certeza.
Um a um reponho
estas tábuas,
cubro minha casa
com o cedro perfumado,
acendo uma réstia de luz
ainda consumindo-se
na chama do teu rosto;
que pouco a pouco se apaga
nas últimas sombras da tarde;
sombras dos exílios,
dos vagos vestígios.*

CAIR DA TARDE

*Estavas. Cadeiras na calçada.
Tarda a lembrança,
toda lembrança tarda.
O avô põe em concha a mão
no ouvido para sentir os sons dos pianos
seus ouvidos quase surdos.
quem tocava na noite uma sonata de Beethoven?
Ao apagar do dia, acendiam-se as lamparinas,
um fauno reverberava
rebatido das tisanas, das cinzas dos telhados.
O pão bíblico do dia
dourava a casca fria.
A luz vinha cobrir nossos olhos
com outra luz mais longa
na servidão da hora.
Sobre os lençóis da noite
esta neblina
cadeiras de palhinha
de encontro a um céu em contraponto.
A mãe costurava;
ponto de agulha
a linha prendia a túnica inconsútil.
O pão exato na mesa
e regalo da manteiga.
Mãe, costuravas camisas e afetos.
Leve é esta flor dos teus cabelos,
o tempo preso na marrafa antiga,
o sopro de flauta (um pastor anda à procura da amada)
e uma canção distante
desperta o lume da saudade.*

A SOMBRA DO SOL POSTO

*Minha vida se apaga como um sol.
Apanha-a e guarda-a.
Ao ler este poema, escuta
o mar quebra na praia sua areia,
seu rumor de água,
desata as pequeninas luzes
entrecortadas de pontas agudas
com miríades de estrelas.
Pisa nestas luzes
por um instante;
somente neste instante
a eternidade te permite
ser eterna – estrela radiante.*

A HORA DO ANGELUS

*Escuto um sino lento
por sobre a margem oculta
do meu pensamento.
sino da igreja longe
na paisagem verde.
esta hora trânsida
na calmosa sombra
deita-se por detrás
dos montes e horizontes.
Onde as velas brancas*

*as enseadas calmas,
estas praias largas,
estas águas claras,
que as aves tardas,
vão por sobre ilhargas,
entre o céu e a terra
destinadas vagas?
Pastor com seu rebanho,
quando o sino da aldeia
toca lento e brando,
nestas margens vagas
do meu pensamento.*

CASA GRANDE DO ENGENHO MERERÉ

*Há uma chuva miúda
caindo nos telhados
de papos de andorinha
nos terraços da casa grande do engenho Mereré.
As sombras deitadas
demoradas, largas paredes sobre a paisagem
que jamais se finda no engenho Mereré.
Há segredos nestes quartos;
sombras de antigos moradores
guarda-louças e baús fechados,
há oblongas e esconsas paredes,
matéria e essência de outros
tempos que apenas se adivinha,
no engenho Mereré.*

*Parece-me ver o avô na escama dos espelhos
caminhando em direção ao rio;
lá fora o milho já bonecou,
as derradeiras espigas ao sol
reverberam o acre e doce ácido do dia.
O morador fartou a miunçada,
no terreiro cobreado do sol posto
entre as serras azuis ao longe,
são as sombras que descem nas cinzas,
do presumível cansaço das distâncias.*

RETRATO NATURAL E OUTROS RETRATOS DE CECÍLIA MEIRELES

*Retrato assim cativa
de si mesma e este rosto
que não se revela
não conta sua estória
Cecília, Cecília Meireles.
e nem se adivinha
seu “mundo feito de outra vida”
do alto azul do mar
ó viajante, que tendo
atravessado os céus de tal
maneira
ainda encontra na terra
companhia,
entre coisas simples:
a montanha e a casa,
a horta e a rosa.
o silêncio quando a tarde desce,
na paz de alguém que morre,
na prece que se escuta
não se sabe onde,
ou na estrela distante,
que outra vida acontece
de repente;
sentimentos assim
tão delicados,
não cabem certamente
no coração do homem.
Cecília, Cecília Meireles,
em ti certamente encontro.*

DA NOITE

*Seja a noite agora.
o mar se afasta,
e toda lua do alto
espaço gira lenta
e baça.
Taça antiga
de esmaltada ágata.
Soluça o violino
em qualquer lugar
ou praça.
Unamuno entende este soluço,
Verlaine vê e chora
entre as árvores mortas;
torpor que não se explica,
dor que não se esgota;
alma que não alcança
nem se revela
nesta alta chama fria desta lua;
flama antiga consumida.
vem, sobre escarpas altas, lua
conheço os seus jardins;
estamos sós
e tarda a hora;
apaga os sonhos
e modela as sombras
faça-se mais profunda
e mais sublime aos sonhos dos versos;
escreva, poeta,
na ponta dos seus versos
um raio corta a palavra da poesia
e a eleva,
isto nos basta.*

POEMA AINDA PARA EDNA ST. VINCENT MILLAY

*Belas de luz amarelas
estão as acácias.
Edna.
As portas estão abertas
o vento tarda e canta em festa
sua canção de luz e dança;
fausto de um antigo rito
morte e esperança
a luz se estilhaça
contra a pele invisível da tarde.
A vida nos espera
ou nos basta.
o sol do meio-dia
queima os pés dos mendigos.
A dor é muda.
O dia é denso e várias
avinagra na linha do horizonte
o fumo do navio.
A hora avança como um corcel de vidro
solto no campo.
Uma mulher leva um filho pela mão
e tem esperança.
Reinvento a hora e o pó,
confirmando a herança da história,
Homero é um nome só
na Odisseia;
a mesma hora
faz o tempo peremptório.
toda hora é morta.*

POEMA DO SERTÃO

*Das coisas não sabidas
dou notícia,
vou tecendo certezas do que digo
procurando na dura aceitação
da terra adusta
a ousada empreitada do sertão.
Sem máquina que lhe triture a terra
forrageira de verdes, para o gado,
silos e cavadas covas, extenuadas
da safra colhida em bom inverno,
que os maus foram consumidos
pelo inferno,
de mil bocas famintas. Assim
se unem na dor, o sofrimento
em frentes de trabalho,
os cossacos
de todas as regiões apatriadas,
sem nome, emergentes, refugados,
que ao sol quebram pedras,
e removem a mesma pedra
que lhes dera sustento
e só a braba caatinga
faz a diferença entre o sol que
destrói e renasce, sempre.*

POEMA PARA CAMÕES

*Tanto mar nos separa,
ó lírico guerreiro,
que tanta lida e tanto brilho
nos levou cantando o belo arremate.*

*da flor mais alta do parnaso
da gentil amada que partiu e ficou,
posto que é morto,
o sentimento que a eternizou.*

*Efêmero desejo, florilégios
o verso é efêmero, o sentimento é profundo,
sabe-se que a glória é efêmera.*

*O futuro em brasa viva não grava o amor
tão verdadeiro por tudo que é belo
há de florir sempre teus enredos.*

Os feitos e as glórias dos poetas portugueses.

POEMA AINDA PARA EDNA ST. VINCENT MILLAY - II

*Ó graciosa mulher que nunca vi
por retrato
em preto e branco.
apenas um desenho
e logo penso teus olhos
eram verdes ou azuis,
negros não eram,
pois o brilho que disfarça
tanto sentimento
deve ter cor;
e que mundo Deus nos deu,
minha querida amiga,
“demasiado belo” dizes,
efêmero, digo.
Demasiada efêmeras nossas vidas;
não me conformo,
grito no meu canto,
escavo o mudo chão
para ouvir as vozes que se foram
e elas ainda me falam,
as vozes memoráveis,
“cinzas adoradas”.
Onde me refugio, não encontro paz,
nem resignação;
não preciso dessa mão que me apóia
como se estivesse à beira do abismo;
nem temo cair no meu próprio túmulo
sem tampa e sem fundo;
não, Edna,*

*“graciosos e belos vão os estudantes para as aulas”;
mas eu não me conformo de partir
quando florindo estão
os belos crisântemos
nos jardins.*

POEMA PARA WANDA

*Logo após o café da manhã,
ela se sentou à cadeira
e se pôs diante do mar.
Horas e horas
diante do mar.
Por que este fascínio
esta irresistível atração?
A água
quebra diante da pedra
ou espalha-se em espumas brancas
na areia molhada,
digo, são mistérios,
são o orgulho de Deus sobre nós,
nem ousamos perguntar
onde se reúnem,
em qual recanto deste mundo nascem
e se entregam na areia singular
das águas rasas.
As horas passam,
mudas de lugar
e pensamento,
a cadeira já não está diante do mar*

*que sempre espera.
Assim presa ao anel invisível
no qual gira incessantemente os mundos
um gemido de tristeza
vem de longe,
assoma toda a linha do mar
como se fosse um deus em abandono.*

POEMA PRINCIPALMENTE PARA CARLITOS

*Não é só o homem que resulta do homem;
de sua permanência de sua circunstância;
se lhe acrescentamos o sonho,
se lhe recolhemos a imagem
na exaltada penumbra de um cinema,
menino ainda viajo também
por uma estrada empoeirada;
pés cambaios,
paletó curto, botinas de cossaco,
gravata de nobre;
chapéu e bengala,
flor na lapela:
a flor da ternura humana,
para o olhar da cega,
a amada entre flores
ó violeteira,
quando ainda havia violeteiras na cidade;
ó luzes da cidade,
o primeiro encontro,
a primeira surpresa,*

*o primeiro equívoco,
na surpreendente alegria,
na nobreza solitária:
não eras.
Não tinhas nada a oferecer,
só esta flor roubada,
só a natureza da íntima doçura
desta tua face.
Ó saltimbanco, dançarino de tango argentino,
do Charleston do fim de século,
a música que estremece
as tábuas de um cenário improvisado
da United Artists;
tu que mal sabias do sucesso,
num circo improvisado;
o rito natural da vida;
o cachorro que o persegue,
quedas e tropeções,
pela vida vais levando,
mímico, trapezista / trapaceiro
do chão na linha imaginária de cordão;
herói perdido entre vidraças partidas
e a pedra lançada contra a polícia,
a sociedade, a páfia dos poderosos,
a páfia sobrevivência dos pobres;
os dejetos, o charuto apagado,
o cigarro, a bagana novamente tragada
ao gosto do fumante.
a revisitação da cama;
os lençóis dos leitos vazios;
as camas indigentes
e todos os que dormem*

*ou morrem nos albergues noturnos.
Toda a compulsão, todo desespero
de não ter direito entre os eleitos,
de repartir o pão com a amada –
a fome que o aguarda:
a sola dos sapatos,
os sublimes macarrões dos cadarços;
os pregos suculentos;
a doce e lenta morte num barraco,
rodeado de neve à beira do penhasco.
Ó alucinada vertigem,
o presumível surrealismo.
Carlitos que se antecipa nas máquinas,
no homem,
na crítica aos – Tempos Modernos –
a máquina que escraviza,
os botões das camisas sem as costuras
dos pobres desafortunados
de todos os tempos;
da servil condição dos ajustes mecânicos;
as mãos são mais autônomas que a razão: ação.*

*Banda de música, retreta
e discurso inaugural,
o vexame oficial das grandes datas nacionais.
Os equívocos, ó sandices dos que
fazem do ridículo a pantomima
da triste figura;
a vergonha da história
traspassada pela espada da glória.
Sonhas com anjos e banquetes;
condolescência e honradez;*

*faz-se arauto dessa luta
à frente equivocado
de um grupo de manifestantes;
pobre homem, não reivindica nada
e nem a representa
por trás da barricada,
à frente de um grupo garrido:
vamos à luta, camaradas.
Homem e disfarce de uma mímica
de uma fantasia saída de sua sátira genial,
social?
Justa e reta, igualitária
no sonho da perfeição universal.
Ó Chaplin que não vi no hospital
entre os cuidados maternos de Oana, sua esposa;
e a sua última mímica
antes de cair o reposteiro
e apagar as luzes da ribalta.*

PARA NIEMEYER

*Na silenciosa gruta/presépio
(e uma estrela por destino)
nasce Jesus peregrino
caminham dia e noite
os três reis magos
por sobre montes e lagos.*

*Teria pensando Niemeyer
na palha onde ele nasceu
ou na cruz em que morreu?*

*Sem arcos e sem ornatos
sem boca de sino e bronze
só a pedra do lajedo
e o seu enredo.*

*Nos pés, nas mãos
nenhuma marca
dos cravos e do madeiro
só o sopro nordeste
movia-lhe o segredo.*

*Também na gruta de pedra
anunciavam-se os cristãos
dois traços de peixes no chão.*

*Não existe pobreza mais nua
não existe solidão mais pura
Jesus Cristo e sua mãe.*

*Para que reverbere a luz
faz-se o mural/plural.
Jesus nasce de novo
na manjedoura.*

*Em século de ouro e brilhos
a renascença o exaltou
esta gruta
pouco elevada no chão
novamente o santificou.*

*Nordestinado no fim do milênio
e novamente coroadado.*

Natal, dezembro de 1999.

PRIMEIRO SONETO DA AUSÊNCIA

*Viajei as grandes serras
paradas, distantes, onduladas.
lembranças quão mais tardas
mais doridas, mais desesperadas.*

*Mesmo sabendo que além seria
ao navegante a inútil sagração
do que é belo só por um instante
e se renova em forma de canção.*

*E me fui como um pastor
por estes montes frios
a procurar nos mesmos atavios.*

*Sombras deitadas como fazem as mães
em torno dos berços dos seus filhos,
com os nossos sonhos e as nossas solidões.*

QUE ESTES VERSOS ME SALVEM

*Seja este verso o leque que se abre
ao vôo das lembranças;
que o pássaro voe
que o tédio se dissipe
da testa do sábio;
que o mármore não mate o artista que o esculpiu;
a curva do céu é que faz os deuses incomensuráveis.
tenho mais idade que os números do calendário
os ossos é que sabem a solidez da terra
o firme passo jovem vence as distâncias.
Estou deitado e sonho
o arco de todas as pontes.
Existem a metáfora e a alma
entre uma e a outra
dormem séculos de luz
a selvática conquista,
a poeira dos astros.
Construo a poesia na curva dessas tábuas;
viajo.
Não tem medidas o meu barco.
Não tem rumo a minha viagem,
sonho dentro dessas paredes
de cedro perfumado
à eternidade.*

RETRATO NATURAL E OUTROS RETRATOS DE CECÍLIA MEIRELES II

*A primeira lágrima,
a que fica
se amanhã eu morro
e se amanhã
não possa ler teus versos todos
é para ti que ofereço,
ó poeta, que o tempo
como numa estampa chinesa,
faz a eternidade parecer
uma história antiga contada
por um sábio
ou um profeta.
Desta desventura
que nos faz todos
discípulos do eterno.
Ledo engano,
desta mesma herança
da qual são feitos
os nossos sonhos
e os nossos deuses.*

SEGUNDO SONETO DA AUSÊNCIA

*Caia a chuva sobre o tempo e a era
nesta azul e pressentida primavera.
debruço-me qual um viajante
no eterno ir e vir de cada instante.*

*Se me conta história antiga
sobre a palma das letras de outros livros
cuido ver-te, amor, assim vestida
de chuva tarda, que a tarde oculta.*

*De sutil lembranças, de pássaro e lua
do caminho no largo à luz baça
que se esgarça como a seda.*

*Desta lembrança plena e leve
em duas eternidades em cada verso
laços deste verso breve.*

SEJA

*Maldito é o ar da noite,
a selvática estrela,
o vento que corta, navalha
que afia o fio da morte.
maldito quem vê e sente
e sofre porque sabe,
porque ama e se desespera.
Maldita a cama que o espera.
Maldito o enfermo
que debruçasse de joelhos
à servidão sempre servida
à terra que sempre o aceita
e convida:
maldita seja, maldita seja,
maldito quem não repudia,
quem não fecha punho à opressão
à servidão.
Maldito quem tudo aceita,
quem em tudo confia.
Maldito o leite que amamenta
a morte;
no negrume de um sol sobre este nome;
este nome que não tem memória,
maldita a memória de quem morre.*

TRIUNFO

*Nunca tive orgulho,
nunca meus olhos negaram a beleza.
Luz e relva que cobrem largos espaços
esperam meus poemas;
não os registro em calendários
e quisera não os prender em livros.
Escrevo para sentir-me
mais próximo de mim;
amparo-me na palavra
como um suicída
ampara-se no fio imprevisível da vida.
Até onde posso pensar
estendo a mão e acredito no milagre;
a imprevisível confiança da herança.
Completo do outro lado o mito
só assim sou infinito.
Triunfo da miséria
desta merda,
triunfo da cobiça,
sou artista
assusta-me o legado da matéria
da história e da memória.
Faz-se a hora, fecho de luz
e nele acende-se o torso de algum deus
salvo da poeira do museu.
Deixe-me diante do mar
que dele vêm lembranças que não tive
nem amei.
Respeitosamente aceito
quando lhe ponho os pés
no recuo obstinado das marés.*

VENEZA REVISITADA

*Piso este chão semovente.
Sinto insólito este barco;
ao pé de teus canais,
nas amarras que te prendem,
para que não navegues, Veneza,
não subas aos céus como uma estrela.
Inicio-me nos teus canais
nos teus palácios reais,
nas tuas gôndolas,
nas tuas bandeiras com leões de prata,
com teus santos, teus príncipes,
teus monarcas.
Inicio-te e festejo-te, Leão das águas;
"o que amamos não nos será arrancado",
Ezra Pound adverte.
O que amo em ti será sempre lembrado
Veneza dos minaretes
e St. Georgio das nostalgias de teus barcos
cantando velhos refrões de amores,
na praça de São Marcos;
cinges-me amante,
na volúpia de uma deusa,
na proa de Teus barcos, mouriscos / turísticos,
disfarçados com brasões,
cordões que apontam a prata e o cobre
do fundo da água podre
aos céus que os cobrem.
Reparto os grãos de ternura
para os pombos no chão*

*do largo pátio de São Marcos
atento para a sobressaltada ameaça das águas.
Estou em Veneza sob um céu
que desce lentamente sobre a restinga
na distância envelhecida de uma tela de Tintoretto;
na sacralidade da tua água inicial;
cidade incendiada ao crepúsculo,
invadida pelos bárbaros,
reconstruída sobre as estacas e esterco dos mortos;
ferrada de sedas do Oriente,
e folhas de ouro e bronze,
gótica e pagã;
cortesã e cortejada,
reis e nobres curvaram-se à tua beleza;
deitaram-se em teus mármore frios
e adormeceram.
Amantes desmaiaram nos braços da amada;
lírio no chão, flor do renascimento, sentimento.
Eles te amaram como eu te amo?
É preciso nascer nela para amar uma cidade?
Sentir o seu hálito
conhecer suas feridas; ouvir seus sinos de longe
escutar teus anjos de pedra?
daria meu reino, (que não tenho),
para conhecer-te.
Nem que se passassem mil anos, reconheço
não tenho o direito de pôr meus pés
nos degraus de tuas igrejas;
e os vetustos aposentos de tuas salas;
mas te amo, Veneza.
Não gravarei meu nome
no friso de tuas fachadas mouriscas,*

*no fogo dos cristais dos transluminosos muranos
na luz adriática da laguna,
uma sombra de amargura nas ilhargas;
nas lembranças revividas
num quadro de Velásquez.
fuga dos meus olhos.
Proust visitando-te
tapou o nariz sensível,
procura a mão que o proteja
do sobressalto da beleza.
O céu está longe.
A água sangra na boca dos canais;
negra miasma dos mortos;
Thomas Mann sendo personagem
enxuga as lentes dos óculos
e o vê novamente
e morre por ele,
no amor de um adolescente.
dos antigos dias nos pórticos das águas,
os brilhos das luas turcas,
as adagas das lutas;
curvas das antigas ânforas,
vomitam os vinhos das cabeças decepadas:
ó bárbaros.
As pontes tremem nos alicerces
próximas das barçaças
e do frenético torpor dos visitantes,
que todos os dias,
milímetro a milímetro
vão por fim afundar-te como um navio
com todos os tripulantes
e uma orquestra de violinos*

*tocando uma ária grave de Wagner.
As tintas dos teus pintores
retocam a tua pele decadente,
tua pele de lepra da morta renascença.*

*És bela ao crepúsculo
e terrível nas noites recolhidas
dos teus mortos,
dos teus santos, dos teus poetas.
Refúgio dos Hunos,
insensatez dos bárbaros,
tudo em ti é remorso.
Mesmo assim, amo-te, Veneza
revisito-te e choro no túmulo
dos teus heróis,
tudo em ti exalta a luxúria
e a glória de Deus,
Tudo em ti é aventura,
ó eterna e doce Veneza,
à qual me rendo, exalto
e novamente te proclamo eterna.
Assim te amo,
abro as portas dos teus palácios
com cavalos e anjos
espectrais pintados
numa avalanche de
alucinada vertigem,
assim te saúdo também
pela vida e pela morte,
ó doce e amorável Veneza.*

VERDE QUE TE QUERO VERDE

*Verde de um verde que não há
é o verde canavial;
debulho no chão de ontem
o verde do milharal
lembranças que vão em mim
na palma
das margens secas do rio,
na lâmina do seu estio,
lembranças que vão em mim
no verde desses dezembros
que existia aberto por dentro
das cinzas dessas coivaras
que se vê mais por dentro
de suas chamas apagadas.
Fermento que queima lento
e se conserva alimento
dos roçados e nas serras.
Lua azul, grãos de ternura,
selvagem paisagem ontem
cintura verde da cana,
garganta dos rios secos,
raízes de minha infância.*

POEMAS TRADUZIDOS E POEMAS DE OUTROS POETAS

CHANSON D'AUTOMNE

Paul Verlaine

*Les sanglots longs
des violons
de l'automne
blessent mon coeur
d'une langueur
monotone.*

*Tout suffoquant
et blême quand
sonne l'heure,
je me souviens
des jours anciens
et je pleure;*

*Et je m'en vais
au vent mauvais
qui m'emporte,
de çà, de là,
pareil à la
feuille morte.*

(Poèmes saturniens)

CANÇÃO DE OUTONO 1ª VERSÃO

*Os lamentos longos
dos violinos
de outono
tomam meu coração
em um langor
monótono.*

*Tudo sufocando
e trêmulo quando
soa a hora,
eu me lembro
dos dias passados
e choro;*

*E me vou
ao vento mau
que me leva
de cá para lá
semelhante à
folha morta.*

CANÇÃO DE OUTONO 2ª VERSÃO

*Os lamentos longos
dos violinos de outono
ferem meu coração
num lânguido sono
tudo sufocando
e trêmulo.*

*Quando
soa a hora
eu me lembro
dos dias antigos
e choro;
E me vou*

*ao vento mau
quem me importa,
que me leva
de cá para lá
tão igual
à folha morta.*

GREEN

Paul Verlaine

*Voici des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches,
et puis voici mon coeur, qui ne bat que pour vous,
ne le déchirez pas avec vos deux mains blanches
et qu'`a vos yeux si beaux l'humble présent soit doux.*

*J'arrive tout couvert encore de rosée
que le vent du matin vient glacer à mon front.
Souffrez que ma fatigue, à vos pieds reposée,
rêve des chers instants qui la délasseront.*

*Sur votre jeune sein laissez rouler ma tête
toute sonore encor de vos derniers baisers;
Laissez-la s'apaiser de la bonne tempête,
et que je dorme un peu puisque vous reposez.*

(Romances sans paroles)

GREEN - TRADUÇÃO

*Eis frutas, folhas, flores, ramalhetes,
e o meu coração que por vós
sabe pulsar. Não o jogueis fora com as vossas duas mãos brancas
e seja aos vossos olhos doce o meu humilde presente.*

*Eu chego ainda todo coberto de rosas
que o vento da manhã à minha frente vai congelar.
Sofreis que a minha fadiga aos vossos pés repousa,
sonho de caros instantes que a distrairão.*

*Sobre o vosso jovem seio repouso minha cabeça
toda sonora ainda dos seus últimos beijos;
deixai-me acalmar a tempestade
e que eu durma um pouco repousado em vossos braços.*

O POETA EM BELO HORIZONTE

Contraponto para Tufic

*O poeta está só. Está em sua companhia
com escassa bagagem. Completa a ficha
do Hotel: nome, residência, onde?
De toda a Amazônia e dos seus rios
gerais. Não os daqui. Mais profundos
e as florestas abissais.
Nem precisa consultar os espelhos
para saber ser múltiplo e vário, o poeta, único.
Em nome da poesia, escreve, que este é o ofício
do poeta: a notícia num leve vôo de garça, graça de altiplano,
leitura de jornal, o tédio e o sono.
Venceu quantas distâncias, quantas
de si ainda avista? A consulta escatológica
à borboleta, quantas cores bipartidas
na trêmula asa ao vento ou presa
nas garras da inconsútil natureza.
o gato enrodilhado procura o calor humano.
ser antigo, atávico à chuva, ao frio no convívio,
pouco à vontade a mão que o acaricia,
quem o fez de sobreaviso ao homem?
O poeta descobre o sonho. Qual o sonho do poeta?
Encontro com Dante Milano,
Ah! Os sonetos antigos feitos deste barro
da ternura humana dos grandes versos dobrados
nas páginas antigas do tempo.
O Rio de Janeiro já não é o mesmo;
o passeio na avenida: sento em cadeiras de vime,*

*acendo um cigarro e trago todo o ar do Corcovado.
Ah, Poeta! E Copacabana? Tijuca, a Cascatinha,
os verdes mais verdes ao entardecer dos domingos?
Um pássaro voa.
Um blue na voz de Al Jolson
invade o meu coração.
A amiga Alice Spíndola já ouviu Al Jolson
cantando St. Luis Blue?
Somos estes blues nos rios lentos
passando sobre as pontes de antigamente.
Somos todos de passagem.
Sou também estes cinzas e roxos de Portinari
na igreja da Pampulha. Defronte do retábulo
me quedo, São Francisco me absolve
de todos os pecados.
Muito jovem quando a visitei, Pampulha,
uma lágrima pendurou-se na curva
da minha pálpebra como da borda de um barco
e ficou perdurando até a hora de recolher-me
ao pó frio do edifício.*

LIBERDADE

Para Paul Eluard

*Não há matéria mais nobre
nem água mais sagrada
do que a palavra
que te consagra: liberdade
te ergo na ponta mais alta
da catedral
ou na pedra que os meus
mortos encerra. Liberdade.
Se do chão conheço as raízes
escrevo e bordo com a mesma
letra que Paul Eluard
escreve nos seus cadernos
a poesia dos seus versos.
Alada ponta de lança
liberdade conquistada
arma invisível
disfarce na rosa medieval
ponta de brasa
na escrita caligráfica
do nome.
Jornais impressos
panfletos, disquete,
imprimo tua palavra
na nervura da tarde.
Todos os climas
no entorno das colinas
o largo vôo do pássaro*

*o mar sobre a areia da praia
tua letra de fogo e luz
acende a
cauda de um cometa.
A curva do horizonte
teu nome.
Debulho cada letra
o círculo da canção
o trigo do pão.
Golpeio com violência
a displicência
onde te encerraram
a lembrança
e a indiferença.
Te saúdo, claridade pânica
bandeira
na Lua
matéria do poeta.
Palavra que se ilumina
na simplicidade do anel
no laço que
prende a ideia,
na ação.
Escreve novamente
poeta irmão camarada
a palavra sagrada.
liberdade.*

POEMA EM PROSA

Para o menino que fui na infância

*De quando ainda havia luz e nenhuma nuvem no azul
manchasse este céu que me era dado num mês de março
ou qualquer abril, o menino com sua maletinha de surpresas,
qual caixa de Pandora no último quarto de despejo,
instalava seus sonhos e brinquedos.*

*Não é comum brincar assim sozinho com os seus sonhos
à luz apreendida de um sol, mas preferível ao meio-dia
sem penumbra, no espelho refletido, caco partido entre
a imagem da película refletida. Uma lâmpada vazia dos filamentos,
água retida barriguda como uma lua, aumentada lente
deveria lhe dar a projeção cinematográfica, a estática emoção já acontecida.
como uma pintura refletida na tela faz acontecer o
suavíssimo repouso, o longo prazer capturado da história e seu segredo.*

*Postas as imagens na giratória posição, atento o menino, eis a sessão.
Estradas de Damasco, ruas de Paris, guetos com gatos;
o casario sobre o rio, a ponte desabada, alguém que atravessa a rua,
a chuva ácida de Hiroshima; meu Deus, morre alguém na Estrada,
o velho Chaplin chora pelos olhos de Carlitos.*

*Há uma bomba prestes a explodir na esquina. Um menino dorme
abandonado ao seu próprio sono sem saber que perto,
quase a tocá-lo, a minha mão cobre o seu sono com a concha,
do improvisado travesseiro.*

*Porque assim posso, a imagem está ali e se abandona.
O menino talvez morto.*

*O que sei da história do cinema?
O que sei da cena de um filme belle-époque, com sua arquitetura
de anjos e belos reposteiros?*

*Igrejas em que nunca entrei,
sinos silenciosos, trens na curva das pontes.
A ponte sobre o rio, A máscara do Falcão Maltês ou Casablanca,
a penumbra de um café-concerto, a lenta fumaça que se evola no ar.
Humphrey Bogart sonha ou chora a única vez sobre a mesa,
o copo de vinho tombado, o som do piano que não se escuta.
Dá-me mais ângulo, senhor, na sala ao corredor da casa,
e nele certamente, e por ele andam os meus tios.
As vozes antigas arrastam-se sonoras a dizer:
somos andarilhos do paraíso; caminhamos em nossos exílios.
O domingo é o mesmo: a praça ostentava as luzes descarnadas
das casas pobres. Bordados áulicos, curvas telhas dos telhados.
Um sino talvez dobre para quem morre. Onde o acharão?
quem lhe cobriu com a toalha o corpo, que um dia foi a única
e nobre presença que a vida escolheu?
Volto a brincar com as minhas sombras, só elas falam-me da
pobreza, da riqueza, dos objetos imóveis, da solitária ilha,
do deserto, do pórtico cenário para um filme, a soma na poeira atomizada
pelo grão do tempo. Jean Harlow de peignoir e olhos atônitos
na mentira de uma emoção; lágrimas da partida.
Aperta-me o peito o corpo do menino contra o peito franzino de Carlitos;
não me tirem o direito do amor filial, não desliguem nem apaguem
esta luz da ribalta, onde tive as melhores emoções, as cenas memoráveis
de seus filmes? Teria dito Charlie Chaplin, na volta triunfal
aos Estados Unidos? Sou o cidadão que à frente de um movimento
de anarquistas leva a bandeira, aberto o peito
ao tiro, ao equívoco, à desonra.
Fecho minha maletinha de guardados. Películas todas elas
deitadas vão dormir sobre os claros-escuros de ontem, numa caixa
minúscula em imagens separadas, construídas por tantos anos, e
tantos anos deitadas e mortas agora nos meus sonhos.*

1999-2000

(para ser lido no início do ano dois mil)

Para Dione

*Escuta, filha
dois mil anos tenho
ou mais: dos que sei
dos que trago no sangue.
Imemorial sou.
Sendo tão pouco.
Frágil sou diante
deste novo milênio que começa.
Aos poucos anos que me restam,
dias, ou meses, horas ou segundos.
Dedico-lhes: a rosa e o amor
ficam contigo.
Os vulcões, os maremotos,
ficaram nos meus
olhos e no meu
coração estas horas
de conflitos
apaguem o vídeo clipe
reis e deuses, mendigos
e profetas, fome e solidão.
melhor reconstruir as catedrais.
Plantar na terra escura a flor da esperança.
Salvar os animais selvagens
fugindo das chamas
ou encobertos pelo óleo
com as asas presas*

*e sem o ar da vida.
Sei que amanhã
não será a mesma
século a século repetem-se
as guerras e as pestes
com outros nomes e
em outros aspectos; talvez para
acalmar a fúria dos deuses:
não foi sempre assim?
Mais uma razão para
que fiquemos mais perto da
alma, ela que renasce cada
dia na revelação da vida.
Por isso crê: minha filha,
em alguma estrela ou em
algum lugar a colheita de
Deus se fará novamente
e novas forças
novos desígnios
nos serão dados
mesmo que já não
tenhamos mãos para recebê-los
nem ouvidos para ouvi-los.
mas porque te amo, digo:
em qualquer hora ou tempo
estarás, plena e eterna
no centro do universo.*

SONETO PARA DORIAN GRAY CALDAS E "OS DIAS LENTOS"

Jorge Tufic

*A poesia do mundo te acorrenta.
Duas mãos para baixo outra pra cima,
pintas e gravas dor, curiosa rima
do ser plural que em ti logo se inventa.*

*Nas mãos do poeta amaina-se a tormenta,
nas mãos do artista o barro já se anima;
são do mesmo cristal, da mesma lima
as rosas pasmas da manhã nevoenta.*

*Algo me diz que três em vez de dois,
andam contigo em máximo recorde
das maravilhas que serão depois.*

*Talvez um anjo revoltado e mudo
seja o teu guia, os ôntens nesse acorde
onde os teus dias lentos fazem tudo.*

*Jorge Tufic, acreano, é autor de
Quando as noites voavam, A insônia dos grilos, Varanda de pássaros (1956), Faturação do ócio (1974), entre outros livros.*

A MORTE NA CALÇADA DA CANDELÁRIA

*Os sinos dobram
seus lamentos
lentos.
Das paredes tão sólidas
firmes centenária
Candelária
fecham-se as portas
frias
sepulcro
pulcro
indiferente ao vôo dos pardais
na hora do anoitecer.
Azulecida e curva
a noite cobre a cidade
ao mormaço ácido
de um mês nunca de março.
Febris, aos saltos e aos gritos
— Pássaros da Miséria —
felizes ou infelizes
na vadiagem mendiga (crianças?),
ainda desejam qualquer coisa
que valha da inútil cata do lixo
sobrevivido do risco
que faz das suas e dos outros
a vida.
Deitados agora na pedra
centenária, Candelária
sem nenhum pressentimento,
nenhum frêmito*

*a percorrer suas almas pequenas,
uma súbita rajada de bala
quebra o silêncio da noite,
o silêncio cinza da noite,
de repente aclarado
pela morte
a morte esta luz
de uma outra eternidade.*

O PEREGRINO

Para Ascendino Leite

*Vinha o peregrino
beber na fonte a água serenada.
Vinha como antes,
como se uma dor antiga
o Afligisse.*

*A mesma túnica, a sandália,
a mesma de tantos caminhos
as mãos agora sem o gesto
que levantou os mortos
e curou os mendigos.*

*A olhar pelo semblante
parece com ele (ou é ele),
apenas mudou, em vez do
pai é o Filho que anda*

*calmo e resignado
sem a turba agitada
procurando tocar-lhe. Ele o
ingênito, o puro, o iluminado!*

*Há dois mil anos já
anda o peregrino com
o coração aberto, a chaga no
peito ao lado,
e nas mãos a marca
do madeiro.*

*Se me perguntarem se o conheço,
digo: ouvi a sua estória e
nunca mais esqueci,
e nem sei como contarei
a meus filhos.*

OFÍCIO

Alice Spíndola
Para Dorian Gray Caldas

*Do pincel mágico, a luz do divino
soma heranças da poética do povo,
construindo a efígie nordestina
sob a perícia do olhar do artista.*

*Na efígie: gestos, vestígios, signos,
sob o anseio e a carícia do sonho
do homem que traça, com linhas e curvas,
a síntese e o matiz da voz dos símbolos.*

*Com perícia e audácia, o artista
transpõe o Potengi, singra o Atlântico
e, lá, por detrás do muito longe,
mostra o oceano do singular ofício.*

*À Arte, o talento imprime plasticidade
e estilo; perfuma e impõe o selo do ímpar,
no engenho e na tenacidade, de que vigora
o tom da fala que tem mais do que voz.*

*De quadros e murais da cidade do Natal
emana a efígie do Brasil de 500 natais.*

ALICE SPÍNDOLA, MINEIRA, É AUTORA DE FIO DE LABIRINTO – PRÊMIO NACIONAL JORGE FERNANDES (UBE/RJ) E 1º PRÊMIO NACIONAL AUTA DE SOUZA (MACAÍBA-RN)

DUETO PARA SOPRO E CORDA

Jorge Tufic

*A cada hora constróis o sonho:
uma parte dispões, a outra
não te pertence. O verso voa,
pássaro, a outro continente.*

*Não sei se te faço assim
o elogio. Poeta maior, que reconhece:
"a vida não comporta enganar".*

*Mas, ao ler teu dueto
sopro da alma, corda
do teu peito.*

*Certamente fica meu canto
Mais alto e iluminada a alma
"à íntima centelha".*

DIA DE FINADOS, MÃE

*Hoje, dia de finados
viestes a mim presa ao meu
peito como uma planta,
uma raiz de mim mesmo.
tens mil anos
e ainda és uma criança.
Enfrentas as tempestades,
mandas calar a boca dos trovões.
Levantas as pontas dos relâmpagos;
atinge a tua mão
a curva dos abismos.
Tu que sempre tiveste
medo das chuvas e dos raios.
Enfrentas com coragem
as forças misteriosas de deuses,
e ressuscitas dos mortos
com a poderosa fúria dos vivos.
Procuro-te entre águas e águas,
nas avalanches subterrâneas,
nas raízes da terra,
na curva dos oceanos.
Sobrevives. Vences os desmaios,
os frios cristais, os mármore das noites.
Vences a insônia e a insulina
os tubos de ensaio
e os longos intervalos das horas hospitalares.*

*A morte não te manda mais recados.
A morte não te amedronta mais.
Nem o súbito desmaio. Lembras-te?*

*Nem a gota de sangue em teu pulmão.
Nada pode contra ti, agora.
És absoluta e sobre-humana força
que move a natureza.
Removes o pó que sopra
das cordilheiras; desvias o rumo
dos astros que giram todos em tua direção,
nos vastos campos dos céus.
As tuas mãos apontam
as insondáveis regiões do Paraíso.
Mesmo assim, estás presa
ao meu peito como uma planta selvagem;
Muda e silenciosa
como quem morre.
E não sabes
que dentro de mim
nas paredes da minha alma
nunca sairás,
mãe.
Esta é a tua eternidade.*

LE SYLPHE

Paul Valléry

*Ni vu ni connu
je suis le parfum
vivant et défunt
dans le vent venu!*

*Ni vu ni connu,
hasard ou génie?
À peine venu
la tache est finie!*

*Ni lu ni compris?
Aux meilleurs esprits
que d'erreurs promises!*

*Ni vu ni connu,
le temps d'un sein nu
entre deux chernises!*

O SILFO

*Nem visto nem conhecido
eu sou o perfume
vivo e morto
dentro do vento chegado!*

*Nem visto nem conhecido
acaso ou gênio
apenas vindo
a tarefa é finda!*

*Nem visto nem cumprido
aos melhores espíritos
e erros prometidos!*

*Nem visto nem conhecido,
o tempo de um seio nu
entre dois vestidos!*

(Poesia alheia, p. 206)

L'HEURE EXQUISE

Paul Verlaine

*La lune blanche
luit dans les bois;
de chaque branche
part une voix
sous la ramée...*

Ô bien-aimée.

*L'étang reflète,
profond miroir,
la silhouette
du saule noir
où le vent pleure...*

Rêvons, c'est l'heure.

*Un vaste et tendre
apaisement
semble descendre
du firmament
que l'astre irise...*

C'est l'heure exquise.

(LA BONNE CHANSON)

A HORA ESQUIVA

*A lua branca
brilha no bosque;
de cada ramo
parte uma voz
sob a ramada...*

*Ó bem amada.
O lago reflete
profundo espelho,
a silhueta
do salgueiro negro
onde o vento chora...*

Sonhemos é hora.

*Uma vasta e terna
quietude
parece descer
do firmamento
que o astro irisa...*

É a hora esquiva.

(A boa canção)

TRISTESSE

Alfred de Musset

*J'ai perdu ma force et ma vie,
et mes amis et ma gaîté;
J'ai perdu jusqu'`a la fierté
qui faisait croire à mon génie.*

*Quand j'ai connu la Vérité,
j'ai cru que c'était une amie;
Quand je l'ai comprise et sentie,
j'en étais déjà dégoûté.*

*Et pourtant elle est éternelle,
et ceux qui se sont passés d'elle
ici-bas ont tout ignoré.*

*Dieu parle, il faut qu'on lui réponde.
Le seul bien qui me reste au monde
est d'avoir quelquefois pleuré.*

(Oeuvres complètes)

TRISTEZA

*Eu perdi minha força e minha vida.
E meus amigos e a minha alegria;
Eu perdi justamente o orgulho
que fazia julgar-me um gênio.*

*Quando eu conheci a Verdade,
eu acreditei que tinha um amigo;
quando eu lhe compreendi o sentido
já estava desde então desgostoso.*

E portanto ele é eterno.

*E céus que não passam dele
aqui abaixo onde tudo ignora.*

*Deus fala, uma fala que eu não respondo.
É só o bem que me resta no mundo
neste devo algumas vezes chorar.*

(Obras completas)

RONDEL DE L'ADIEU

Edmond Haraucourt

*Partir, c'est mourir un peu,
c'est mourir à ce qu'on aime:
on laisse un peu de soi-même
en toute heure et dans tout lieu.*

*C'est toujours le deuil d'un vœu,
le dernier vers d'un poème: □ partir c'est mourir un peu.*

*Et l'on part, et c'est un jeu,
et jusqu'à l'adieu suprême
c'est son âme que l'on sème
que l'on sème à chaque adieu:
partir, c'est mourir un peu.*

(L'Ame nue)

RONDEL DO ADEUS

*Partir é morrer um pouco.
É morrer naquele que se ama;
Deixar um pouco de si mesmo
em toda a hora e todo lugar.*

*É sempre o desvendar de um véu,
o derradeiro verso de um poema:
partir é morrer um pouco.*

*E se partir é um jogo,
até o adeus supremo
é a sua alma que lhe semeia
que lhe semeia cada adeus:
partir é morrer um pouco.*

(A alma nua)

BONHEUR

Arthur Rimbaud

*Ô saisons, ô châteaux,
quelle âme est sans défauts?*

Ô saisons, ô châteaux,

*J'ai fait la magique étude
du bonheur, que nul n`élude.*

*Ô vive lui, chaque fois
que chante le coq gaulois.*

*Mais je n'aurai plus d'envie,
il s'est chargé de ma vie.*

*Ce charme! il prit âme et corps,
et dispersa tous efforts.*

*Que comprendre à ma parole?
Il fait qu'elle fuit et vole !*

Ô saisons, ô châteaux !

(Poésies)

FELICIDADE

*Ó estações, ó castelos,
qual a alma que não tem defeitos?*

Ó estações, ó castelos.

*Eu fiz o mágico estudo
da felicidade que nada alude.*

*Ó viver ela, cada vez
que canta o galo gaulês.*

*Mas já não terei tanto desejo
ela se encarregou da minha vida.*

*Este charme! Ela tomou a minha alma e corpo.
E dispensou todos os esforços,*

*Quem compreende a minha palavra?
E faça que ela fuja e voe!*

Ó estações, ó castelos!

(Poesias)

BRISE MARINE

Stéphane Mallarmé

*La chair est triste, hélas! Et j'ai lu tous les livres.
Fuir! Là-bas fuir ! Je sens que des oiseaux sont ivres
d'être parmi l'écume inconnue et les cieux!
Rien, ni les vieux jardins reflétés par les yeux
ne retiendra ce coeur qui dans la mer se trempe
ô nuits ! Ni la clarté déserte de ma lampe
sur le vide papier que la blancheur défend
et ni la jeune femme allaitant son enfant.
Je partirai ! Steamer balançant ta mâture,
lève l'ancre pour une exotique nature !*

*Un Ennui, désolé par les cruels espoirs,
croit encore à l'adieu suprême des mouchoirs!
Et, peut-être, les mâts, invitant les orages
sont-ils de ceux qu'un vent penche sur les naufrages
perdus, sans mâts, sans mâts, ni fertiles îlots...
Mais, ô mon coeur, entends le chant des matelots!*

(Poésies)

BRISA MARINHA

*A carne é triste, ai! E já li todos os livros.
Fugir! Lá embaixo fugir! eu sinto que os pássaros estão ébrios
por estarem entre a espuma desconhecida e os céus!
Nada, nem os velhos jardins refletidos pelos olhos
não deterá este coração que no mar mergulha.
Ó noites! Nem a claridade deserta de minha lâmpada
sobre o vazio do papel que a brancura defende
e nem a jovem mulher amamentando seu filho.
Eu partirei! Barco balançando sua mastreação
levantada a âncora para uma exótica natureza!*

*Uma tristeza, desolado por cruéis esperanças,
cresce de novo no adeus supremo dos lenços!
E, talvez os mastros convidem as tempestades
são eles que um vento inclina sobre os naufragos
perdidos pelos mastros, seus mastros sem férteis ilhas...
Mas, ó meu coração, escuta a canção dos marinheiros!*

(Poesia)

LE DORMEUR DU VAL

Arthur Rimbaud

*C'est un trou de verdure où chante une rivière
accrochant follement aux herbes des haillons
d'argent, où le soleil, de la montagne fière,
luit ; C'est un petit val qui mousse de rayons.*

*Un soldat jeune, bouche ouverte, tête nue
et la nuque baignant dans le frais cresson bleu,
dort : il est étendu dans l'herbe, sous la nue,
pâle dans son lit vert où la lumière pleut.*

*Les pieds dans les glaïeuls, il dort. Souriant comme
sourirait un enfant malade, il fait un somme.
Nature, berce-le chaudement : il a froid!*

*Les parfums ne font pas frissonner sa narine;
Il dort dans le soleil, la main sur sa poitrine,
tranquille. Il a deux trous rouges au côté droit.*

(Poésies)

O DORMINHOCO DO VALE

*Em um charco de verdura onde canta um mocho
acercado loucamente de ervas de esfarrapados
prateados, onde o sol da montanha altiva
reluz; Em um pequeno vale que espuma seus raios.*

*Um soldado jovem, boca aberta, cabeça nua
e a nuca banhada de frescos agriões azuis,
dorme: ele está estendido na erva, céu de nuvens.
Pálido no seu leito verde onde a luz jorra.*

*Os pés tocando os gladiolos, ele dorme sorrindo
como sorriria uma criança doente, ele faz o sono.
Natureza, berça-o com ardor: ele tem frio!*

*O perfume não faz frisson na sua narina.
Ele dorme ao sol, a mão sobre o peito
tranquilo, e com dois buracos vermelhos do lado direito.*

(Poesias)

SERVANTE

René Char

*Tu es une fois encore la bougie où sombrent les ténèbres
Autour d'un nouvel insurgé, Toi sur qui se lève un fouet qui s'emporte à ta clarté qui
pleure.*

Le nu perdu

1971

CRIADA

*Tu és uma vez mais a vela onde afundam
as trevas em torno de um novo insurgido,
tu sobre quem se eleva um chicote que
carrega tua luz que chora.*

(O nu perdido, p. 35. 1971)

LUTTEURS

René Char

Dans le ciel des hommes, le pain des étoiles me sembla ténébreux et durci, mais dans leurs mains étroites je lus la joute de ces étoiles en invitant d'autres: émigrantes du pont encore rêveuses; j'en recueillis la sueur dorée, et par moi la terre cessa de mourir.

Le nu perdu

1971

LUTADORES

*No céu dos homens me parece
tenebroso e duro, mas em suas mãos estreitas, li a luta
dessas estrelas convidando outras: imigrantes da ponte
sonhadora; recolho o seu suor dourado e para mim
a terra cessa de morrer.*

(O NU PERDIDO, P. 33. 1971)

LOCUTIONS DES PIERROTS, 10

Jules Laforgue

1860 - 87

*Que loin l'âme type
qui m'a dit adieu
parce que mes yeux
manquaient de principes!*

*Elle, en ce moment,
elle, si pain tendre,
oh! Peut- être engendre
quelque garnement.*

*Car on l'a unie
avec un monsieur,
ce qu'il y a de mieux,
mais pauvre en génie.*

LOCUÇÕES DOS PIERRÕES, 10

*Quão longe a alma vulgar
que me disse adeus
porque os meus olhos
faltavam princípios!*

*Ela, neste momento,
ela, tão terna,
talvez engendrasse
algum rebento.*

*Porque a ninguém
com um senhor,
aquele que é de melhor, seria,
mas pobre de espírito.*

(Poesia alheia, p. 200)

CRÔNICA DE UMA VIAGEM DE TREM INTERROMPIDA ALGUMAS VEZES...

**De Dorian Gray Caldas
Para João Rabelo (meu avô)**

*O trem avança.
Atropela minha infância.*

*Dos quintais gordos de sombras
ocultam-se as lembranças.*

*O trem avança.
Mastiga a mata virgem
dentes de ferro e ferida.*

*Estou chegando a Recife ou
estou voltando a Natal
tempos atrás.*

*Dois irmãos e Cachangar.
Estou chegando à casa de meu avô.*

*A Estação da Sé
repleta de gente é festa na
hora (do trem) incerta.*

*Atravessamos a noite
da Torre à Estação, a pé.*

*Leões de mármore
e açucaraes nos jardins
de dois irmãos.*

*Barões e baronesas
dormem sem nobreza.*

*Os chafarizes franceses
abrem suas bocas
na dormência dos seus sonos;
reinventam outros donos.*

*O bronze
nos convida a viajar
suas pontes;*

*Abre em leque os sobrados
nos azulejos esmaltados.*

*O Forte se fecha
ao retardatário viajante
prepara a resistência
de ontem.*

*Na noite, a primeira luz
de carbureto
é acesa no bairro da Torre.*

*Apaga as lembranças
nos intervalos das vagarosas
sombas.*

BIOGRAFIA

Dorian Gray Caldas é pintor, escultor, tapeceiro e poeta. Nasceu no dia 16 de fevereiro de 1930, em Natal/RN. Interessou-se pela arte muito cedo, motivado pela sua própria vocação. Sua primeira exposição foi em 1950, quando organizou, junto com os pintores Newton Navarro e Ivon Rodrigues, o 1º salão de Arte Moderna de Natal. A partir daí, participou de várias exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Artista incansável, já produziu mais de 10.000 obras entre pinturas a óleo, gravuras, bicos-de-pena, desenhos, painéis, tapeçarias e esculturas. Como muralista, fez vários painéis, como o Painele do Aeroporto Augusto Severo (Autos da Cidade do Natal) e a arte mural do Presépio de Natal, projeto de Niemeyer. Escreveu trinta e seis livros, entre eles “Dias Lentos”, “Geografia do Medo” e “Dicionário das Artes Plásticas do RN”.

Seu talento artístico é reconhecido internacionalmente. Contabiliza prêmios importantes, como a Medalha de Ouro no Grand Prix da Bélgica (1971), além dos diplomas nos 20º, 21º e 23º salões internacionais de Revin, na França (1992, 1993, 1995). No Brasil, recebeu vários prêmios, como o de Cândido Portinari de pintura pela UBE (União Brasileira dos Escritores) em 2007; em 2008, recebeu o título de Doutor Honoris Causa UFRN e a medalha do mérito Luís da Câmara Cascudo da Assembleia Legislativa do RN. Algumas de suas tapeçarias podem ser encontradas em lugares como o Banco do Brasil, em Zurique (Suíça), no Departamento de Segurança da Casa Branca, em Washington (EUA), e no Museu Nacional de Arte Decorativa, em Buenos Aires (Argentina). É membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do RN.

Dorian Gray mora em Natal, na Rua Ana Neri, 337 - Petrópolis, onde sempre residiu e continua a exercer sua apaixonante profissão de artista, a única a qual dedicou sua vida.

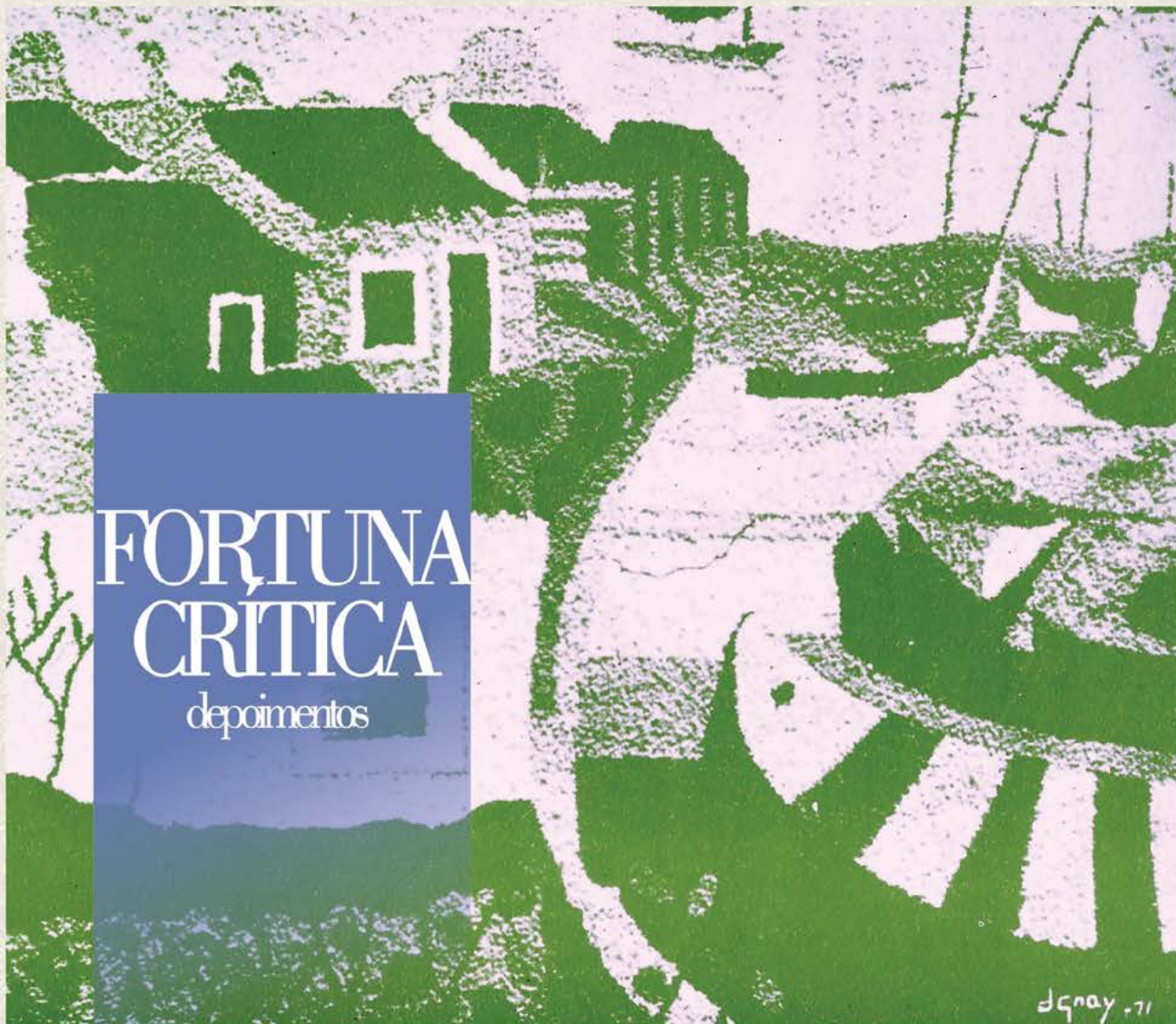
O TRAÇO E A POESIA DE DORIAN GRAY CALDAS

Gabriel Nascente

Se há uma coisa que me faz feliz da vida é receber livros, venha de onde vier: me apraz garbosamente. Eita, que vou à minha Caixa Postal, na manhã de segunda, e lá, me aguardando, estava um pacote, vindo da longínqua Natal, Rio Grande do Norte. Remetente: poeta e artista plástico *Dorian Gray Caldas*, que generosamente me enviou duas belas publicações de sua autoria: "*ALMINO AFFONSO, O POETA*" e "*O TRAÇO, A COR E O MITO*". Então, ao folheá-los, num primeiro gesto de apetite, pude ver logo que esse Dorian Gray Caldas é mesmo um laborioso monstro da cultura literária e pictórica. Escreveu Reginaldo Teófilo, em seu artigo Itinerário do Sonho: "O Traço a Cor e O Mito - o mais novo livro do escritor poeta e pintor Dorian Gray Caldas revela-nos a sua preocupação do relacionamento do artista com sua arte, pintura e poesia, o seu tempo e a sua eternidade. Ele busca esta unidade da experiência linguística e a reintegração dos princípios formadores da dignidade e da ética. (...) Enfim, este novo livro de Dorian Gray Caldas é uma tentativa de redescobrir no tempo e no espaço as razões fundamentais da moção que é o sentido *sagrado* dos poetas, pintores e escritores, escolhidos para esta coletânea. Toda obra é uma nova criação. O significado pode muitas vezes fugir à exata interpretação, sem que invalide o objeto proposto; válido é ter tentado a Estrela. Interpretá-la é tarefa dos deuses".

O pintor e poeta Dorian Gray me chegou pelo gesto amigo do também artista plástico (primitivista vista do sertão e do mar) doutor Getúlio Pereira Araújo, agora se incursionando pelos fantásticos engenhos da criação literária.

O grande Gegê está publicando um livro, dando vazão à inquietude dos seus sonhos. Mas, antes que me esqueça, o melhor dessa história toda ficou por conta do belo artigo que Dorian Gray Caldas escreveu sobre minha poesia: "*Gabriel Nascente, Poesia na Ponta do Punhal*" - que muito me encheu de lisonjas e que em breve estarei publicando aqui, como prova de que a poesia é de fato cargo de beleza que vem da eternidade de cada instante, rocim valente dos meus sonhos; paixão & loucura, etc. etc. etc. ... e que mexe com a vida, o coração da vida: tambor, tocado pelos anjos para acordar a esperança dos homens.



FORTUNA CRÍTICA
Capa: Adriano Gray

ÍNDICE

FORTUNA CRÍTICA

BIOGRAFIA
GABRIEL NASCENTE
DICIONÁRIO DE ARTISTAS PLÁSTICOS
DIONE CALDAS
ADRIANO GRAY CALDAS
ALICE SPÍNDOLA
SANDERSON NEGREIROS
NEWTON NAVARRO
DIÓGENES DA CUNHA LIMA
LUIZ CARLOS GUIMARÃES
MYRIAM COELI
JORGE TUFIC
JORGE TUFIC
ALICE SPÍNDOLA
GERALDO EDSON DE ANDRADE
IVO BARROSO
JORGE TUFIC
CARMEM VASCONCELOS
CONCEIÇÃO ALMEIDA
DIONE CALDAS
LUÍS CARLOS GUIMARÃES
JOSÉ LÍVIO DANTAS
LUÍS CARLOS GUIMARÃES
CARLOS JOSÉ MARQUES
JORGE TUFIC
JORGE TUFIC
JORGE TUFIC
FRANCISCO CARVALHO
ABELÍRIO VASCONCELOS DA ROCHA
MARIA EUGÊNIA
IAPERI ARAÚJO
IAPERI ARAÚJO
IAPERI ARAÚJO
FRANCISCO CARVALHO
ENYLDIO TABOSA
VALÉRIO MESQUITA
DORIAN GRAY
BRAGONI-CITACO
NEI LEANDRO DE CASTRO
ARTHUR AMÉRICO SIQUEIRA CAMPOS CANTALICE
GENIVAL RABELO
ZILA MAMEDE
TAPICES BRASILEIROS
SANDOVAL WANDERLEY
GERALDO CARVALHO
PERNAMBUCO DE OLIVEIRA
RACINE SANTOS
JOSÉ JULIÃO
PAULO MACEDO
HELOISA JUAÇABA
J. EPIFÂNIO
JORNAL DE WM
AUGUSTO SEVERO NETO
ZERO HORA
ANA MARIA CASCUDO
CARLOS CAVALCANTI

DORIAN GRAY CALDAS (Natal/RN, 1930), pintor, escritor e ceramista. Um dos pioneiros da arte moderna em seu estado, tem-se destacado também no desempenho de funções públicas de caráter cultural. Dentre as coletivas de que participou, salientam-se: Salão de Arte Moderna, Natal (1950, 1952 e 1955); Exposições de cerâmica, pintura e escultura, na Loja Maçônica 21 de Março, Natal (1956) e na Sociedade Brasil-Estados Unidos (1958); Salão Permanente de Arte do Rio Grande do Norte, Natal (1958); Exposição de Pintura, Salão Nobre do Palácio do Governo, Natal (1964); Exposição de Pintura; Galeria “Berro d’Água” sob os auspícios da Secretaria de Turismo da Guanabara (1967). Individualmente, expôs na Galeria “Sobrado 7”: Olinda, Pernambuco (1967); na Galerial “Goeldi”, Rio de Janeiro (1967); no Panorama Palace Hotel, Rio de Janeiro (1967); Galeria “Azulão”, São Paulo (1968); na Galeria do Hotel Nacional Mezzanino, sob o patrocínio da Fundação Cultural do Distrito Federal (1969). Possui obras em instituições culturais e em coleções particulares no Brasil e no estrangeiro. Luís da Câmara Cascudo escreveu a seu respeito: “Compreende-se que Dorian Gray, pintor e desenhista enfrentando a composição, tenha a vocação pictória pela realidade brasileira, incapaz de deformá-la, sob pretexto de interpretação pessoal. Esses sentimentos, profundos, obscuros, radiculares na permanência mental, ascendem no impulso irresistível da espontaneidade, constituindo uma anticlinal, uma figura coletiva, palpitante e lógica, na personalidade do artista (The Creator of Beautiful Things). A emoção duplica os temas da modelagem impressionista, numa diplopia geradora de imagens de assombro e verdade”. Antonio Bento escreveu por sua vez: “As telas de Dorian Gray Caldas reproduzem a atividade dos anacrônicos e pitorescos engenhos de açúcar, dos pescadores, dos camponeses e até dos casarões das antigas vilas potiguares, que parecem fixar o mistério da vida de seus velhos habitantes, fantasmas de outras épocas (. . .) Tanto nas paisagens campestres como nas cenas das praias natalenses e em composições diversas, Dorian Gray Caldas tenta fixar a atmosfera e o caráter de sua terra, através de formas e cores de incontestável sabor telúrico ou nativo”. Clarival do Prado Valadares observou: “Artista de nível nacional, Dorian Gray Caldas tem uma pintura de muito boa qualidade e eficiência, e nível perfeitamente competitivo com o que se vê produzido, com a vantagem de ter aquele aspecto da tomada da ancoragem no genuíno, que muitos outros já perderam de vista por sentimento de internacionalização. Dorian Gray usa os recursos da técnica em grande parte do autodidatismo, mas pelo tempo e pelo exercício bem fundamentados exerce uma criação artística referencialmente do local, mas em termos da pintura universal do homem erudito”. Entre suas obras, destacam-se murais em Natal, inspirados nas danças folclóricas locais.

PAINHO

Dione Caldas

Você não sabe como é difícil colocar no papel o que sinto agora.

As lembranças vêm surgindo em minha mente, os sentimentos a fluir e meu ser se enche de amor e paz, é o que o senhor transmite para mim.

Quando olho para trás, vejo meu pai me ensinando; letras e pintura que se misturam; a noite embalada pelo som de sua voz, os anjos me levam ao mundo dos sonhos, quanta lembrança linda!

Você me ensinou o valor das pequenas coisas, como a formiguinha levando alimento para seus filhos, lembra? A saber, sentir a lua, o mar, paisagens que me encantam. Quando as vejo, pai, lembro de você, sua presença é permanente em minha vida.

Sentimentos alegres ou tristes, angústias ou realizações, quando os sente, também sinto como se fossem meus, sabes a dimensão disto. É como uma energia que nos une em todos os momentos. Parabéns, pai, você é um orgulho para nós.

POEMA PARA DORIAN GRAY CALDAS

Adriano Gray Caldas

Pai

*Meu pai constrói árvores,
ele conhece o mistério
das suas formas.
Das sombras retorcidas
que as envolvem,
tal serpente mítica.
Ele extrai o vermelho
e enegrecido fruto do
seu ventre.*

*Meu pai é um visionário,
vê planos e altiplanos
em seus vôos de pássaro.
Vê as ruínas de antigas
civilizações e ódio contido
no canto do olho do homem
que de tão embrutecido pela vida,
não consegue mais chorar.
Meu pai é um dançarino,
desliza suavemente
em mil planos de cor.
Dita o ritmo dos astros
e da lua de sangue
que cobre nossos
pesadelos.
Tão inconstante é seu traço,*

*quanto a chama de um menino,
voa ao sabor dos ventos,
inebriado na sinestesia
das cores.*

GOIÂNIA, DIA DE SANTA LUZIA, 13 DE DEZEMBRO DE 2008.

Dorian Gray, caríssimo amigo,

Que notícia mais feliz! Que momento grandioso! O convite chegou ontem apenas.

Alegra-me a alma cumprimentá-lo, Dorian Gray, por este reconhecimento há muito necessário e de veras valioso. Sobretudo vindo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Felicito o Reitor José Ivonildo do Rego pela brilhante iniciativa.

Do fundo do coração, parabéns!

Na verdade, são os professores, com sua sensibilidade, que reconhecem o nosso trabalho. E é através das bibliotecas das universidades que nossos livros serão divulgados. Sempre a inteligência a preservar o que é belo.

Imagino a sua felicidade. Ter o talento reconhecido é dádiva magnífica, e que a gente nunca esquece.

Dentro deste momento fraterno, lhe desejo calorosa e santa Noite de Natal e que 2009 lhe seja grato e repleto de êxito. Acima de tudo, saúde.

Com ternura,

Alice Spíndola

A BUSCA INCESSANTE

Em um ambiente, curvado tantas vezes pela mediocridade esvaziante, progressiva e letal, ou pelo desinteresse de não captação dos fenômenos artísticos - norma geral para a decência espiritual de muitos - Dorian Gray é uma das raras exceções, exemplares mesmo.

Apaixonada vocação, dolorosa vigília para quem elegeu a Arte como salvação e catarse, paga incessantemente tributo à solução que o faz poeta e ao silêncio de ser que o sustenta como pintor, ceramista e tapeceiro. Mais: trabalhador incurável, em contínua pressão, círculo de fogo que acende, nele, os estados de espírito mais ricos e enriquecedores, Dorian Gray penetra o coração selvagem da vida por uma visão plástica que, antes de ser uma parada conformada, é sondagem e percepção: com certeza, a intuição devida para alcançar outras dimensões, não materiais, extra-físicas, sintonizadoras com a beleza maior, inicial e iniciante de todo Universo conhecido; e a ser desvendado. Daí, o que ele faz, com força nativa, com força da terra, com gosto e jeito do caminho natalense que ele pisa e surpreende – surpresa de saber-se escolhido para comunicar o susto da arte – tem sempre a vantagem de trazer e indicar alto e comovente dom do que é universal. Pintor de marinhas, é um dos que melhor neste país souberam ver, transfigurar, rever e modificar o grande mar-nordestino e do que espreita, como cão dormindo no horizonte, o sentimento que nos faz adivinhar o mistério e consumi-lo como garantia de sobrevivência, a que nos deverá ligar à Vida que virá depois da morte.

Sanderson Negreiros

O PINTOR

Olho demoradamente um trabalho de Dorian Gray. É uma peça de cerâmica com motivos das nossas festas regionais. A cor, sobretudo, tem a beleza das nossas paisagens. Céus profundos das nossas tardes. Tons verdes de mar alto. Moreno de braços de mulheres que assam milho e músculos salientes de pescadores luzindo sob o sol do trópico. Tudo é tão vivo, tão presente, nessa série de trabalhos que Dorian promete mostrar numa próxima exposição de arte. Conheço palmo a palmo toda a trajetória do meu amigo na grande jugle que os artistas da sua estirpe se afoitam. E a sua grande paixão pela cor é sua constante mais viva! Pinta e o mar passa inteiro para as suas telas. Parece soprar um trabalho. Quantas vezes diante do mar o seu pincel descobre matizes que facilmente outro pintor vento sul e no canto da moldura aquela onda quebrando-se contra a pedra é uma realidade! É preciso viver a grande aventura poética a que se entregou Dorian Gray, para, de fato, participar da natureza com tanta fidelidade e com tanto amor. Olho demoradamente o seu trabalho. As figuras ganham vida. As nuvens passam silenciosas “altas, brancas e sólidas”. O mar está presente. O pintor é um mágico feitor de belezas. Ah, se eu pudesse colorir minhas palavras com aqueles matizes e mandá-las todas de presente para vocês todos, meus poucos leitores. . .

Newton Navarro

DORIAN GRAY é um trabalhador. Faz de sua arte não só a profissão mas a sua missão. Exercida sobriamente, ajudando os artistas jovens, pesquisando, elaborando novas formas e técnicas.

Há um quarto de século reinventa belezas: cores e formas. Sempre em Natal. Não lhe seduz a cidade grande a não ser para exposições.

Com volta rápida. E, aqui, recolhe os motivos na mais pura fonte popular.

Depois, erudito, faz o refinamento daqueles motivos brasileiros que o impressionaram. O povo, sua cultura, lendas, flores, folhas e frutos, têm novo tratamento por sua mente de inventor.

Sua arte surge: tapetes, pinturas a óleo, gravuras, esculturas, bicos de pena. São o instrumento de sua comunicação com o público cada vez maior. Personalidades, gente de bom gosto, artistas, colecionadores, daqui e do estrangeiro, incluem Dorian Gray na sua riqueza. Muitos não conseguem comprar os trabalhos de Dorian Gray. Ainda que ele seja disciplinado, infatigável.

Dorian Gray reabilitou, re-valorizou o nome famoso. Que não é pseudônimo. Outros ainda lhe farão o Retrato. Verdadeiro, viril, criador, que engrandece a nossa cidade.

Diógenes da Cunha Lima

Natal (RN), 17 de outubro de 1974

Natal, 18 de julho de 1956

Dorian,

Já recebi sua carta. Fui além da extensão de cada palavra e imagino como você sofre de solidão e amargura, numa cidade agitada e trepidante como o Rio de Janeiro. O amor das mulheres e a convivência dos amigos, segundo Vinícius de Moraes, são as duas coisas melhores da vida. Endosso e acato como exato o que o poeta disse. Amigos você tem e deve guardá-los, mulheres também e não sei se deve guardá-las. Não se culpe por ter sentimento e emoção. O sofrimento do homem marca seu destino. Nada existe de piegas no que você escreveu. O barro de que somos feitos não é o mesmo do bruto. É por isso que a chama que arde e alimenta certas vidas, assume em determinados momentos as proporções de uma fogueira. Você é um amigo velho. Quando nos conhecemos não sabíamos que o mundo era cruel e amargo. Descobrimos depois a dura realidade da vida. À sombra de mitos primitivos como a criação, nossa amizade continua. Bondade, beleza, amor, verdade e solidariedade humana. Palavras sem sonoridade, já que são pronunciadas no vácuo. Todavia, vivo ainda à sombra desses mitos e não desespero de desesperar-me porque emana deles uma incorruptível eternidade. Não estou, como você pensa, identificado à paisagem da cidade como antigamente. Sou um estranho na sua própria casa. Insólita, distante e agressiva paisagem humana que abomino. Algumas ruas permanecem encantadoras na sua miséria e humildade. Pobres ruas indigentes! O rio é família, é meu tio, você sabia? O mar assusta de tão belo. As tardes... azuis, azuis, azuis. Os crepúsculos de outrora, os carrosséis na tarde, girantes girândolas, os parques sob a chuva, a luz oculta nas árvores, uma janela acesa bem alta na noite, crianças brincando, no mais recôndito de sua infância, sem a maldição da idade e da razão. Fomos castigados pelo tempo. O que se faz de mais certo é conter o tempo, não agora, que estamos velhos para isso, mas naquele tempo em que acreditávamos no milagre e o universo dependia de nós, jogávamos com sua sorte como um brinquedo. Tudo de que falei foi outra vida, um lago na memória. Na próxima carta direi das mulheres a sua contribuição de ternura, encanto e amor na minha vida. Criaturas simples e comovedoras, caminho do paraíso, portas do inferno.

A exposição de Newton Navarro foi um sucesso. Viajarei em agosto a João Pessoa.

Meu abraço mais forte,

Luís Carlos Guimarães

MYRIAM COELI

*Diante de mim existe um peixe
estático. Fosforece de silêncios
expectantes entre verdes e róseos.
O mar de minha parede tem desvários
brancos que o sufocam e
aprisionam o traço de sua presença
acrescentada de irresistível
mistério. Mistura em seu refúgio o
heroísmo de uma liberdade
inconsequente para que o tempo
sobre ele seja tensão
mágica da solidão.
A sedução de sua beleza, sinto-a
no instante emocional quando
sei que a imaginação e o pensamento e
mais esse frêmito de perenidade,
sutil e fascinante, o criaram. É
um fragmento da natureza que a
inspiração evidenciou no complexo
intuitivo da obra, na sua
valorização estética. É arte
simbólica no seu caráter geométrico.*

*Há vinte e cinco anos Dorian Gray
nos transmite esse frêmito de ação
criadora. Gera uma realidade nova
com habilidade técnica, superando as
limitações materiais.
De sua mão nasce um ser que vive,
com sopro de graça, de equilíbrio e de
movimento. Das águas do Potengi*

*articulam-se barcos com forças
vigorosas e movimento contido.
Da paisagem das dunas e do
casario que a neblina noturna
impermeabiliza, surgem personagens
que dinamizam as noites em
eclosões de festas populares. Telas se
cobrem de folhagens na violência
de sua beleza, no alarme de sua
alegria colorida, lampiões dúbios
iluminam com sua frouxa luz ambientes
acolhedores; há as janelas abertas
para as ruas entorpecidas,
velhos casarões equilibrando-se
em arquiteturas; catástrofes emolduram
figuras que trazem nos olhares o terror
secreto do instante do êxtase.*

*Podemos ouvir o verão nos frutos
sazonados e os cantos de amor nos
lábios das figuras que se ultrapassam
da intimidade de suas telas. E mais o
trepidar de asas policrômicas e o
instante íntimo dos girassóis
explodirem. E mais o milagre do
arco-íris diluindo-se no mundo
liberto das tintas.*

*A sua busca objetiva a arte social,
mais rica, mais ousada em seus
empenhos de mensagem humana,
com interação de conteúdo e forma.
Utiliza-se de diversos meios de
expressão para que a sua arte
reflita uma realidade diferenciada.*

Mas, é um lírico social. Seus temas não ferem pelo determinante das contradições, mas pelo ilimitado de suas potencialidades.

Constrói uma arte mais para utilizar meios de expressão que para doutrinar. As figuras são comedidas no universo de suas limitações e oferecem, não a dialética da contradição, mas um protesto romântico contra o estabelecido. É o protesto do eu contra o circundante. O conflito do objetivo e do subjetivo. Daí nascer o seu mundo utópico que é o universo do artista confrontante com o universo dos outros homens. E suas figuras se transformam em temas de arte, na ânsia de perfeição e afirmação desse mundo insólito. Não existe hiato entre o homem e o mundo que o cerca. Apenas o choque emocional que o faz ver original e doloroso. Toda a aventura da arte mantém essa amarga, silenciada, original dor humana, dualista, individual e abstrata que se equilibra e forma o ritmo, sem deformar o que emerge da consciência na conquista de limite de originalidade e criatividade.

*É a visão estética da presença que o
identifica nas suas manifestações e
universalidade de temas, acatando
os novos estímulos na total
vigência por sua integral
adaptação às inspirações do meio e o do
momento. Ser fiel na consciência de seu
estilo é o que vem afirmando ser.
Concepção decorativista, simplicidade,
desumanização das estruturas,
poder da cor como sistema de
expressão externa, associação de
formas significativas, evocação
mais do mundo sonhado que do mundo
visto, dinamismo plástico, linhas
nervosas, mistério das paisagens
marinhas em que barcos se acham
solitários e perdidos, tendência
caminhos que a Arte pressentiu no
concretamente socializante, são
seu desafio mítico e lúdico. E esse
fantástico desafio de vida
sobrenatural que desorganiza
com seus assombros e êxtases, com
as mortes todas e todas as
ressurreições, com a fúria de seus
impulsos, céu e inferno, é a vida de
quem se dedica há vinte e cinco anos
a construir coisa imperecível.
Dorian Gray caminha por estas
searas, onde os trigais
crescem para surpresa dos homens
que não compreendem, mas se tocam
do milagre.*

POEMA DO ANOITECER URBANO

Para Dorian Gray

*Os deuses antigos envelhecem
na tarde que declina.
Alguns deles já perdem o equilíbrio
e rolam sobre os edifícios.
Outros vão quebrar as vidraças
de uma tela impressionista.
As frutas azedam. Telhados
mergulham nos becos escuros
por onde vagara Cézanne.
Agora mesmo, rentes ao parapeito
no qual me debruço,
divindades perfumam danúbios
para as cinzas de Apolo.
Tânatos & Eros -
a Noite & o Dia
celebram, comigo,
a visão nímbica dos pássaros
que sobrevoam catástrofes.*

Jorge Tufic

ÓLEO SOBRE TELA

Para Dorian Gray

*São horas, estas, de leveza - pensa
conosco a luz que foge e se despede.
Dentro do homem qualquer coisa cede,
mas nada, nele, implora.*

*Esta vem com um sopro. Ali, suspensa,
a lua é um risco que outra lua, pede,
talvez do rio .morto, antiga sede
de uma infância que o teve e que era imensa.*

*Horas urbanas, pois, onde o relevo
permutante do ser com os polens de ouro
feitos de tudo para o nosso enlevo?*

*Errantes aves sobrevoam tela
pintada no arremedo desse couro
de alimária ou dragão, falsa janela*

Jorge Tufic

OFÍCIO

Alice Spíndola

Para Dorian Gray Caldas

*Do pincel mágico, a luz do divino
soma heranças da política do povo,
construindo a efígie nordestina
sob a perícia do olhar do artista.*

*Na efígie: gestos vestígios, signos,
sob o anseio e a carícia do sonho
do homem que traça, com linhas e curvas,
a síntese e o matiz da voz dos símbolos.*

*Com perícia e audácia, o artista
transpõe o Potengi, singra o Atlântico
e, lá por detrás do muito longe,
mostra o oceano do singular ofício.*

*À Arte, o talento imprime plasticidade
e estilo; perfuma e impõe o selo do ímpar,
no engenho e na tenacidade, de que vigora
o tom da fala que tem mais do que voz.*

*De quadros e murais da cidade do Natal
emana a efígie do Brasil de 500 natais.*

Alice Spíndola, mineira, é autora de Fio de Labirinto –
Prêmio Nacional Jorge Fernandes (UBE/RJ) e
1º Prêmio Nacional Auta de Souza (Macaíba/RN)

Rio de Janeiro, 17 de junho de 2001

Meu caro Dorian,

Há dias recebi seu excelente livro, homenagem muito justa a um artista que fez de sua vida um tributo à arte. Se não respondi prontamente o recebimento, faço-o agora, na certeza de que nesse período pude refletir mais acentuadamente sobre sua trajetória no âmbito da Arte e constatar suas qualidades como artista maior.

Creio que no meu estado natal nenhum outro artista levou tão longe a tarefa de difundir as linguagens artísticas com tanto empenho. Sobretudo fazendo de cada fase desenvolvida um hino ao ato de criação. Fiquei orgulhoso de partilhar dessa trajetória, sabendo-o ser você um intelectual que expande sua atuação por diversas outras áreas, sempre com o maior gabarito.

Receba um carinhoso abraço deste seu amigo, ao mesmo tempo que anseio voltar a Natal para transmitir pessoalmente a satisfação que tenho de receber livro, também graficamente impecável.

Geraldo Edson de Andrade

Rio, 16 de julho de 2004

Meu caro Dorian,

Já feliz com a alegria de conhecê-lo pessoalmente aí, mais ainda fiquei agora ao me aproximar de sua obra poética e pictórica.

Vim lendo no avião *O Canto Heroico*, principalmente *O Padre Miguelinho: Vida e Morte*, em que você domina a difícil arte da poesia heroica, terreno em que poucos conseguiram se expressar convictamente. Além das dificuldades inerentes a esse tipo de poesia, em que qualquer passo em falso pode resvalar para o convencional e o artifício, você conseguiu, para mim, a façanha mais relevante, que foi a de evitar seguir pelas trilhas mestras demarcadas por Cecília Meireles e João Cabral. Cecília como que fixou uma forma com o *Cancioneiro da Inconfidência*, inspirada talvez no seu profundo conhecimento da poesia galaico-portuguesa. João Cabral, calcado na poesia de cordel, inseriu no gênero um rigor de lâmina que caracteriza toda a sua poética. Mas você, como José Régio, soube dizer: "Sei que não vou por aí!" e criou seu próprio rumo, que devo dizer solar e sem veredas, como me pareceram as suas pinturas luminosas. Sua poesia ali, a par de suas ilustrações conducentes e condignas - em que as mãos são verdadeiros arquétipos de toda a criatura, em que elas (as mãos) parecem brotar diretamente da boca, como se fossem mais que mãos, o próprio verbo identificador do ser - parece provir da mesma fonte litúrgica em que se inspirou T. S. Eliot para escrever o *Crime na Catedral*. Só que você soube e conseguiu fazê-la vibrar com a sensibilidade visceral do agreste. Aquela imagem do fuzilamento

*Seu corpo cai / de sua alma. / Para que todo mundo
veja: permanece de pé / o que desaba / é o seu corpo
mais nada.*

é de grande beleza plástica, de uma cinematografia em câmera lenta, de uma liturgia ascensional.

Mas não ficam em plano inferior as gravuras da *Geografia do Medo*, precedidas do eruditíssimo estudo em que você demonstra que a sua criatividade e o seu saber-fazer estão fundamentados num conhecimento de causa, num domínio completo da teorização do assunto.

Por tudo isto, meu caro amigo, quero agradecer-lhe: pela sua simpatia espontânea, pela beleza de seus quadros e murais, pelas suas gravuras, pela individualidade de sua límpida poesia. Um grande abraço de seu amigo e admirador,

Ivo Barroso

NATAL II

Jorge Tufic

*Tenho que ver Natal. Senão revê-la
com seu dorso de areia; ali encravado
o galo cujo canto deslumbrado
menos parece galo do que estrela.*

*Tenho que ver Natal. Quero tecê-la
com as aragens do mar, o azul parado
numa tela espectral tendo a meu lado
as mãos de Dorian Gray e um barco a vela.*

*Tenho que ver Natal. E assim querendo
já me vejo entre as ruas da cidade,
embora a mim somente esteja vendo.*

*Tenho que ver Natal. São sete horas
com mais sete de volta; mas, quem há-de
saber-te a mesma como sempre foras?*

Amigo Dorian,

Li e reli os seus “Dias Lentos”. E os senti uma declaração de amor às artes. Ou à arte. Artes dentro da arte. Arte literária, eles são também amálgamas das outras artes com a literatura. São conteúdo – as artes – e continente – a arte. Um poema deve ter musicalidade, ritmo, imagens, representação. Tenha que forma tiver, deve ser a forma da poesia de quem o fez. Pois os seus poemas fazem mais: transpiram músicas (e musicalidade), dança (e ritmo), pintura e escultura (e imagens), teatro (e representação). A sua poesia chega ao poema: transfiguração da linguagem, transfusão de signos, transmutação de significados. Como não podia deixar de ser, em “Dias Lentos” irrompe a sensibilidade porejada em cada uma das suas faces de artista, de crítico de arte, de pessoa. Neles, estão os corpos e as paisagens das palavras, a humanidade das palavras, os instintos das palavras. Neles as palavras se pintam, como se querem pintar, e o sentido que querem ter é traduzido por sua extraordinária percepção de essência das coisas. Embora eu não disponha de instrumentos intelectuais ou técnicas aptos a analisar literatura (nunca o fiz), queria comentar seus poemas mais ou menos como acredito que nasça a própria arte: por instinto.

Os seus poemas realizam uma bela fusão entre poesia e pintura. Assim também fazem os seus quadros, traduzindo e reinventando as palavras das paisagens e dos homens, revelando uma linguagem profunda e, por isso mesmo, simples e verdadeira (como simples e verdadeiras são as paisagens e a humanidade descritas fundamente por Proust nas suas alongadas contemplações da vida). Poesia e pintura são um revérbero da sua intuição de inteiramente artista: reverberam uma na outra, se procuram nos claro-escuros dos temas humanos que você elege; “como se fossem dois amantes: ela inclinada aos seus pés, Ele a contemplá-la num suavíssimo e profundo segredo”.

Mas também a música, a dança, a escultura e o teatro são artes reinventadas na poesia dos “Dias Lentos”. Em “Uma Fruteira de Monstros”, as criaturas esculpidas se internam numa atmosfera gótica, quem sabe soprada pelas horas noturnas a que se refere Wilde no “Retrato de Dorian Gray”, dizendo advir, das horas insones da noite, a força da arte gótica. Em “Pedra do Sono”, artesãos cósmicos e humanos burilam juntos, sobre materiais duríssimos, mas vivos e pulsamos, a “metamorfose do verbo”. Libertam a pedra da pedra, a palavra da palavra. E a poesia é, fundamentalmente, libertação da palavra. É a linguagem libertando-se, brotando. A poesia é a linguagem nos seus começos. No poema “Viagem Interior”, a pedra deseja um jazigo: a escultura, portanto. Se a pedra deseja, fala; como falava através das criaturas de Miguel Ângelo, prisioneiras de mármore. Na sua poética, os materiais mais duros se fluidificam, assumem uma instintiva e oculta docilidade, as coisas então se gravam em metais de sonho, golpeiam metais de rios, barro e cal servem a bordados (e retomam a sua intrínseca delicadeza porque retidos na memória, e outra vez remetem às buscas de tempos perdidos). Finalmente, o operário “ama a sua ferramenta e nela vê gasta a sua própria vida”, esculpindo, no seu físico desgaste, talvez a compreensão da intensa poesia de sua humana natureza. E homens mortos são esculturas, armaduras forjadas no material mais nobre, os ossos, “que não erodizam, não mancham como acontece com os bronzes mais puros ou os mármore mais nobres.” Este, para mim, é dos mais belos momentos do livro.

A música e a dança percorrem “Os Dias Lentos” de mãos dadas, como parceiras naturais. Não apenas pela musicalidade dos poemas, mas também pela sua presença temática, são cantos de pássaros, “O Break”, Rocles, “Carnaval”, sinfonias, requebros de laiás, “músicas das árvores”, “esquálidos bailarinos” do lixo, violino solitário ao anoitecer, canção de “caniços de luz envergados pelo vento sibilante”. Mas também são dança certos passos visitando Arles ou caminhando sobre a Rua Tavares de Lira e também é música a “canção inaudível”, o “invisível aos outros, canção no teu coração”.

A arte dramática vem aos “Dias Lentos” trazida por motivos que evocam a origem do teatro. “Os Dias Lentos” são poesia dramática no sentido de serem, essencialmente, celebração. Celebração da vida, apesar de sua brevidade. Pois o teatro, em seu princípio, é necessidade de festejar a vida cultuando o sagrado, homenagear a divindade; oferecerem-se, os homens, aos deuses. Assim é a poética dos “Dias Lentos”: “fragmentos procurando a unidade absoluta. A única Alma”. O que é a única alma, senão o espírito cósmico, o Deus? Poesia voltada na direção do sagrado, do eterno, embora cante a divindade corrompida pelo tempo (ou a ruína da efêmera vida humana, deste “pó inútil do tempo que se chama o homem.”); voltada a um criador de “olhos infinitos”, buscado em abismos; voltada ao sobrenatural, esteja ele em deuses ou no corpo/alma imperecível da arte, ela mesma uma deusa terrível e poderosa, que desperta as paixões mais permanentes, os cultos mais excessivos. Há também negação de Deuses. Nos deuses “Do Imponderável”, sepultados para que o eu poético pudesse sentir a eternidade. Nos deuses equívocos “Da Beleza”. Mas essa negação é por si mesma a confirmação dos ritos nos “Dias Lentos”. Porque não é deus quem não pode suportar dúvidas de suas criaturas quanto à sua existência, nem as fragilidades e hesitações das crenças de criaturas que “duvidam dos próprios ossos”. A negação é ela mesma um rito, um rito de passagem: amplia o conceito da divindade, garante a necessidade da permanência do Deus. Porque a dúvida é condição inseparável de afirmações e confirmações. Porque sem toque nas chagas não se firma o pacto de sangue.

De toda a beleza plástica e dramática de “Os Dias Lentos”, rebenta a força de sua temática: o tempo, a memória, as perdas e ausências, a passagem da vida, os milagres e mistérios da poesia. Eis o mistério: os dias, lentos, sobrando do tempo; paradoxos da vida, “um relâmpago”. É justamente a simplicidade deste paradoxo que decifra o seu segredo. Como num relâmpago em que um cheiro, um sabor antigo, deflagram a recordação de dias longínquos que, afinal, dão sentido à forma da vida; e são celebrados com os rituais das lembranças lentíssimas e profundas. Assim como só imaginar “a árvore pelas raízes, os segredos pela ausência do saber, o infinito pela necessidade da conquista”. Sim, o passado é reconstruído (ou reconstituído) pela recordação dele. Ítalo Calvino, nas “Cidades Invisíveis”, afirma que “o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto.” E é essa visão (ou revisão) do passado que nos modifica, modifica o nosso sentir (o seu e de seus leitores, já que leitores de poemas, ao se internarem nessas “realidades incomensuráveis” - assim Octavio Paz define os poemas - se impregnam de verdade traduzidas pela poesia), pois os futuros, ainda segundo Calvino (e eu acredito em Calvino, o Ítalo, o italiano, um re-formador de linguagem, um profeta dos nossos tempos), “os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos”.

O passado é um milagre, o milagre em si mesmo, o ser morto/vivo, “as coisas findas, muito mais que lindas” de Drummond “Os Dias Lentos” celebram a existência dos milagres. A existência nunca vista, como os lírios do campo, mas acreditada; o milagre esperado pela pálpebra aberta que tem sido a vida. E, diverso de Bandeira; para quem tudo é milagre, menos a morte, fim de todos os milagres; a morte dos “Dias Lentos é também milagre, que chega sem ser visto nos “lençóis da noite”. “E porque sonho a morte Deus conversa comigo nas páginas antigas de um livro.” A morte é sonhada e procurada. É tida, vivida, celebrada. “Sei, nada possuo, a não ser a minha morte. Por isso te espero”. A morte é um milagre que gera outros milagres, o diálogo com a divindade, a espera infinita, para além dela própria. A morte é um milagre que se multiplica em nascimentos, em vidas. “Nasci, vivi, morri muitas vezes.” Compreendendo essas muitas vidas e mortes: assim se compreende quem não tem, “a não ser esta súbita vontade de viver”.

O eu poético dos “Dias Lentos” me lembrou Bandeira em mais de uma ocasião. Parece reler a “Poética” quando cria os primeiros versos “Das Horas e dos Dias” e igualmente os primeiros versos de “Canto”. Este, que será “um poeta novo chegando a um mundo caduco; um poeta decididamente

anti-poético, anti-lírico, anti-estético". Parece irmanar-se com aquele que está "farto do lirismo bem comportado" e quer o lirismo de bêbedos e loucos. Mas o lirismo transfigurado pelos "Dias Lentos" se desfaz "das rimas da poesia, das palavras bem comportadas, das roupas escuras, dos pássaros e dos pianos, dos chapéus escuros e de preconceitos, para que a poesia fale. Fale pelo poeta, pelo eu poético. Essa manifestação expande o grito modernista. É a pós modernidade? A poesia fala e escreve, tem olhos "que olham por mim". A poesia pinta. E diz se "valeu a pena a música das árvores", se "este fim é um começo", se "o poema está morto". A poesia diz: não, o poema não está morto. E mesmo a morte está viva e pulsante nos "Dias Lentos".

O eu poético dos "Dias Lentos" é múltiplo, plural, universal, como o artista Dorian. Fragmenta-se para conhecer-se, para conhecer seus abismos. E seus fragmentos são pássaros e raios de luz. E pousam, e juntam-se de novo, feitos em poemas. E dizem à poesia: "Conheci minha alma de repente". A poesia se ilumina como um quadro em que se pintam mares, navios, naturezas mortas, gentes... A luz rara do artista Dorian. A luz raríssima da pessoa Dorian, que caminha pelos seus "Dias Lentos", "na ponta dos pés", pisando a memória. Seus passos, porém, há muito acordaram a história do futuro, que está embebida e embriagada com sua arte.

Falei do livro por puro instinto mesmo, e um pouco guiando-me pelo que leio sobre poesia (agora eu estou precisando ler muito sobre poesia, antes eu lia só a própria). O seu livro tem imagens, contemplações e reflexões. Não é só bonito. É um livro de profundidades e de espessuras.

Um abraço,

Carmem Vasconcelos

Carmem Vasconcelos é Advogada, Escritora, Poeta

Livros publicados: Chuva Ácida (Poesia) - Destempo (Poesia)

MITOS

No não lugar da transcendência e da ambiguidade da condição humana, nasce o mito. Dotado de um tempo cíclico, reversível e autônomo, arquiteta silenciosamente as possibilidades infinitas da criação simbólica, imaginal.

Se é verdade que nós criamos os mitos que nos estruturam, e que eles viverão somente até o dia da morte do último homem, não é menos verdade que os mitos desenraizam-se das elaborações culturais datadas para se tomar um linguagem, uma poética e uma estética do pensamento não traduzível pelos códigos da racional idade humana. Rietmar Kamper, revogando o argumento segundo o qual o homem havia sido expulso do paraíso, assegura que de lá nós fugimos porque o paraíso era muito chato, o reino da ordem, da regra, do tempo linear. Talvez por isso tenhamos dado vida aos mitos: uma maneira engenhosa de respirar, de ludicamente viver a tragicidade de uma história errante, incerta, finita demais, ordenada em demasia. Longe de se constituir no ensaio balbuciante e infantil do pensamento, a estrutura mítica de pensar escapa das oposições tidas como inconciliáveis entre natureza e cultura, maternidades e imaternidades. “Nos limites dessas pedras, por fora sempre encobertas de musgos, líquen e folhagem, não sabemos onde começa o corpo de Alamoá” (poema Alamoá) - assim ecoa a veia mítica na poesia de Dorian. “Sou as águas que se curvam, a pedra que se fecha, o silêncio que me ensina a ser apenas um homem no homem” (poema Assombração) - assim nosso poeta-pintor dilui o conceito de homem numa hibridação aquosa e miserável que rejunta o que o conceito fragmenta e isola. “Faço-me herói Mavutsinim e proclama: meus mortos estio vivos. Renascidos com o fogo e as luas, vestidos de cor e fibra, palha e espírito. Duram o tempo de festa”. (poema Kuarup). Haveria nas narrativas prosaicas forma tão plena de se referir ao desejo da criação e imortalidade, tanto quanto à consciência da finitude? Duramos somente o tempo da festa, quer dizer, enquanto encerrarmos nossa história povoada de mitos, lendas, assombrações, duplos, ambiguidades irresolúveis.

Expressão ancestral das cosmogonias, o mito reatualiza com leveza o mistério do sacrifício cósmico que nos funda e profere uma sentença: não há criação de forma e de matéria, a não ser pela transformação da energia primordial. Sem mito não há cultura humana.

“O traço do artista está para além da abertura possível do compasso”, diz Dorian Gray. Assim também o linguagem mítica está para além das suas manifestações alegóricas ou virtuais. A linguagem do mito funciona como um elixir que alivia a ferida narcísica da humanidade cingida, que oscila na tensão entre as forças da rememoração e do esquecimento. Daí porque as imagens lendárias e mitológicas nos relembram a harmonia conflitual que as culturas tanto desejam quanto temem.

Diz Claude Lévi-Strauss que os mitos dialogam entre si antes mesmo de servirem como elementos fundadores das culturas. A isso podemos acrescentar: é necessário um mensageiro alado, um Hermes com tinta e pincel na mão para nos fazer comunicar com o mistério das imagens míticas que nos constroem e nos consomem. Entre nós, esse mensageiro alado tem um nome: Dorian, o belo Dorian Gray.

DO ACERVO PERMANENTE E DA MEMÓRIA DA ARTE DE DORIAN GRAY CALDAS

O acervo do Atelier Dorian Gray Caldas, criado nos anos 80, especificamente para exercitar e vivenciar as Artes Plásticas do Rio Grande do Norte, tem a virtude, entre outras tantas, de guardar, promover e preservar a obra do artista Dorian Caldas, que nestes últimos 50 anos tem desenvolvido sua obra, não só de cavalete, assim como sua obra mural, numa diversificação constante, cobrindo desta maneira o setor privado: edifícios e entidades, na rica e permanente visão das expressões mais autenticadoras dos valores referenciais, sem perder as características constantes que, neste século, permitem as interpretações do fazer plástico com liberdade vigiada e, principalmente, autonomia criativa. Portanto, a visita ao Atelier Dorian Gray Caldas e a consulta cuidadosa e verificadora das obras ali expostas, nesta homenagem que o NAC (Núcleo de Arte e Cultura), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e outras entidades promovem nos 50 anos de atividade artística/cultural do homenageado, permite a rara oportunidade do reencontro no tempo e no espaço de obras do autor, da 1ª fase - anos 50, e de suas fases subseqüentes, premiando os que apenas observam e aos que estudam a sua obra com a largueza de assuntos: técnica, estilo, tendências e temáticas reunidas, catalogadas e com verbetes, críticas e observações do seu fazer artístico, sem interrupções, incluindo-se nesta retrospectiva, também, a tapeçaria, a gravura, os desenhos e estudos representativos de cada fase do pintor, em sua trajetória na arte e pela arte. Dos quadros mais expressivos da 1ª fase do artista aos últimos movimentos dos anos 2000, percorre o apreciador da arte a extensa galeria da visão e da firmeza com a qual o pintor plantou a sua arte no solo fértil da casa que é o seu atelier e a árvore na qual os frutos do seu trabalho, ao longo destes 50 anos, podem ser colhidos e apreciados na eloqüência da sua obra e na grandeza de sua criação.

Dione Maria Barros Caldas

Atelier Dorian Gray - Curadora

O ACERVO DO PALÁCIO DA CULTURA DORIAN GRAY CALDAS, 50 ANOS DE ARTE

Falar do acervo do Palácio da Cultura do artista plástico, poeta e escritor Dorian Gray Caldas privilegia, principalmente, a dicotomia entre pinturas e tapeçarias, de iguais valores quantitativos, expostas nesta Casa, nas quais se evidencia a visão muralista do pintor, abrangendo não só a sua obra de tapeçeiro, mas também seu trabalho de cavalete. Chamamos a atenção para, no mínimo, cinco obras de pinturas murais e onze tapeçarias murais. Os trabalhos expostos nas salas especiais, na 3 (pinturas) e na 5 (tapeçarias), guardam a fase mais rica e as constantes mais determinantes do artista.

O seu universo sócio-econômico, fabulário liberado a partir dos anos 60, ainda preso ao expressionismo, realinha a sua obra e a reaviva com as cores, os frutos, o casario, as dunas e a linha do mar, das cores e das vibrações naturais, interligando-se com os verismos realistas, abandonando ou minimizando o intelectualismo da fase dos anos 60 em esplendorosa maturação das fibras coloridas das lãs, que se identificam com a sua *pintura* e as tintas, os ângulos e os espaços de sua pintura que, a partir dos anos 70, já evidenciava a sua preocupação muralista contextualizada pelo seu estilo com as obras universalistas, sem perder seu caráter nativo.

Registre-se na obra mural - Tapeçaria, sala 3, a oportunidade, talvez única, da leitura que esta obra permite no maior conjunto de peças tecidas, reunidas em um só ambiente. Ressalte-se, na obra de pintura, a diversidade de temas, dos anos 70 aos 80, que vão do trabalho de cavalete, com marinas e paisagens, às fixações plásticas murais; danças tradicionais e assuntos regionais na mais eloquente intensidade, reunidos em unidades tão permanente, as mais altas e mais expressivas do artista.

O Palácio da Cultura do RN homenageia os 50 anos da atividade artística literária e humana do polivalente criador que é Dorian Gray Caldas, artista por excelência, senhor de sua arte e representante de sua terra.

Luís Carlos Guimarães

Fundação José Augusto - Curador

Niterói, 5 de fevereiro de 2000.

Meu caro Dorian Gray,

Tomei a liberdade de incluir, no apêndice deste livrinho, suas palavras sobre “Romaneio”, em carta de 31.8.1992, honrosíssimas para mim.

Agora quero felicitá-lo pela inclusão de obra sua ilustrando bilhetes da Loteria Federal. Como norte-rio-grandense, senti-me orgulhoso perante amigos pela parte (infinitesimal) que me toca. Que venham outras consagrações nesse nível nacional.

Com abraço cordial,

José Lívio Dantas

DORIAN GRAY CALDAS

O percurso poético de Dorian Gray Caldas assinala, desde sua estreia com *Os Instrumentos do Sonho* (1961), uma fervorosa fidelidade à poesia, numa vocação que vem se manifestando na multiplicidade da sua arte. O poeta de tonalidades maduras, a partir do primeiro livro, imprimiu uma aura de romantismo a alguns poemas, dando ênfase a temas como o amor e a solidão, talvez como eco da leitura de Charles Morgan, o autor inglês que à época líamos com o embevecimento que tocava mais o coração do que a mente.

A cada ano, quase sem interrupção, Dorian Gray publicava um novo volume, sem prejuízo da sua avassaladora atividade como pintor, escultor e tapeceiro. Aí estão *Presença e Poesia* (1964), *Campo Memória* (1966), *Os Signos e Seu Ângulo de Pedra* (1976), *Poemas para Natal em Festa* (1984), *Cantar de Amigos* (1992) e, agora, *Os Dias Lentos* (2000). Ao lado de sua obra poética, publicou uma dezena de outros sobre arte.

Para muitos reside na pintura a marca fulgurante de sua arte. No entanto, a poesia está num mesmo plano de grandeza. Um e outro se entrelaçam, destacando-se que a poesia está presente na pintura como a pintura na poesia. Acentue-se, até, que embora sua poesia brote da emoção e do sentimento, em alguns de seus poemas existe uma dosagem impressionante de imagens plásticas e visuais.

De matizes clássicos, nunca o seduziu o apelo dos experimentalismos e vanguardas. Severa e serena, a poesia de Dorian Gray Caldas se transfigura de emoção. Nos momentos em que poderia ceder a arroubos, controla o ímpeto e fica à margem da exaltação, na suavidade da linguagem de seu verso elegante e contido.

O poeta diz alguma coisa sobre alguma coisa: navega na superfície ou mergulha nas profundezas: é canto raso ou de revelação: nomeia, evoca/invoca, oferta, resgata e descobre. Sem desfalecimento ou pausas, quando muito admite um breve compasso de espera para recomeçar. A poesia convive com todos os temas no patamar das nuvens, no teto do horizonte, paira à margem dos abismos ou engorda correntezas em busca do mar.

A poesia é celebração: na arquitetura do verso, a palavra é seu sangue, sua respiração, sua razão de ser. Fala pelo verso legível ou obscuro, retesado como arco na hora do arremesso da flecha, ou vacilante como as línguas da vela sacudidas pela brisa; parte ou se cala; tem vida longa ou breve; pára no meio do atalho que o tempo destrói, ou permanece como estrada principal.

O referencial poético de Dorian Gray assume todos esses estágios. A sua estrada é a principal e neste *Os Dias Lentos*, o mais recente e amadurecido de seus livros, completa o círculo da celebração. De livro para livro afinou sua voz numa linguagem de clareza e transparência. Criou um timbre pessoal que explora os mais variados temas, com caloroso lirismo. Seu temário inclui questionamentos, da vida e de sua arte, o passado e o presente, o gosto do elegíaco, a reflexão do contemplativo, a memória do chão de nascerça de suas inseparáveis raízes nordestinas, o amor e a solidão - doação e testemunho da beleza, a justificar Jorge Guillén - *La poesia es eso: un mundo profundamente acompañado de un alma*.

REVISITANDO DORIAN GRAY

Na *casa-atelier* do artista plástico Dorian Gray, repete-se, há quase 40 anos, um ritual que conheço e admiro: é uma mostra exclusiva – improvisada ao longo das salas – com trabalhos de seu vasto acervo. De início, os azuis e os cinzas predominavam, em tons sombrios; usava técnica mista em tela sobre cartão criando monocromáticas paisagens geométricas e de figuras longilíneas: “Mangues”, “Noturnos”, “Casario Antigo” e um belo “Momento Azul do Rio”...

Quando descobre a tapeçaria, que vem se somar ao desenho, à pintura, à cerâmica, à escultura e à gravura, a sua temática nordestina diversifica-se em gradações de amarelos, vermelhos, rosas, verdes e azuis luminosos trabalhados em lã, linha, forma e cor. Surge um novo imaginário.

Em a “Nau Catarineta”, os elementos distribuem-se por toda superfície do quadro e grandes figuras ocupam os planos principais. No alto, o casario, barcos e mar contrapõem-se aos frutos tropicais da margem inferior. Múltiplos planos são sugeridos por formas geométricas que, também, em nuance de cor, unem figura e fundo. Síntese da sua trajetória, esta tela?

O pastoril, o bambelô, o bumba-meu-boi, as danças folclóricas, os folguedos populares revividos em composições movimentadas e rítmicas, por gente sofrida, que em momentos lúdicos são transformados em reis, galantes, biricos, figurantes de congos e plasmados em linguagem plástica, pessoal, atual e universal.

Disciplinado e obstinado, Dorian Gray é o artista plástico mais fecundo do nosso estado e, há 50 anos, produz com a compulsão de um Van Gogh.

As suas obras expostas, em vários espaços, são espelhos que refletem, recriam e ampliam a paisagem numa extensão pictórica de Natal.

Carlos José Marques

Artista Plástico

Curador da Galeria Conviv' Art - NAC

GRAVURA, TEXTO, MISTÉRIO

Para Dorian Gray Caldas

*Em preto e branco
a noite e o dia
se deixam ficar de mãos dadas
com as lendas pescadas
entre rio e sertão,
caçadas entre verdes mutantes
flechadas nos ares que sobram
dos gritos insanos do Mapinguari,
da flauta do uirapuru
das asas de pau
da Matinta-pirêra.*

*Em zinco ou madeira
o estilete, e a goiva do artista
desvelam o capricho das águas,
a orquestra de insetos palustres
subjaz ao mistério,
bichos, pássaros, ramos, duendes,
transitam das barrancas do Solimões
aos guardados folclóricos
de Luís da Câmara Cascudo.*

*E o que mais, dizer dessa
fantástica
Geografia do medo?
Gravura e texto
celebram, nos cálices abertos do
lado interior do poeta,
o secreto parentesco de Jurupari
com as artes do pavão misterioso.*

Jorge Tufic

ÓLEO SOBRE TELA

Para Dorian Gray Caldas

*São horas, estas, de leveza - pensa
conosco a luz que foge e se despede.
Dentro do homem qualquer coisa cede,
mas nada, nele, implora.*

*Esta vem como um sopro. Ali, suspensa,
a lua é um risco que outra lua pede,
talvez do rio morto, antiga sede
de uma infância que o teve e que era imensa.*

*Horas urbanas; pois, onde o relevo
permutante do ser com os polens de ouro
feitos de tudo para o nosso enlevo?*

*Errantes aves sobrevoam tela
pintada no arremedo desse couro
de alimária ou dragão, falsa janela.*

Jorge Tufic

NATAL II

*Tenho que ver Natal. Senão revê-la
com seu dorso de areia; ali encravado
o galo cujo canto deslumbrado
menos parece galo do que estrela.*

*Tenho que ver Natal. Quero tecê-la
com as aragens do mar, o azul parado numa tela espectral tendo a meu
lado
as mãos de Dorian Gray e um barco a vela.*

*Tenho que ver Natal. E assim querendo
já me vejo entre as ruas da cidade,
embora a mim somente esteja vendo.*

*Tenho que ver Natal.
São sete horas
com mais sete de volta; mas, quem há-de
saber-te a mesma como sempre foras?*

Jorge Tufic

POESIA E MISTÉRIO EM GEOGRAFIA DO MEDO

Acabo de ler e de ver, com as “pupilas fascinadas” (Gerardo Mello Mourão), o livro *Geografia do Medo* (Estórias de Cordel e outras estórias, 151 p.), de autoria de Dorian Gray Caldas, publicado pela Editora Departamento Estadual de Imprensa (Natal/RN, 2001). A longa, minuciosa e erudita introdução do livro, escrita pelo autor, nos informa sobre as origens da gravura e de seus desdobramentos através dos tempos. Trata-se de trabalho de fôlego, de uma visão múltipla e abrangente dessa importante vertente da cultura popular, “a manifestação mais antiga da sensibilidade humana”.

Dorian Gray Caldas disserta com profundidade sobre a matéria na medida em que procura definir o significado universal da gravura, cujas estilizações são facilmente metabolizadas pelos consumidores dessa modalidade de arte primitiva. A certa altura do trabalho, o poeta expressa objetivamente o seu entendimento a respeito do assunto: “A gravura de cordel, é o osso, o que perdeu toda a carnadura, toda a possibilidade de ser outra coisa, ou modificar-se. É um soco na cara, como no poema de Fernando Pessoa” (p. 12).

Quando ele diz que a verdadeira arte parece ser “a medida além da abertura do ângulo possível do compasso”, deixa o caminho aberto para teorizações nos domínios da epistemologia. Dizer que o cordel é o osso descarnado, na sua nudez cruel e fantasmagórica, é uma forma dramática de convidar o leitor a refletir sobre a universalidade da gravura como uma das maneiras de perpetuar, no espaço e no tempo, gestos e antagonismos que lastreiam o substrato da realidade humana.

Seria irrelevante falar aqui das técnicas e significados plurais da gravura depois da aula magistral proporcionada pelo autor no texto da introdução do livro. O que nos cabe destacar, e o fazemos de coração aberto, é o nosso deslumbramento em face da generosa dádiva de beleza com que o poeta nos brindou ao longo do seu livro de poemas e gravuras. Nossa admiração se renova a cada momento em que lemos os textos ou pousamos os olhos nessas figuras cabalísticas e misteriosas que parecem dardejear na superfície branca da cartolina.

A complexidade e o rigor artesanal das gravuras, o mistério dessas criações decantadas pela poeira das idades, são coisas que nos levam a refletir sobre a riqueza abissal das possibilidades humanas. O homem primata civilizado, contraditório e paradoxal vivendo em permanente conflito consigo mesmo e com a natureza é capaz de transformar abstrações em realidades que pulsam e nos comovem por sua beleza e atributos universais.

Neste ensejo, rendo as minha homenagens ao poeta e artista plástico Dorian Gray Caldas, figura singular da cultura brasileira, pela transcorrência dos 50 anos de suas atividades artístico-culturais. Não bastasse ser um poeta de primeira categoria, um criador de imagens verbais que dignificam a poesia e enriquecem o idioma, Dorian Gray ainda esbanja o seu talento na composição de pinturas, desenhos, murais e gravuras, que se destacam nos acervos do país. Sua arte, de perspectivas abrangentes, nos oferece um leque das mais variadas opções: “Marinhas, troncos e folhas, salineiros e pescadores, brinquedos e crianças pobres, desenhos, óleos, tapeçarias, rostos, figuras, serigrafias” (Franco Maria Jasiello). Todas essas coisas são contempladas pelas retinas mágicas do poeta e do pintor, que as transformam, através da cor ou da palavra, em valiosas obras de arte.

Em *Geografia do Medo*, os poemas e as gravuras não são coisas que se desenvolvem paralelamente. São caminhos que se entrelaçam ou se bifurcam para formar uma unidade perfeita.

São “Estórias de Cordel e outras estórias” que povoam o imaginário da gente nordestina. Assuntos que nos tocam de perto, que nos dizem respeito, e que de tal forma se acham entranhadas no corpo e na alma das pessoas. As gravuras e poemas de Dorian Gray nos contam essas estórias de forma dramática e sedutora, desse jeito que só os poetas, áugures de ontem e de hoje, sabem fazer. Em “O Monstro do Rio Negro” (p. 41), o poeta nos adverte: “Tremem as águas do rio / brilham brilhos óleos quentes./ É certo que ele existe / esta besta que existe em nós / sem data e sem nome”.

Note-se a habilidade com que o poeta muda o curso da lenda, segundo a qual o monstro habita as profundezas das águas do Rio Negro. Pois ele nos diz justamente o contrário: o monstro existe e essa besta está dentro de nós, “sem data e sem nome”, no fundo do coração ou nos recônditos da alma. Em “Pavão Misterioso”, um dos mais belos poemas do livro, a ave “Arrasta a cauda como uma donzela/medieval. / Vez por outra passa em seu orgulho / uma vertigem. / É quando a criança que o observa / sente e sabe que essa ave / emigrou do paraíso” (p.98).

A bibliografia de Dorian Gray Caldas revela que o poeta fez várias incursões pelo universo da gravura, da pintura, do desenho e da serigrafia. Em qualquer dessas modalidades de expressão artística, seu domínio é completo. Suas gravuras são poemas visuais de grande fascínio, através das quais o pródigo fabulário do povo nordestino se expressa de forma extraordinariamente elaborada, com prodigiosa riqueza de detalhes e caracteres.

Essas figuras em preto e branco são os pilares da linguagem emblemática e poderosa, plena de virtualidades poéticas, dessa epopeia que se passa nos primórdios do caos ou no rastro das primeiras volúpias sensoriais do habitante das cavernas. São como que um mergulho nas camadas mais profundas do inconsciente coletivo ou nessa regiões da memória em que permanecem, estratificados, os vestígios mais remotos da “raça planetária”.

Seria impossível, nestas breves e mal traçadas linhas, falar da complexidade e alternativa que permeiam a cosmovisão desse artista completo que é Dorian Gray Caldas. Fazer uma abordagem da textura e dos ângulos ousados de sua vasta produção no campo das artes plásticas. Só um crítico especializado no assunto para fazer um trabalho dessa natureza, de modo a contemplar a bipolaridade das atividades plurais desse artista de muitas ferramentas. Não há como discordar de Simone de Beauvoir quando escreveu estas palavras: “É na arte que o homem se ultrapassa definitivamente”.

Francisco Carvalho

FIERN - CARTA ABERTA A DORIAN GRAY

Natal, 28 de dezembro de 2000

Caro Dorian:

Li, sensibilizado, sua carta aberta publicada no Diário de Natal. O agradecimento é bem-vindo e perfeitamente compreensível, já que nasce da generosidade que o caracteriza.

No entanto, caro poeta, o débito da gratidão sempre será nosso. Digo isso baseado em fato, não em questões de etiqueta. Ao folhear o livro "Todos os Planos", tenho deleites diversos e cito alguns exemplos: a satisfação de homenagear um artista valoroso que immortalizou as belezas da nossa terra; o prazer de ver suas obras admiráveis, compreendidas dentro de um panorama inédito; a oportunidade de promover o seu talento para outros cantos do Brasil e do mundo... Além disso, com o livro "Todos os Planos", a FIERN cumpre seu dever de valorizar a arte e o artista local, lançando mão de ideias e formatos dignos da nossa produção cultural. A sua obra, caríssimo Dorian, me faz lembrar uma história citada pelo publicitário Nizan Guanaes: numa entrevista, o poeta Mário Quintana, perguntado sobre qual a paisagem que mais admirava no Rio de Janeiro, respondeu: "...a de dentro do túnel". ..Espantado, o repórter quis saber o motivo da inesperada resposta, ao que o poeta esclareceu: "...é o único lugar do Rio onde eu posso descansar de tanta beleza." Às vezes, prezado amigo, preciso fechar "Todos os Planos", pelo mesmo motivo.

Um forte abraço,

Abelírio Vasconcelos da Rocha

DORIAN GRAY

Conheço Dorian Gray de longa data, desde quando, ainda rapazinho, se iniciava nas artes plásticas, a mostrar o seu talento nato, talvez herdado de sua mãe - D. Ninfa, também uma artista.

Há um laço de parentesco entre nós, pois meu marido - Néelson Montenegro - também era Caldas, pelo lado paterno. Caldas é sinônimo de cultura e fidalguia, pois na família há verdadeiros gênios como João Luis Caldas e Zaíra Caldas, sua irmã.

Quando fiz minhas Bodas de Ouro, tive o privilégio de receber de Dorian um lindo desenho simbólico, de grande expressão artística, que usei nos cartões de lembranças das bodas. Ainda me presenteou com expressivas gravuras para o meu livro *A Piabinha Encantada e Outras Histórias*, editado pelo MEC e que à minha revelia, não as usou no livro. Fiquei revoltada, uma vez que desenhos de Dorian eram muito superiores aos que aparecem no livro.

A arte de Dorian é universal, o seu traço é inconfundível e abrange várias etapas de sua carreira com marinhas, folclore, paisagens, criações geométricas e que tanto encantam o público.

Dorian Gray não é apenas um pintor famoso no Brasil e no exterior, trabalha e cria desenhos espetaculares nas tapeçarias. Há painéis seus em vários países.

Dorian é um artista eclético. Não trabalha apenas com a tinta e o pincel, a agulha e a linha. Brilha também como poeta e escritor, com livros publicados de poesia e prosas. Escreve, faz palestras mostrando seu estilo clássico.

Como amigo, um fidalgo. Tem sangue azul nas veias e sua aparência, circunspeto, cabelos brancos, é realmente de um nobre. Onde está, brilha, tudo isto dentro de uma simplicidade que só os verdadeiros artistas possuem.

Assim é Dorian Gray e eu me orgulho de ser sua amiga e confreira na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Maria Eugênia

Natal, 24 de outubro de 2000

HOMENAGEM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE A DORIAN GRAY CALDAS PELOS SEUS 50 ANOS DE VIDA ARTÍSTICA

Iaperi Araújo

Escolhido pelo venerado IHG/RN (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte), por escolha e lembrança de seu presidente, o escritor e advogado Enélio Lima Petrovich, para falar em nome da Instituição na homenagem que é prestada a Dorian Gray Caldas pelos 50 anos de intensa vida artística e intelectual, e havendo concluído a pesquisa que originou o texto, encontrei, subitamente, em meus arquivos, cópia de um artigo que havia escrito há mais de 20 anos e que fôra publicado no Diário de Natal, com uma visão crítica do seu trabalho e uma surpreendente atualidade na avaliação do artista e sua obra, que permanecem na vida intelectual do Estado.

É esta apresentação crítica que será a introdução ao texto em que presto a nossa homenagem a Dorian Gray.

ARTES PLÁSTICAS A FORÇA CRIATIVA EM DORIAN GRAY

Iaperi Araújo

Difícilmente um artista plástico do Rio Grande do Norte terá a capacidade criativa de Dorian Gray Caldas. Companheiro de Newton Navarro na primeira exposição de pintura moderna em nossa Capital, em 1950, soube construir em quase trinta anos de dedicação e trabalho nas artes plásticas uma consciência crítica capaz de produzir trabalhos da melhor categoria para o nosso estado. Artista completo, poucas são as formas plásticas que não experimentou, na constante busca da mensagem que dignificou o artista e o identificou com o pesquisador de formas e elementos de composição.

Na pintura, identificou-se com a marca e registro da paisagem potiguar. Seus casebres da margem do rio Potengi, seus engenhos adormecidos e abandonados nos verdes vales, sua história e suas brincadeiras nos autos e danças dramáticas que marcam a regionalidade e a cultura do nosso povo. Utilizando a cor como elemento importante da composição, procurou estabelecer a ambiência das festas populares em seus folguedos e alegorias como donativo da graça tradicional, vertente criativa da cultura popular.

Utilizando a gravura, descobriu nos nossos olhos um mundo novo de becos obscuros, de casas assobradadas, compondo a Ribeira-mulher dentro do sentimento dos habitantes noturnos da cidade a ver o rio. As palhoças singelas, o brincar das crianças no lixo. O cachorro ladrando para a lua que descortina a cidade sobre o rio e mar. Também registrou na gravura os autos populares. As festas religiosas de barracas e bandeiras. A imponência dos congos e rateados e a trágica morte do boi calemba numa obscura rua de Natal. Buscando explorar os tons de claro-escuro oferecidos pela gravura, expôs os sonhos de assombrações da tradição oral e os frutos doados pela terra numa oferenda do artista aos que buscavam sentir a terra em um pulsar de doação.

Na tapeçaria, construiu um mundo novo de esperanças. As marinhas abertas ao vento e ao sol, salgando a areia banca e o mar descortinado nas paisagens do nosso litoral. Os mesmos temas de folguedos populares, do abandonado, dos engenhos mortos sufocado, como surgiram também os bichos fabulosos de sua Caixa de Pandora, lagartas, casulos fechados na expectativa. Esses bichos fantásticos que criou na tapeçaria "Bestiário". Animais de sonhos, bichos recriados pelo amor à terra do pesadelo. Fusão da tradição oral e da lúdica infantil povoando um imenso campo da tapeçaria criada pela sua consciência artesanal.

Essa capacidade criativa, essa força vivencial que atrai e obriga a compor em qualquer elemento, em qualquer forma ou material, faz de Dorian Gray um artista que marca seu tempo pela constância de sua presença como artista da cidade.

Não seriam as inúmeras exposições realizadas em Natal e outros estados do Nordeste, nem o sucesso de crítica no sul do país, nem sua presença como representante da arte nordestina no exterior, nem os inúmeros álbuns de gravuras, que atestariam essa vitalidade. O artista vivo! Empresta a cor a sua cidade. Dá vida aos seus sonhos e anseios, liberta de sua caixa mágica o bestiário da tradição oral, ressurgindo das cinzas as formas mais puras, desdobrando o embrião criativo do casulo que o oprime, escrevendo nas cores e nas figuras a história dos gestos, das coisas, dos homens, das tradições e das glórias de sua cidade.

DORIAN GRAY NOS CINQUENTA ANOS DE ARTE

Iaperi Araújo

Um filósofo disse certa vez que não existe animal mais estranho que o homem e uma dessas coisas inexplicáveis seria sua capacidade de criar. Dizem que as pessoas nascem com vocações, predestinadas, mas tem que haver uma oportunidade para que essa predestinação aflore dos mais recônditos lugares de seu cérebro, na revelação surpreendente de sua destinação divina.

Se formos seguir fielmente essa linha de pensamento, não conseguiremos explicar como pessoas com tanta capacidade criativa conseguiram criar em situações desfavoráveis, sem estímulo nem oportunidades.

O movimento cultural na provinciana capital do Rio Grande do Norte, na primeira metade do século XX, era bastante incipiente. Proliferavam jornais literários de vida curta, poetas e seresteiros. As artes plásticas tinham poucos representantes. Hostílio Dantas, Rabelo, Pedroza. Os ecos do movimento modernista de 1922 não chegaram a Natal antes do final da década de 40, quando Newton Navarro fez sua primeira exposição.

Dorian Gray surgiu vocacionado. De uma família de artistas, trazia nos genes de sua hereditariedade a capacidade criativa, e a fez aflorar numa exposição há 50 anos passados. Os contemporâneos e os jornais da época falavam com certa reserva de uma “arte moderna” que o artista propunha, mas inegavelmente foi um choque que a sociedade não estava acostumada a ver.

Por quase toda uma década, Dorian e Newton Navarro foram os únicos a se sobressaírem do academicismo predominante em Natal. Somente no final dos anos 50 é que Túlio Fernandes, Thomé Filgueira e Leopoldo Nelson se revelaram no Salão de Verão do Santa Cruz Futebol Clube.

Dorian Gray é talvez o mais importante e permanente artista dos primórdios de nossa modernidade artística. Multifacetário, usou de todos os materiais para expressar sua arte, utilizando tanto a sobriedade da cor quanto simbólicas alegorias irisadas da nossa cultura.

Pintor e gravador, registrou tanto nossos momentos históricos, como no painel do martírio de Frei Miguelinho, quanto nossas danças tradicionais, o casario histórico e as mais humildes palafitas do rio Potengi. Fez esculturas. A mãe gorducha da antiga Praça Pedro Velho, ao lado do prédio da OAB na avenida Câmara Cascudo, e o monumento à paz, no largo entre as ruas Joaquim Manoel e Manoel Machado, em Petrópolis. Todas com extrema criatividade e sensibilidade ao compor o tema, o material e o ambiente.

Fez tapetes. Deslumbrantes documentos de nossa tradição cultural. As tradições populares do boi e dos congos, o casario natalense descambando nas velas embandeiradas pelas folhas de bananeiras. Em tudo, o traço e a cor revelavam sua capacidade criativa e sua sensibilidade de Mestre.

Participou de dezenas de exposições em Natal, no Nordeste e Sul do país e no exterior. Lá, divulgava nossa tradições e nossa cultura, revelando nas sua cores tropicais cheias de luz e sol, a alma da gente potiguar.

Citado nacionalmente em diversos livros de arte, como os de José Roberto Teixeira Leite, Roberto Pontual, Clarival do Prado Valadares e Carlos Cavalcanti, é sem dúvida alguma nosso mais importante artista moderno.

Poeta, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e desse Instituto Histórico e Geográfico, publicou também álbuns de desenhos, pinturas e gravuras, além de ensaios sobre arte, nos quais revelou-se um grande conhecedor da filosofia da criação e dos movimentos artísticos da atualidade.

Dorian Gray é esse criador inesgotável. Fonte perene de coisas belas dos sentimentos coletivos, mas principalmente um homem extraordinário que soube fazer fluir de sua alma toda criatividade embutida na sua hereditariedade, desvendando para Natal, por 50 anos, sua visão criadora da alma do seu povo, nas cores vibrantes e tropicais, na luminosidade intensa e brilhante, nos movimentos alegóricos das festas do povo, nos mitos e lendas de seus pesadelos, nas fantasias dos reinos encantados e, principalmente, nos sonhos mais elevados de sua identidade.

Se foram esses seus 50 anos como criador, Dorian Gray é um vencedor e tanto Natal, quanto o Rio Grande do Norte e o Brasil, ao homenageá-lo, fazem justiça ao seu gênio criador e à sua permanente capacidade artística, que ainda nos dará mais anos de alegrias, mais atestados de vitalidade e mais realidade aos sonhos do nosso povo.

Fortaleza, 09 de abril de 2001

CARO POETA DORIAN GRAY CALDAS

Recebo Canto Heroico (Arte, Texto), antes de mais nada uma iniciativa de extraordinário requinte gráfico. Meus olhos foram imediatamente seduzidos pelo magnetismo pictórico dos painéis e desenhos magistrais que emolduram os textos poéticos. Impossível não sentir que o coração bate mais forte diante dessa autêntica orgia de beleza, de cores, de tons, de amarelos que fazem contraponto com roxos e verdes e azuis.

Já havia lido, não sei onde nem quando, que você, além de poeta, era também artista plástico. A princípio, imaginei que se tratasse de um amador da nobre arte dos pincéis. Descubro, agora, que estava completamente enganado. Você, na realidade, é um extraordinário criador de belezas, de poemas visuais que nos seduzem pela limpidez do cromatismo e pela mestria da técnica.

Na abertura do livro, leio que você é o responsável pelas ilustrações do álbum, mas não, se faz nenhuma referência a que as pinturas são também de sua autoria. Acredito que essas maravilhas só podem ter saído da magia de seus pincéis.

No que se refere aos poemas de “Canto Heroico”, em que se exaltam figuras preservadas pela memória coletiva, esses textos possuem todos os méritos, a leveza e dramaticidade que evocam momentos culminantes da épica nordestina. A dinâmica desses cantos, sua fidelidade à dicção e às vozes do povo; a linguagem solta e completamente aberta aos inúmeros matizes temáticos; os versos plurimétricos de rimas consoantes e/ou acidentais, enfim, toda essa tessitura de ritmos e de imagens, de adágios, elegias e ladainhas: o lamento das mulheres que choram o morto; essa romaria de vozes e gemidos, vinda de um passado remoto, como que se projeta no presente e no futuro através do poema.

*“O nosso pranto,
é múltiplo e vário
como a chuva
e o orvalho.
O sangue anônimo
viaja na rua
na calçada
atinge a praça
abre no muro
a rosa vária
rosa vermelha
de sangue.”*

O conjunto de poemas sobre o Ataque de Lampião a Mossoró resgata, de forma brilhante, esse trágico acontecimento de natureza social cujas repercussões ultrapassaram as fronteiras do Nordeste. Muito já se escreveu em prosa e verso sobre as peripécias do grupo de cangaceiros chefiado pelo temível Lampião. Sabemos que nesse copioso manancial de literatura memorialística, frequentemente a realidade se confunde com o mito. E porque o mito geralmente ocupa o lugar da realidade, isso explicaria o fato de que a vida e a arte do famigerado cangaceiro continuam cada vez mais vivas no imaginário popular. O que vem a corroborar o verso famoso de Fernando Pessoa, segundo o qual “o mito é o nada que é tudo”.

*“No tropel dos seus cavalos
pelos negros canos das armas
pelas armas apontadas
pela ponta de suas facas
vão chegando os cangaceiros” (p. 89)*

Gostaria de transcrever vários outros momentos de insuperável densidade poética do seu Canto Heroico. Infelizmente, as limitações dessa carta me impedem de fazê-lo. De resto, os diversos prefaciadores do seu magnífico livro já destacaram alguns dos numerosos aspectos exponenciais do seu belo Canto Heroico. Estou certo de que o fizeram melhor do que eu o faria.

Os meus agradecimentos, ainda, pela remessa da plaqueta a respeito dos seus 50 anos de arte. Também aqui se me depara o requinte do seu talento de mestre das cores ardentes e dos traços sedutores. Quando me detenho a contemplar a sensualidade cromática de suas pinturas, fico a imaginar a enorme distância que separa a arte verbal da arte pictórica. Rendido aos encantos de seus poemas (verbais e pictóricos), cumprimento-o por todos os talentos que possui, pela beleza e singularidade de suas criações, voltadas para a magia do povo e da terra. O abraço amigo do,

Francisco Carvalho

Natal-RN, 10 de dezembro de 1992

Caríssimo Dorian Gray,

Quando saí do necrológio de Newton Navarro e me deparei com as luzes velozes da avenida Prudente de Moraes, veio-me, melhor digo, aflorou um sentimento de contraste e, de imediato, um sabor de nostalgia. Caí, por inteiro, novamente, na beleza – e riqueza – do seu depoimento. E senti o quanto é valioso tamanho evento! Algo que era uma constante nas décadas próximas passadas e partilhado, proporcionalmente, por muitos; uma prática que proliferava em várias cidades em diversos recantos e formas, hoje, por causa do ritmo e do tamanho da cidade *grande é fato inusitado* e, assim, apenas alguns – e eu no meio – tenho o privilégio de ouvir e partilhar de tão *grande relato* – uma verdadeira aula sobre humanismo, arte, cultura, regionalismo, missão, liberdade e amor enriquecido de erudição e profundidade pessoal. E o que é ainda mais impressionante: envolvendo dois integrantes da própria terra – um, o falado; outro, o falante. Quanta matéria vibrante!

Para onde marchamos todos nós se somos incapazes e impotentes de massificar notável informação? O que fazer para “tocar” nas pessoas e elas descobrirem *tempo* para a qualidade da *informação - Newton Navarro?* (ao invés da informação descartável, tipo Jornal Nacional e Novela das Oito).

Tenha os meus sinceros agradecimentos pelo convite – foi algo ímpar.

Abraços,

Enyldo Tabosa

OS 50 ANOS DE ARTE DE DORIAN GAY CALDAS

Valério Mesquita

Deputado estadual, escritor e advogado

Felizes os povos que têm a dádiva do talento e da obra de seus artistas para dar forma e cor ao seus sentimentos, às suas tradições e à sua história. Felizes também esses povos quando reconhecem a grandeza desses artistas, que o poeta Ezra Pound chamava *antenas da raça*.

Neste ano de 2000, fechando o século XX e abrindo as portas do terceiro milênio, pode-se afirmar que nos inserimos entre os povos felizes porque Natal, o Rio Grande e o Brasil festejam o cinquentenário da produção artística de Dorian Gray Caldas, o mais importante expoente, sem esquecer Newton Navarro, das artes plásticas que o nosso Estado já tenha possuído.

Em 1950, com coragem, Dorian Gray, Newton Navarro e Ivon Rodrigues revolucionaram o conceito de pintura, portanto, de arte entre nós, com uma exposição nas proximidades do Grande Ponto, em um casarão que tinha sido ocupado pela Cruz Vermelha, começando, assim, não apenas um movimento que daria seus frutos em termos estéticos, mas uma jornada desbravadora na sensibilidade adormecida da província.

Pela primeira vez, o Rio Grande do Norte viu-se frente a obras que não representavam o passatempo dominical de prendadas donzelas e melancólicas senhoras, nem o desabafo cromático de algum entediado habitante de longas tardes abafadas. Tratava-se de quadros que não se limitavam à descrição oleográfica, mas transmitiam o universo inquieto da verdadeira arte.

Durante cinquenta anos, Dorian Gray, incansavelmente, na multiplicidade de sua capacidade criativa, produziu (e continua produzindo) obras que contêm essa inquietude alimentada pela sensibilidade e pela generosidade que de sua vida transborda para telas, tapeçarias, desenhos, esculturas, poemas e ensaios.

Dizia Platão que o belo é difícil, referindo-se ao belo da arte.

Dorian Gray, profundo conhecedor desta verdade, exprime o belo em sentido transcendental no ritmo cotidiano de seu viver oferecendo a todos o resultado do seu talento, de sua disciplina, de sua maravilhosa capacidade de fabulação. Diz Francisco Brennand que o verdadeiro artista deve fabular. Dorian Gray é exemplo de fabulação nas marinhas luminosas, nos desenhos ressuscitadores de mitos, nas formas das esculturas, nas cores das tapeçarias, na arquitetura dos versos. Escreve o poeta Diógenes da Cunha Lima, na apresentação do belíssimo livro de poemas de Dorian Gray, *Os Dias Lentos*, que o autor derrama poesia em tudo o que faz e, sem dúvida, trata-se de uma afirmação irretocável.

Prestar homenagem a esse artista é honra que é concedida a quem homenageia, porque a verdadeira homenagem é aquela que, constantemente, é por ele distribuída para todos através da limpidez de suas criações que parecem tocadas por um anjo saído de um poema de Rainer Maria Rilke.

Homem cordial, atencioso, afetuoso, Dorian Gray é, antes de mais nada, um artista que, apesar de sua universalidade, nunca se afastou de suas origens, de sua realidade poética de brasileiro, nordestino, potiguar, natalense.

Se pintou uma das obras mais importantes do muralismo, o martírio de Frei Miguelinho, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, merecendo essa obra, com justiça, que Franco Jasiello a chamasse de “políptico” e a comparasse à pintura mural de Giotto, criou também álbuns contendo desenhos ilustrando nosso folclore, nossos brinquedos, nossa flora, e por isso Luís da Câmara Cascudo escreveu: “Compreende-se que Dorian Gray, pintor e desenhista enfrentando a composição, tenha a vocação pictórica pela realidade brasileira, incapaz de deformá-la, mutilá-la sob o pretexto de interpretação pessoal” .

Depois de cinquenta anos de atividade artística ininterrupta, Dorian Gray, que sempre utilizou-se de uma linguagem personalíssima, inconfundível, mantém-se fiel aos casarios que emergem da memória, às paisagens sugeridas pela intimidade com a natureza e seus mistérios. Disso resulta aquilo que Clarival do Prado Valadares definiu como criação artística referencialmente do local, mas em termos de pintura universal do homem erudito, e fez Antônio Bento classificá-lo como pintor representativo da cultura plástica do Nordeste brasileiro.

Por ocasião dos cinquenta anos de arte de Dorian Gray, deve-se saudar, junto com a realização extraordinária de uma medida personalíssima de forma e conteúdo, aquela comovedora e definitiva do artista que ignora voluntariamente o fascínio de exotismos aliciadores para permanecer coerentemente poeta de sua terra, de seu povo, de sua paisagem física e humana. Deve-se saudar a condição essencial do artista que representa, em qualquer latitude, a áspera e doce condição de ser do RN, de amá-lo e de ser, por ele, amado.

Ao mestre com carinho, abraço.

Natal, 09 de outubro de 2000

VITÓRIA DE SAMOTRACIA OU DO ROSTO E DOS BRAÇOS QUE FALTAM

Dorian Gray Caldas a Américo de Oliveira Costa

*Não teriam teus olhos o fogo
destas chamas de asas, volutas soltas
prestes ao vôo
ao vôo que falta
ao sonho que nos falta.*

Não teriam.

*Não teriam teus lábios o silêncio
necessário o silêncio do tempo,
o mudo coração que por ser de mármore
razões maiores têm que o coração
dos vivos, e mais sábios.*

Não teriam.

*Não teriam as tuas mãos de pássaro
tanto apelo de aceno, tantos adeuses
na curva da asa que salta
além do tempo e por não serem mãos
apenas sugestões do íntimo do corpo,
avançam.*

Não teriam.

*Não teriam razões sobre o tempo
nem poder, não fosses vitória sobre nós
tão incompletos, que pela vida afora
vamos levando nossos olhos baixos,
nossas mãos pendentes, tua vitória,
vitória sobre a morte
e eterna e bela e forte
e chama e glória.*

DORIAN GRAY é altresí um ottimo pittore e i suoi paesaggi marini meritano una particolare attenzione.

Oltre alla pittura e agli arazzi, ha prodotto anche lavori su metallo, ri portando in essi il tono caratterístico della sua terra e delle sue genti, DORIAN GRAY é opportuno tenerlo presente per la risoluzione dei problemi artistici che potessero sorgere nella fase applicativa del programa del Governo a favore dell'artigianato.

Do Relatório de Bragani-Citaco

Consultor de Arte

Pintor e escultor, DORIAN GRAY CALDAS revela-se igualmente o artista plástico do verso. Da terra "combusta e assassinada" ele soube retirar a sua argila mágica, a que misturou as "seivas das nascentes". A poesia feita dessa argamassa, memória dilatada na lhanura dos campos, há de permanecer como a terra permanece, fiel ao preceito bíblico.

Nei Leandro de Castro

A fase atual de DORIAN são os tapetes. Verdadeiras preciosidades que não nos cansamos de apreciar, uma simplicidade de cores, um aprimoramento de técnica, uma ingenuidade de formas, juntamente com uma temática fortemente regional, dão às obras de DORIAN a resposta do valor e da importância que elas têm no nosso mercado artístico. Em Natal, uma visita à casa de DORIAN faz parte, hoje em dia, de um roteiro obrigatório, tanto quanto o é à casa de Câmara Cascudo, se dermos, a cada um, a verdadeira posição que ocupam em seus respectivos campos de ação.

Arthur Américo Siqueira Campos Cantalice

João Pessoa - Paraíba

DORIAN: 25 ANOS DE ARTE

Guardou do pai o jeito de aceitar e de deixar a vida fluir. Não propriamente como homenagem à sua memória, mas como gratidão pelo muito que, em vida, fez, com a sua compreensão e carinho, para que o menino de ontem se tornasse o artista consagrado de hoje.

Genival Rabelo

Diário da Manhã - Ribeirão Preto, SP

13 de março de 1975

Mas vale a pena deixar a manhã de lado e me voltar para a outra manhã que é a sua poesia. Que mais dizer, senão dessa esperança que é você dentro da poesia?

Zila Mamede

31 de agosto de 1958

Los tapices que se exhiben son estudios serios de composición. Su textura deslumbra por la sutileza de su técnica, verdadero crédito a la sensibilidad e inquietud de sus creadores. En ellos son casi imperceptibles las graduaciones intermedias dei colo. Cada representación tiene un valor táctil, una saliencia, un resalte, una vivencia propia en la que se debaten asombros coloridos, oposiciones de una violencia luminosa, imprevista, incomparable.

Tapices Brasileiros

808 - 17TH ST.N .W. 2.º PISO

Washington, D. C.

Dorian é, sem favor, um nome representativo da cultura moça do Rio Grande do Norte. Pintor, escultor, poeta e contista, nunca esqueceu o teatro como um dos principais elementos de formação cultural.

Sandoval Wanderley

Diário de Natal – 23 de abril de 1967

O que nos toca profundamente é a sua temática de homem telúrico, de artista voltado constantemente para as paisagens de sua terra, onde os pescadores, as praias, o mangue, as dunas, as velhas casas, os folguedos populares se sobressaem para nos oferecer uma vivência sentida na sua mais pura essência.

Geraldo Carvalho

*Catálogo da exposição na Galeria de Arte
do Departamento Cultural da UFPB*

13 de junho de 1969

Meu caro Dorian

Tive agora uma grande felicidade. Ganhei o concurso Nacional de Peças Infantis do S.N.T. Deverá ser editada - mandarei um exemplar que não é tão bonito quanto o seu álbum, mas será com respeito e admiração.

Lembranças a todos e um abraço amigo do

Pernambuco de Oliveira

Dorian é um artista versátil, dominador de várias técnicas. Iniciou na pintura, depois fez desenho, gravuras e alcançou seu maior sucesso como tapeceiro.

Racine Santos

em entrevista na Tribuna do Norte

1º de julho de 1973

O ideal marcou a semana artística, em termos nacionais, com a exposição de Tapetes que Dorian Gray trouxe do seu atelier de Natal.

Porque o Rio Grande do Norte, com sua Fundação Cultural, tem muito o que ensinar. E Dorian Gray é um dos elementos de maior dinamismo daquela Fundação.

José Julião

Gazeta de Notícias

Fortaleza, 25 de julho de 1971

Este é o tapete da primeira dama do país a Sra. Scylla Médice.

Uma obra definitiva de Dorian Gray: *Frutos e Folhas* numa perspectiva de verão, depois o casario na encosta do morro, onde aparece a torre de uma capela. Ao lado os coqueiros que se antecipam ao mar.

Paulo Macedo

Reportagem Diário de Natal

Caro Amigo Dorian,

Uma passagem muito rápida por sua cidade, aproveito a oportunidade para deixar os meus agradecimentos pelo belo quadro, e desejar felicidades para você e Wanda.

Heloisa Juaçaba

Confesso que gostei imenso da exposição realizada por este “expert” que se chama Dorian Gray anteontem no “Golden-Room” Hotel Internacional dos Reis Magos.

J. Epifânio

Tribuna do Norte

17 de maio de 1968

Mas no Sul a sua pintura já é conhecida e os entendidos na arte chegam mesmo a dizer que o caladão pintor natalense pode ser incluído entre os dez melhores do país.

Jornal de WM

Tribuna do Norte

06 de agosto de 1967

Vila Flor traz para o povo de Natal mais uma mostra de um de seus indiscutíveis valores no campo das artes plásticas: Dorian Gray, pintor, poeta, escultor e ceramista.

Augusto Severo Neto

O lançamento de um álbum de Newton Navarro e uma exposição de óleos de Dorian Gray estão sendo saudados como um grande acontecimento. Todos são unânimes na afirmação de que os dois artistas estão numa nova e excelente forma e que os seus trabalhos alcançaram uma admirável qualidade artística.

Zero Hora

Diário - 17 de agosto de 1967

Tapeçaria Potiguar na Serpro foi inaugurada na quarta-feira, com uma tapeçaria-painel de quatro metros e oitenta centímetros por dois metros e meio do famoso tapeceiro potiguar Dorian Gray. O tema foi Bumba-meu-boi e o painel-tapete ficará no hall nobre da entidade.

Ana Maria Cascudo

A República - Dezembro de 1972

Como gravador, você foi para mim uma surpresa: "Pescadores em alto mar", "Telhados", "Conversa de pescadores" e "Rocas", são as melhores para mim, porque no regional, geográfico e humano, você está nos dando coisas de sentimento ou significação universal. Na "Conversa", certos requintes eruditos de técnica não afastam a presença dos gravadores da literatura de cordel, há uma figura humana que ficamos sem saber direito se é gente mesmo ou caranguejo. Achei isto muito bom, porque só poderia ser feito por um artista realmente identificado com a sua cidade.

Carlos Cavalcanti

Rio, 05 de janeiro de 1970

Dorian Gray cultiva uma temática nacional, com mangues, casas de pescadores, barcos e dunas.

José Roberto Teixeira Leite

Colunas de Artes Plásticas

Muchas gracias por su hermosa capeta, la misma ha ingresado ya al Museu de la Xilografia de la Plata. Es una de las mejores obras que poseo, además certifica una vez más la bondad además de técnica humana de las cuales uds están dotados”.

Edgardo Antônio Vigo

Museu de la Xilografia de la Plata

Dorian Gray Caldas é um pintor e gravador que vem se impondo por sua autenticidade que aqui vai como sinônimo de fidelidade a si mesmo, às suas raízes, a um mundo singularmente telúrico, cujos temas mais caros têm sido os motivos de sua terra.

Geraldo Carvalho

A União – 19 de setembro de 1969

Dorian Gray reúne, na força criadora do talento, essa fraternização de impressionante testemunho cordial. Congos não terá apenas uma assistência popular, mas uma presença consagrada de Arte. A geografia dominadora da rainha Jinga ampliou-se conquistando novos espaços na simpatia das almas.

Luís da Câmara Cascudo

Setembro de 1969

Dorian Gray desponta ao lado de um Brennand e de um Gilvan Samico como autêntico criador de uma realidade nordestina, tipicamente brasileira, transformada pelo seu talento de poderosa expressividade.

Seria a arte de um pintor como Dorian, de raríssima capacidade criadora, a objetividade, a lógica simbólica, a certeza filosófica que o homem tem buscado inutilmente? Não seriam as emoções sentidas pelo artista também as nossas?

Dorian Gray representa uma esperança no torvelinho das discussões inúteis a respeito do verdadeiro destino das artes plásticas. Ele não discute, prefere ouvir a linguagem de sua própria interioridade.

Archidy Picado

João Pessoa - julho de 1969

As mesmas considerações se aplicam às gravuras mostradas pelo artista. Ainda aqui, é evidente que a arte de Dorian Gray se sustenta na sua inteligência pictórica.

L. B. d'HORTA

Sua arte não tem teor “engagé” de documento dos engenhos e vilas potiguares, mas está impregnada de densidades ecológicas e folclóricas, temática essa colhida e transfigurada com especial interesse paisagístico e exato senso plástico.

José Geraldo Vieira

Em Coluna “Artes Plásticas” - São Paulo

É uma força o trabalho do artista refletindo o seu Estado, o Rio Grande do Norte, com os seus pescadores, seus mangues, com suas favelas, sua gente pobre, seus engenhos e seus barcos. Dorian está entre os grandes artistas do Brasil ainda deslocando para o seu ambiente de vivência. O Álbum de gravuras ainda não está para venda no Rio, mas é uma obra-prima.

Silvia

Jornal de Letras - Janeiro de 1969

A melhor, a mais linda lembrança que trouxe de Natal foi o seu álbum de gravuras. Que bonita realização artística! Um belo documento do progresso cultural da nossa terra. O gravador dotado de extraordinário talento, e dominando sua técnica com brilho e vigor, dá-nos as mais deliciosas imagens de nossa terra e da nossa gente - um panorama lírico do Rio Grande do Norte - suas terras, suas praias, suas doces paisagens, seu povo admirável. Fiquei comovido e contente. Muito obrigado Dorian Gray. Seu álbum honra Natal e o Brasil.

Abraça-o cordialmente seu conterrâneo e fã.

Peregrino Júnior

Rio, 31 de dezembro de 1968

Por mais que eu queira falar sobre Dorian, jamais direi tudo que ele realmente é dentro da pintura.

Zaíra Caldas

II SALÃO DE ARTE MODERNA

Dorian Gray é o mais moço de todos eles e nos parece o mais avançado para o abstracionismo. Olhando algumas de suas composições, e comparando-as com Portinari, temos a impressão que o famoso pintor moderno brasileiro, diante de Dorian Gray, é o mais acadêmico dos artistas... Entretanto, algumas de suas telas são impressionantes pelos motivos audaciosos que focaliza, como "O enforcado", que mereceu aplausos gerais e também aquela esplêndida cópia de Van Gogh.

Veríssimo de Melo

A República,

Natal, 12 de setembro de 1950

A cultura do estado, nas suas várias manifestações, é riquíssima. Temos valores, que em qualquer lugar, saberão demonstrar os seus talentos e criatividade, como uma fonte da mais preciosa riqueza. Nesse caso, especificamente, rendo minhas melhores homenagens ao valor permanente do trabalho profícuo que Dorian Gray Caldas devota quando da realização das suas pesquisas, exposições, textos, poemas.

Aqui, nesta pesquisa, um trabalho paciente e rico, o mestre das nossas artes visuais mais uma vez engrandece a nossa História Cultural. Afirmo: o meu governo será fiel e acolhedor das verdadeiras e significativas obras que nos comovem.

Um nome como o de Dorian nos enche de orgulho e simpatia. Que ele e sua arte, como bem demonstra nessa sua paciente análise, pesquisa da gravura brasileira, continue por muito tempo colocando nossos mais genuínos valores no lugar de destaque que verdadeiramente merecem.

Rosalba Ciarlini
GOVERNADORA/RN

Em Brasília, na antessala do Ministério da Educação, atenta às informações divulgadas nos murais, observando os outros tantos elementos decorativos que ambientam o espaço, vejo as cores, as formas e a técnica que encanta trabalhadores da educação e que tanto orgulham a todos nós potiguares.

Se estivesse no Museu Nacional de Arte Decorativa em Buenos Aires, na vizinha Argentina, no Banco do Brasil em Zurique, na Suíça, ou no Departamento de Segurança da Casa Branca, em Washington, nos Estados Unidos, também teria o meu orgulho de norte-rio-grandense, de mossoroense, de pau-de-arara, de admiradora, de conterrânea, aflorando da mesma forma. Estes são espaços guardiões da arte de Dorian.

Estes sentimentos renovam-se todos os dias, em Natal, ao chegar ao gabinete da Fundação José Augusto, espaço que abriga temporariamente a Secretaria Extraordinária da Cultura, onde, também, a arte, os traços, as cores, as formas e o talento de Dorian Gray reinam e imperam.

Desenhista, escultor, gravador, ceramista, tapeceiro, poeta, ensaísta, cidadão de bem, Doutor *Honoris Causa* da UFRN, Dorian, nesta publicação, reuniu e nos apresenta um sério e minucioso estudo sobre a gravura potiguar: o clássico, o erudito e o popular.

Esta obra resplandece para o deleite de todo aquele que, ao consultá-la, perceberá, de pronto, a intensa luminosidade e a importância que a paciente e transformadora colheita do artista traduziu e revelou com proficiência e zelo.

É este, o presente volume, do multifacetado Dorian Gray Caldas, o primeiro, o inaugural, da nova Coleção Cultura Potiguar. Série que pretendemos, no decorrer dos quatro anos do governo de Rosalba Ciarlini, sequenciar com a publicação - ou a republicação - de muitos outros autores potiguares.

Isaura Amélia de Sousa Rosado Maia

SECRETÁRIA DE CULTURA/RN

*Toda hora pode ser a hora única
para quem sabe viver.*

O minuto é uma culminância.

Gilberto Amado

Arte, literatura, poesia. Cultura pulsante e pensamentos que demonstram um pouco da efervescência e genialidade de um artista completo. Nestas páginas, Dorian Gray Caldas abre seus arquivos e divide conosco textos de grande valor. São suas percepções e memórias. Ensaios e recortes sobre personalidades das culturas nordestina, nacional e internacional. Figuras ilustres que, como ele, viveram e vivem com paixão e dedicação pela arte e expressaram, através de diversas linguagens e sensibilidade sem par, o particular e o universal de sua gente.

O leitor encontrará comentários sobre mestres como Luís da Câmara Cascudo, Hilda Hilst e Pablo Neruda. Poderá conhecer o transfigurativismo da artista plástica Zaira Caldas, irmã de Dorian, e a poesia de Anna M. Fernandes, filha de Omar Fernandes - homem que, nos anos trinta, disse a um pai "porque não Dorian Gray?", desse modo batizando nosso multiartista. As letras do poeta goiano Brasigóis Felício e as pinceladas sobre música, mar e natureza de Jussier Ribeiro também são decompostas a partir de uma mente atenta e lírica.

São muitos os homenageados nesta obra: Homero Homem - "quem o lê toca a alma desta cidade Natal", diz Dorian; Luiz Rabelo, cuja poesia "desliza pelo silêncio"; Peregrino Júnior, que ocupou a cadeira de número nove na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, hoje de Dorian. Vários artistas e amigos - Nilson Patriota, Francisco J. C. Dantas, Marcus Accioly e tantos outros trabalhadores culturais que teceram e tecem a história das artes - estão registrados.

Em 2011, Dorian Gray completou 80 anos de vida, 60 dos quais dedicados às atividades artísticas. Talvez não seja exagero dizer que ninguém viveu e conhece mais a arte do nosso estado do que ele. Apesar de leitor assíduo, apreciador de boa música e das artes plásticas, nem de longe posso ser considerado uma referência nessas áreas. Confesso que minha expertise é muito maior com os números. Daí a grata surpresa quando surgiu o convite para redigir os comentários iniciais sobre esta tão importante obra. Minha admiração por esse grande artista e figura humana incomparável, porém, não me permitiu abrir mão de tal oportunidade, que se revelou uma prazerosa fonte de conhecimento, na medida em que eu passeava por essas páginas. Dorian Gray é assim: um mestre que tem sempre algum ensinamento a nos trazer.

Certa vez, ele revelou a um jornal potiguar que sempre foi também uma pessoa sonhadora. "Quando criança, eu contava para mim mesmo uma história onde eu era o fazedor de coisas. Na fase adulta, eu fui ao encontro desta imagem. Tenho essa coisa mágica do poeta, que não vê de forma oficial. Gosto de provocar a emoção, isso é o que mais me importa". E ele o faz através de suas inúmeras obras espalhadas por vários pontos de Natal, do Brasil e do Mundo. Ele o faz, de forma magistral, por meio de A Hora Única.

José Maria Vilar da Silva

**Superintendente de Gerenciamento
Estratégico do Banco do Nordeste**

DORIAN GRAY É PROFESSOR DA ARTE DE VIVER

Nascido em Natal, em 1930, Dorian é polímata: pintor, desenhista, tapeceiro, gravurista, escultor, poeta, ensaísta, historiador. Apoiado pelos deuses, seria feito o seu destino: "... debaixo / é nossa língua os deuses / escrever o nosso destino". Inovou em sua arte: "Que posso sonhar / que já não sonharam?" Em tudo o que faz, o lirismo e a inovação: "Nenhuma lua morre em minhas mãos". Pintor de emoções, fraterno artesão, escultor da palavra e o artista de Natal são algumas expressões, insuficientes os adjetivos. A sua arte exige neologismos: doriânica, para o doriânico amigo da cidade.

Um homem feito em cores, ouro e cinza. O próprio nome sugere: Dorian (o ouro) e gray (cinza).

Já se disse que Dorian Gray não é apenas personagem, é nobre personificação de Natal. A escolha do seu nome de batismo já foi uma destinação do menino às artes, à literatura.

O acadêmico Dorian Gray Caldas é um inovador diário. Trabalha, com o seu talento, Natal e os seus habitantes. Ele próprio é uma indicação da cidade, vaidosa do que ele faz. É um artista completo. Pinta e encanta com tapetes. Desenha e faz esculturas. Faz seus próprios livros e ilustra os dos outros. E derrama poesia em tudo o que faz. Até as suas amizades são densamente poéticas.

É um promotor de cultura. Descobre o lado bom das pessoas, enfatiza o que de estético produz o artista do Rio Grande do Norte. A sua poesia é a presença da natureza, da religião, sentidos e sentimentos que reclamam de nossa alma a consciência de que, vindos do pó, para onde retornaremos, somos mais que areia a escorrer na ampulheta da vida. Poesia de comunhão de formas, cores, signos, perfume, calor, sons em harmonia.

A sua pintura insinua-se, réstia de sol aquecendo a sensibilidade, iluminando sombras, no coração dos mistérios. Ondas do mar que fluem e refluem, espumas de refrescante leveza, cais às margens do rio, doces frutos, o lado estético de amarguras. Flores e vento, juntos em lírico balé, orquestra de lembranças regida pela saudade. Cantigas de deuses, embalados por estrelas. Luar, arco-íris noturno. Deus, lenitivo de feridas, de dores aplacadas.

Transforma em artes plásticas o que Câmara Cascudo escreveu, o mar antigo e sempre novo, o homem e o seu chão, a cor estabelecendo o que vem na alma: "Pinto as pessoas que ainda se alegram e que se vestem pensando que são reis, rainhas". O povo sempre acrescenta ao tangível o seu imaginário.

Em admirável síntese, ao receber o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, diz o que é a sua vida e o seu trabalho: "Sempre tive e tenho a destinação inequívoca da verdade. O homem nordestino/brasileiro, com seus fazeres e seus sonhos, suas fantasias e seus fetiches, sua fé e os seus ritos. Mitos. Não temo o desagrado e raramente pinto flores. Não ponho maquiagem no rosto dos que sofrem, frequentemente obtenho mais do que me proponho, e razoavelmente registro a alma subliminar dos que amo. Venho da infância com esta compulsão para a arte, a poesia, o sonho. Desenhei nos meus primeiros anos com fúria e paixão. Tudo que via, percebia, era uma extensão de minhas mãos, da minha sensibilidade. É natural que este exercício fundamentava-se na apreensão figurativa imediatamente observada e copiada. Algo, todavia, já transbordava dos registros. Desenhava semelhanças com relativa facilidade. Incorporei depois a escultura, a pintura, os fundamentos teóricos e técnicas essenciais à construção do meu trabalho: nascia a gravura, a tapeçaria,

o afresco, o mural a cerâmica, os metais, o óleo. Vindo de informações acadêmicas, sem escolaridade, certamente chegaria ao moderno pelo mesmo caminho, pelo autodidatismo, adaptativo vocacional intuitivo, exercitado pela capacidade receptiva de sentir a arte e premiar as minhas prioridades eletivas”.

“Assim caminhei em direção dos registros humanos, segmentos, marginalidade, rio, mar, autos da cidade, luz e cor, fantasias de reis rainhas, fugas coloridas da miséria de muitos, redivivas pelo ritmo da dança, os papéis coloridos dos brincantes; as luas de falsos metais, o brilho dos punhais, a festa aguda e deslumbrante das peripécias urbanas”.

A sua obra plástica ornamenta recantos do Brasil. Está na França, Ardenas, onde foi premiada e, em muitos outros países. Recebeu o Grand Prix (Medalha de Ouro) da Bélgica, o Prêmio Cândido Portinari da UBE, Rio de Janeiro. Possui obra artística na Casa Branca, Washington, onde expôs a convite do BID. Méritos da sua destinação cultural, literária e artística.

Diógenes da Cunha Lima

Dorian Gray Caldas apresenta, neste livro, uma pluralidade de textos em que sobressaem as produções da literatura local, com depoimentos sobre personagens da vida literária e cultural natalense, sobretudo aqueles que participaram do movimento cultural dos anos 1950. Boa parte das personagens evocadas já dorme profundamente... Talvez por isso o memorialista pergunte sobre o destino de livros e personagens que “sonhavam à sombra das mangueiras em flor”. Reitera o interrogativo já presente em Carta aberta para a muito amada cidade de Natal (2010): “Onde estão eles? / Othoniel, Ferreira Itajubá [...]”.

Chama atenção à referência a algumas personalidades reiteradas nas predileções rememorativas do autor, especialmente por causa do afeto advindo da convivência po-tiguar: Luís Carlos Guimarães (“Setembro jogava flores pela janela”) e Sanderson Negreiros (“Transferências do bem-querer”) representam bem a admiração votada aos companheiros de uma geração que “escuta a voz da poesia”.

Ao longo do livro, o interrogativo se transforma em indicação de um programa de pesquisa e política editorial para as instituições culturais do Rio Grande do Norte. Os quatro nomes recomendados explicitamente representam muitos outros que, se estudados e reeditados, bem que poderiam colaborar na compreensão do significado da cidade das letras de Câmara Cascudo: Jaime dos Guimarães Wanderley, Peregrino Júnior, Homero Homem, Veríssimo de Melo. Que cidade? A Natal dos anos 50, dos jovens expositores do primeiro Salão de Arte Moderna, da Rádio Educadora, da Revista de Letras, da balaustrada do Atheneu; da boêmia no Cirne e no Granada. Natal que habitava entre a larga Avenida Deodoro e a estreita Rua Vigário Bartolomeu. Alguns detalhes revelam o ambiente evocado: a sombra do limoeiro que havia em um quintal, em domingos de música; frescos de mangaba; um cair de tarde no alto de Petrópolis; marés e luas brancas. O ambiente onde Newton Navarro “nos legou, alto e vibrante, as suas aquarelas, os canários amarelos, os sons dos sinos da Matriz, as roupas brancas domingueiras dos novenários”. Uma cidade que, recriada por Navarro “entre as sombras floridas dos cajueiros”, ainda se imaginava “enfeitada de flores de verão, de bandeiras festivas num São João ou Missa do Galo ou no entorno do presépio numa tarde de dezembro”. Não pareceria ainda distante “o tempo de bonde e de mongubeiras no caminho do Tirol”, era o tempo das “tardes sonolentas da Ribeira”. A cidade evocada por Dorian Gray é a mesma de um dos tempos do nosso mestre Cascudo, de quem, talvez, tenha vindo a lição sobre a necessidade da combinação entre o particular e o universal. Neste último elemento reside a outra metade do livro. Aí ressurgem as figuras de Manuel Bandeira, Neruda, Cervantes, Camões...

Humberto Hermenegildo

DORIAN GRAY: A AMIZADE E O MITO

A produção editorial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - concretizada através do excelente trabalho de sua editora - não tem se restringido à publicação de textos exclusivamente acadêmicos. Compreende igualmente o lançamento e/ ou a reedição de obras de reconhecida importância produzidas no Estado.

Trata-se, como é fácil perceber, de uma homenagem à sociedade que financia as atividades da instituição. Na verdade, todos ganhamos com isso: o autor, mantendo-se vivo na admiração dos seus leitores; o Estado, com a valorização da sua Cultura; a própria instituição e sua editora, pelo notável enriquecimento do seu catálogo de publicações.

Para possibilitar tais empreendimentos editoriais, não têm sido poucos os apoios buscados e obtidos, tal como agora ocorre com o estabelecimento de importantes parcerias ensejando o lançamento de dois livros de notável importância de Dorian Gray: *A Hora Única* e *A Necessidade do Mito*.

O primeiro sai com o decisivo apoio do Banco do Nordeste do Brasil e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, instituição de que faz parte o escritor. Composto de textos em que revela outra faceta de seu notável talento - a de crítico arguto e equilibrado -, *A Hora Única* também homenageia pessoas da sua admiração, num testemunho de rara sensibilidade. É livro que se lê com grande prazer, por enfeixar ensaios densos e extensos - como é o caso daquele em que estuda a figura do escritor Peregrino Júnior - e outros marcados pela leveza e humor do escritor especial que é Dorian Gray -, testemunha atenta à cena literária e artística da cidade que o consagrou.

Já em *A Necessidade do Mito*, o nosso ensaísta incursiona por uma tradição que remonta às sociedades arcaicas, admirando poder constatar sua capacidade de pesquisador, artista multifacetado e trabalhador incansável. Em ensaios variados, ele trata da força desse tipo de narrativa - a que André Jolles classificou como forma simples - que, presente na comunicação humana desde as sociedades arcaicas, continua a demonstrar vitalidade e verdade na criação artística ainda nos dias de hoje. Esse conjunto de ensaios sai com a estimulante parceria do SESC. Juntamente com o antes citado, haverá de enriquecer estantes e bibliotecas do Estado e do país.

Não é demais lembrar que a crítica, o ensaio ou o texto de natureza memorialística ou biográfico de Dorian Gray mostram-se no mesmo excelente nível de sua produção poética e da sua excepcional obra de artista plástico. Trabalho admirável desse criador que enriquece, com sua presença, a galeria de Doutores Honoris Causa da UFRN.

Ângela Maria Paiva Cruz

Reitora da Universidade Federal

do Rio Grande do Norte

Neste imprescindível “A Necessidade do Mito”, Dorian Gray afirma, citando Bechara, que “Camões situa-se na linha daqueles grandes escritores da literatura universal, quer pela qualidade de sua obra, ou pelas informações e identificações com a cultura de sua época, em extensão aos seus conhecimentos da poesia clássica, história, medicina, geografia, náutica, astrologia, arte [...]”.

Assim como Camões, Dorian Gray verteu seu talento por variadas formas de arte e cultura. Seu conhecimento e capacidade lhe permitem discorrer sobre a história da arte, sobre a mitologia e o teatro grego, com seus heróis, suas ninfas, seus sátiros, seus taumaturgos e seus deuses - Édipo, Sófocles, Prometeu, Ésquilo -, bem como a literatura ibérica, com especial atenção, que está na raiz de nossa civilização brasileira.

A obra de Dorian Gray está para o estudo e a produção das artes, assim como a de Câmara Cascudo está para o entendimento do que é ser Potiguar e Brasileiro. Com seu trabalho produzido nesse chão do Rio Grande do Norte, o artista, o escritor ganhou o mundo - e o mundo ganhou essa obra monumental. Suas telas, tapeçarias e gravuras encantam os olhos e a sensibilidade de espectadores na Suíça, nos Estados Unidos etc.

Junto com Newton Navarro, Dorian Gray introduziu a arte moderna nos salões potiguares. Nos frenéticos anos 50, na efervescência do pós-guerra, a sabedoria do fazer poético se manifesta no jovem artista, concomitantemente as formas modernistas que começaram a chamar a atenção da crítica potiguar.

Agora, o Sistema Fecomércio /Sesc/ Senac RN traz aos leitores esta obra da maturidade, quando o artista pensa a transitoriedade da vida. Em sua trajetória narrada aqui, ele se faz acompanhar dos mestres do pensamento contemporâneo: Nietzsche, Camus, Sartre, ao lado de Leonardo da Vinci e Vasco da Gama, trazidos do Renascimento para esclarecer o que entendemos por mito.

Da história universal, o pensador elabora o conhecimento acumulado pela humanidade pré-histórica, por povos antigos, como assírios e babilônios, gregos, incas e astecas; da modernidade cita os europeus, sobretudo os alemães, mas também os americanos. É o lugar do homem no universo a ideia fundamental que costura os conceitos de reino da beleza, ciência, inteligência, consciência, conflito, contradição e morte: o inevitável encontro.

Usando as palavras do próprio Dorian Gray para referir-se a Hundertwasser, podemos dizer de sua obra, que também se confunde com sua vida: “E essa relação o faz mais próximo de Deus do que da arte; da criação do que da representação; do macro do que do mínimo; da ciência e do fenômeno; da poesia que emana (ou que está) na transubstanciação das coisas mutáveis, das organizações que se processam na própria dinâmica da vida, sem que o artista (passeando na tela das aparências) perceba. Esse conhecer microscópico e macroscópico faz parte da obra desse artista da contemporaneidade um arauto da nova espiritualidade.”

Marcelo Fernandes de Queiroz
Presidente do Sistema Fecomercio
SESC Senac RN

Se, no princípio, foi o verbo que se fez carne, como reitera há dois milênios e mais o livro judaico que o Ocidente acolheu, o que dizer sobre a onipresença do mito na vida humana? O grande mitólogo romeno Mircea Eliade costumava referir-se aos tempos da ocorrência dos mitos com uma expressão latina: *in illo tempore*, ou seja, aos “tempos imemoriais”. É uma expressão feliz, pois reúne concomitantemente dois sentidos que se explicam à maneira de um jogo especular: um diz da ancestralidade desses tempos; o outro indica que a memória desses tempos se exauriu. Ou quase. Pois há uma reminiscência de origem baseada, inicialmente, na tradição oral, mas logo assumida pela tradição literária, a partir dos textos homéricos, que nos assegura da presença do mito: a narrativa que o envolve e o preserva como um invólucro inviolável. É certo que sua história se conta, mas suas origens estão perdidas nos guetos indevassáveis da noite dos tempos. Daí que essa narrativa se multiplique e se desdobre, às vezes até em relatos contraditórios, não há por que estranhá-lo. Pensemos nos diversos depoimentos que a tradição oral deixou do mito de Édipo, “aquele que sempre recebe menos do que pede”, personagem trágico por excelência da mitologia grega clássica. Se a tragédia persegue o desditoso filho de Laio e Jocasta (ou Epicasta, na variante homérica) nos relatos canônicos, outras variantes lhe asseguram finais menos nefastos do que aqueles preconizados por Sófocles, como ensina o mitólogo brasileiro Junito de Souza Brandão no volume II de sua *Mitologia Grega*: “Pelo texto de Homero não consta igualmente que Édipo rasgava os olhos, tivera filhos com Jocasta e fora levado por Antígona para o bosque sagrado das Heumênides, em Atenas”. Sobre o papel das variantes dos mitos, ressalta ele que isso resulta do forte liame que sempre existiu na Grécia entre mito e literatura, “já que esta, por motivos que não interessa repisar aqui, tinha por matéria-prima, não raro obrigatória, o mitologema”.

Interpelar os mitos é tentar trazer outra vez ao presente aquilo que nos escapa e, com não menos vigor, nos desafia. Repetindo o afã persecutório do deus Apolo, vítima de uma paixão avassaladora, e menos preparados para essa tarefa do que esse deus célere, tampouco alcançaremos Dafne, protegêe de Diana. Mas como resistir ao seu encanto, que, todavia, não nos é destinado?

Em algum momento de seu intenso e multifacetado labor criativo, que o tem levado a produzir simultaneamente artes plásticas, poéticas e ensaísticas, Dorian Gray flagrou o vulto fugidio e ágil de Dafne esgueirando-se por entre loureiros e rios de uma ancestralidade onírica. Dafne não poderia lhe escapar, todavia, sem antes, como a esfinge para com Édipo, submetê-la a um questionamento inelutável.

Colaborativa, Dafne dessa vez preferiu vir em seu auxílio, privilégio de que só os poetas podem se jactar. O resultado dessa parceria do mitólogo Dorian Gray com a vasta grei de entidades e fenômenos ancestrais que, somados, são “o nada que é tudo”, na síntese nunca por demais feliz do vate Fernando Pessoa, está reunido neste seu *A Necessidade do Mito*.

Sem mais preâmbulos, Dorian Gray enceta seu périplo pelo oceano mitológico invocando o poeta maior da língua-mãe, através da abordagem pontual de seu épico. Ao longo de dez curtos ensaios discorre sobre as musas de Camões, evasivas como as sombras recolhidas ao Hades, e surpreende Júpiter, durante concílio dos deuses do Olimpo, numa fala aos nautas lusitanos em que lhes preconiza feitos inauditos.

Ex officio, o ensaísta prossegue na mesma linha de análise fazendo curiosa comparação entre Inês de Castro e Maria de Castela, divas do seu estro épico, e as madonas renascentistas recortadas pelo pincel de da Vinci, para em seguida nos apresentar, em “Camões e o existir”, um Camões metafísico, presa das incertezas da vida e claudicante ante o porvir, o que o coloca, conforme deduz, “como um legítimo precursor de sua época, de suas incongruências e perplexidades: o renascimento do homem”. Dorian Gray arremata sua ensaística à margem da obra de Camões analisando um seu soneto mais que célebre - aquele que dá voz às contradições do amor -, cujo decassílabo inicial estatuí: “Amor é fogo que arde sem se ver”. Mas o mitólogo potiguar não se atém apenas às qualidades

intrínsecas ao poema, mas o aproveita como objeto de comparação com dois poemas assinados pelo norte-rio-grandense Luiz Rabelo que parodiam o espírito do camoniano.

Fechado o ciclo camoniano, a ensaística de Dorian Gray se abre para um macrocosmo de experimentações unidas tão somente pela onipresença do tema mítico. Não importa que sua atenção se volte ora para a pintura labiríntica do austríaco Hundertwasser, “arauto de uma nova espiritualidade”, ora se detenha no sentido mítico da arte do belga Hieronymus Bosch, marcada por uma “abrangência niilista” e cujas figurações dantescas o tornam “um precursor do surrealismo”, ou que busque numa tragédia de Sófocles subsídios para uma incursão ao seu objeto de estudo pelo teatro grego ou, ainda, que investigue a poesia de Hölderlin, esse vate enlouquecido pela paixão helênica.

Se, por um lado, essa sequência aleatória de motivos confere certa imprecisão temática à exploração empreendida pelo autor, isso lhe permite, por outro lado, tramar surpresas saborosas recolhidas nessa seara mutante, como quando se debruça sobre assuntos como a mídia dos brinquedos infantis, para nela introduzir a crítica de Barthes aos brinquedos franceses; ou como quando se põe frente a frente com o sombrio Homem-Morcego, protagonista de alguns dos mais tenebrosos pesadelos da nossa época, em sua tresloucada sanha de justiça. E aqui Dorian Gray se entrega livremente a considerações sobre os gibis, e, não resistindo à hipérbole, afirma: “Li todas as estórias de quadrinhos, todas exagerando, é claro, a pretensão mallarmeniana”.

Em cada um desses tópicos, a pena de Dorian Gray capta detalhes só perceptíveis ao olho treinado do artista plástico ou à sensibilidade cultivada do poeta. Aliás, essa conjugação de elementos, somada à veia crítica de Dorian Gray concedem tamanha coerência e homogeneidade a este A Necessidade do Mito, que já o transformaria em leitura obrigatória para quem se interesse por seu candente tema, tão essencial à literatura como às artes plásticas, à filosofia como à antropologia, enfim, a tudo que diga respeito ao humano, como diria o arguto Terêncio. Daí a felicidade de termos aqui, reunidos em um único autor, essas três vertentes tão indispensáveis aos estudos do mito. Incorporando tamanho grau de excelência, este livro chega em boa hora, sazonado pela experiência de vida, enriquecido pelo labor artístico e filtrado pelo ofício do ensaísta, com valiosas contribuições para a compreensão da sua obra nas artes plásticas e poéticas. Dotado de caráter tão exemplar, urge ler este livro, só nos restando encerrar esta ociosa apresentação para que nenhum pretexto se interponha entre o leitor e o desfrute de suas páginas.

Nelson Patriota

O mito é o nada que é tudo.

Fernando Pessoa

Ao prefaciá-la edição brasileira do *Dicionário de Mitos Literários*, de Pierre Brunel, até hoje considerado um monumento do olhar francês sobre a mitologia, Nicolau Sevcenko confessa que o poema *Ulisses*, de Fernando Pessoa, foi uma iluminação reveladora do mito, uma força fixadora da realidade. E por isso a literatura é a lira do homem moderno a cada instante de suas reinvenções.

O êxtase de Sevcenko se estende no olhar de Dorian Gray Caldas sobre o mito, mas sem fazer de cada ensaio só a narrativa de um leitor apaixonado. Talvez se repita nesta que também é uma viagem mágica, aquele instante de grande visão de Blanchot ao perceber que a vitória de Ulisses não foi resistir ao amavio do canto das sereias, mas fundir sua voz à própria voz de Homero.

Aqui, como na *Odisseia*, não importa saber o destino das sereias. Talvez seja verdadeira a notícia de que elas tenham caído no mar, depois da passagem gloriosa de Ulisses. Importa perceber o papel de Dorian, como um Ulisses, que não deseja substituir a Homero, mas viaja com a mesma força narrativa inaugural, a desenhar com a sua palavra poética, novas e fundadoras leituras sobre um velho imaginário que parecia esgotado.

Na sua visão mítica, Dorian se deixa amarrar ao mastro do seu barco porque também não é prisioneiro de certezas. De ouvidos abertos, procura nas grandes vozes do mundo o caminho para compreender o êxtase do novo. E, como Todorov, sabe que o canto das sereias, essa alegoria do sublime, morre de silêncio para a vida surgir, assim como a literatura só nasce com a morte do apenas real.

Como é bonito acompanhar Dorian Gray na visão metafísica de Leonardo da Vinci, não para imitá-lo na técnica, mas para fazer sua parte no sonho humano e reconhecer no homem sua alma de pássaro. De anjo, águia ou condor. Na tessitura dos entrelaçamentos com os ícones mais modernos, como o Super-homem que Dorian olha como um sinal de Nietzsche - tão dionisíaco e tão apolíneo, entre a paisagem exuberante e a pobre solidão do homem na sua espera angustiada de ser Deus.

É instigante seguir seu olhar perscrutador, enfiar-se no próprio olhar e sair olhando com ele, ao mesmo tempo e numa sensação de simultaneidade absoluta - as sombras e as luzes do desenho de Hundertwasser. Talvez uma outra forma de entrelaçamento, aquela de Adorno ao vislumbrar no canto das sereias - para ouvi-lo mais uma vez - o mítico e o racional na busca do esclarecimento.

Diante deste livro que nasce como verdadeiro monumento da ensaística do Rio Grande do Norte, a sensação é a de ouvir as grandes vozes do silêncio, para usar a belíssima expressão de André Malraux. De cada poema, quadro, escultura. Da vida anoitecida pelo tempo. Vozes ouvidas e às vezes arrancadas, sem temer o silêncio que para Kafka foi a maior arma das sereias.

Em Dorian, principalmente neste livro, a técnica e a arte do ensaio se entrelaçam de forma definitiva e magistral. Sem prender o olhar ao esquadro de modelos como há de fazer um grande escultor, mas a erguer, na harmonia e na aparente contradição das formas, a grandeza que para os outros é o inesperado. Como Picasso diante de Guernica, Dorian entrelaça na sua arquitetura ensaística os arabescos do bem e do mal, do crime e da esperança, do grotesco e do sublime. Para depois voltar ao seu mar antigo. Ainda que seja apenas o velho e mesmo mar, inesgotável e surpreendente, que um dia inaugurou em seu espírito esse grande destino de criador de mundos.

Eis aqui este criador, embriagado de palavras, cores e formas, a revelar o milagre da criação.

Natal, 2011, quando ardem as fogueiras de São João.

JALONS

N° 76

2 - DORIAN GRAY CALDAS

Né en 1930 à Natal, il est Professeur, Peintre, Poète, Ecrivain, Graveur. Il occupe des fonctions choisies dans les hautes sphères de la culture brésilienne. Reconnu et honoré en Allemagne, Argentine, Belgique, Canada, Etats-Unis, France et Portugal. Maître de la couleur et du parfum des mots...

Jean-Paul Mestas

Do Livro “Na Direção do Relâmpago”,

Sanderson Negreiros (Natal: EDUFRRN - Editora da UFRN, 2001)

PEQUENA ENTREVISTA: DORIAN GRAY EM 1958

Nome: Dorian Gray. 27 anos. Ofícios os mais diversos, já que ele é artesão de arte, múltiplo e variado, pois é pintor (com mais de oito exposições feitas na cidade), ceramista, poeta (dos melhores que temos) e, finalmente, contista, com contos ainda não publicados. Estudou aqui no Sete de Setembro. Infância igual, como ele afirma, igual a de todos. Gostava de todas as coisas de que gosta hoje. O primeiro encantamento, nesse tempo, foi o conhecimento da paisagem do Recife. E sua grande paixão era a curiosidade natural de descobrir a vida.

Desde pequeno que sabe de cor todas as músicas populares de sucesso. Começou a desenhar com carvão, no chão, e desse chão tirava o barro para compor suas primeiras figuras e o sentimento que mais o amadureceu. Acha que o pior dos males é o descobrimento de si próprio. O seu ideal de felicidade é continuar todas as coisas que começou. Não julga que as faltas humanas precisam ser perdoadas, pois a vida já é um perdão. Sempre considerou “Judas, o Obscuro” a grande figura de ficção que nunca o abandonou. Já da personagem histórica favorita escolhe o Pequeno Polegar (qualquer semelhança é mera coincidência). Todas as mulheres para ele são heroínas da vida, mesmo as prostitutas e as infiéis. A maior personagem feminina de todos os tempos foi Katherine Mansfield. Pintores maiores: Gauguin, Van Gogh, Picasso, Cézanne, Portinari e Pancetti. Músicos: Beethoven, Wagner e Sibelius. É a favor do divórcio, embora tema uma experiência. A virtude que mais admira é a humildade. Ocupação favorita é pintar. De suas manias só tem uma: fazer sempre as mesmas coisas. O que mais admira nos amigos é a evolução, a naturalidade. Tem tantos defeitos que não sabe distingui-los. Amarelo e azul são suas cores favoritas. Prosadores prediletos: Gide, Dostoiévski, Camus, Faulkner, Thomas Hardy. Poetas: Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Pablo Neruda, Garcia Lorca, Vinícius de Moraes e Paulo Hecker. Crianças, pássaros, vazantes, rios, mar, estar só são as coisas de que mais gosta. De que não gosta? Eis uma pergunta que ele julga anulada por si própria. Simone sempre o nome de mulher que mais acha bonito. Detesta ver e ouvir uma pessoa sendo humilhada. A maior revolução sempre é a socialista. O único dom que queria era o quixotesco. Barrabás, O Pequeno Príncipe, Judas, o Obscuro e o Excêntrico Mr. Blue, eis os livros de melhor leitura. Outra coisa mais: as amadas fortuitas, casuais, descuidadas, assombradas e constantes. Ah, isso é um longo capítulo para um longo silêncio. Depois, Deus Nosso Senhor conta...

Sanderson Negreiros

O POTI - 08.08.1958



Le peintre Dorian Gray Caldas persiste et signe a nous livrer ses contrastes chromatiques
O pintor Dorian Gray Caldas persiste e aferra-se a oferecer-nos seus contrastes cromáticos

Maggy de Coster

(Traduzido para o francês por Pedro Vianna)

Rio, 03 de agosto de 1990

Meu caro Dorian,

Com imensa satisfação recebi seu novo e importante trabalho, “Artes Plásticas do Rio Grande do Norte”. Importante na medida em que a pesquisa se encontra no Brasil, tão desamparada pelos organismos oficiais, que a ela não lhe dá o devido respeito, e, principalmente, pela sua ousadia em penetrar no passado artístico de um estado como o Rio Grande do Norte, sem tradição nesse sentido. Como sei que você foi um dos artífices dos movimentos de renovação da arte em nosso estado, quero deixar aqui expressa a minha admiração por essa obra que, certamente, desde já é indispensável para qualquer estudioso formar o painel da arte moderno em nosso país.

Louvo ainda a impecável feição gráfica do livro, um fato que pode passar despercebido para alguns, mas para mim de suma importância, não fosse eu professor da Escola de Desenho Industrial e, por conseguinte, atento à programação visual da obra literária.

Assim, ao expressar meu sincero agradecimento, gostaria também que os estendesse à equipe que nele trabalhou, pois resultou num trabalho de fôlego que, pessoalmente, me tocou pelo volume de informação nele contido.

No mais, tudo bem. Tive o prazer de conviver alguns dias com Zaíra e sua arte. A exposição, no Museu, foi muito bem aceita, com bom público, embora, no dia da inauguração, como sabe, caiu uma das maiores chuvas cariocas. No todo, porém, foi uma bela mostra e fico feliz de tê-la organizado.

Há meses, a pedido de Iaperi, enviei-lhe artigo sobre meu pai, para uma publicação daí, mas, infelizmente, não soube mais o resultado. É possível você entrar em contato com ele sobre o assunto, pois gostaria muito que fosse publicado. Mande-me, pois, notícias.

Geraldo Edson de Andrade

A VISÃO DO HOMEM

Dorian Gray, este completo artista brasileiro e universal, operário de sua arte, transcendeu do seu Rio Grande do Norte, onde labora, firme e humilde, toda a problemática humana de seu tempo, recriando num espaço luminoso só encontrável no Nordeste.

Em sua arte observa-se o critério a partir do tema e a forma de abordá-lo.

Mas não se detém aí: seu tratamento da matéria pictórica, seu som (e, às vezes, um tremendo silêncio, conforme a carga musical do tema abordado), seu desenho pessoal (um gestual crítico) e, especialmente, sua organização de espaço, coloca-nos diante de um artista sensível, preocupado e acima de tudo autêntico.

Tirando sua força temática quase sempre da figura heroica do homem, explorado em sua luta adversa com uma natureza tão bela quanto rústica, consegue, com rara felicidade, o hibridismo forma-ideia, estrutura básica para uma arte real.

Não se desgasta com temas não pertinentes à nossa cultura, à cultura brasileira.

E, partindo das salinas, dos canaviais, dos pescadores e dos plantadores, saga heroica e definitiva num processo socioeconômico particular e asfixiante, recria e denuncia com grande vitalidade cromática situações existenciais que revelam a crise terrível da humanidade no século XX.

Não se limita aí, entretanto, o talento de Dorian Gray: em suas admiráveis marinhas atinge um despojamento que nos conduz ao abstrato. Nelas o homem marca sua ausência de forma poética.

Neste aparente despojamento, altamente técnico, existe uma intenção simbólica e uma sólida carga ética conscientemente assumida e assim integrada pela transformação de efeitos fantásticos em elementos metafóricos de um novo realismo.

Este, o pintor, o gravador, o tapeceiro Dorian Gray.

Abrahão

Alcyone
Natal, 18.03.78

RETRATO (TRÊS POR QUATRO) DE DORIAN GRAY

Seus quadros são disputados pelos colecionadores. Mas, no início de sua carreira, no longínquo 1950, a receptividade era gelo, quando não indignação. Vendo as estranhas formas e cores dos quadros de Dorian Gray, os visitantes do I Salão de Arte Moderna, realizado naquele ano, reagiam com um riso de mofa.

“Quixotices de rapazes”. Mal sabiam que estavam testemunhando o despertar da Arte Moderna em Natal.

Mas, apesar dos retrógrados, fizeram-se ouvir algumas vozes animadoras. O cronista Veríssimo de Melo disse em sua coluna de «A República»: «Dorian é o mais moço de todos eles (Newton Navarro e Ivon Rodrigues, os outros) e nos parece o mais avançado para o abstracionismo. Olhando algumas de suas composições, e comparando-as com Portinari, temos a impressão que o famoso pintor, diante de Dorian, é o mais acadêmico dos artistas”.

Dois anos depois, a reação do meio provinciano mostrava-se menos hostil. Grande parte daqueles que torciam a cara diante dos quadros cubistas, agora sentiam e compreendiam algo de sua mensagem. Dorian expunha, então, novos trabalhos sob patrocínio da «Revista de Letras», órgão em que colaborava como poeta e ilustrador. A revista publicava artigos em defesa da nova arte. No corpo de colaboradores encontravam-se nomes como Zila Mamede, Deífilo Gurgel, Luís Carlos Guimarães, Lenine Pinto, Luiz Rabelo, Protásio Melo, Aluizio Furtado de Mendonça, Veríssimo de Melo, Newton Navarro e outros também «novos». Na abertura da exposição aconteceu episódio que é lembrado por Dorian, com risos. Uma turma de rapazes, passando casualmente pelo local da mostra, perguntou ao pintor se aquilo era os cartazes do circo.

O sucesso alcançado deu-lhe a ideia de uma exposição no Rio, onde as possibilidades do meio artístico eram cem vezes mais amplas do que na província. Tal exposição não se realizou.

Em entrevista concedida à «Revista de Letras», Dorian dizia a respeito da planejada viagem ao sul: «Pretendo expor, lá, vários quadros. Quantos? - Duzentos, Se possível, mais». Era entusiasmo de sobra.

No ano seguinte, nova exposição, em conjunto com Newton Navarro. Esta teve lugar - na falta de galeria apropriada - no centro da Divina Providência. Nesse tempo as incompreensões ainda estouravam, de vez em quando, em torno dos artistas e sua arte. Certo cronista social chegou a sugerir que a diretoria do Clube América destruísse os murais de Dorian, que ornamentavam as paredes internas da boate. Na opinião do ilustre fofoqueiro, eram feios demais.

Mas, de modo geral, a exposição foi sucesso. Presença do mundo intelectual e autoridades. Ampla publicidade nos jornais e rádios. Mais uma vitória para a nova arte.

Em 1956, realizando curso no Rio, Dorian aprendeu os mil e um segredos da cerâmica. De volta a Natal, realizou exposição, apresentando vários trabalhos da nova experiência. Foi no hall da Loja Maçônica “21 de Março”. Concedeu entrevista à “Revista de Letras”, referindo-se a assuntos de arte e literatura, cujas opiniões não mudaram - diz ele. “A boa poesia é eterna” - afirmava a respeito do concretismo. “Não vejo razões para divisões. As circunstâncias de tempo e forma não a contaminam. O concretismo, embora seja um desejo de dar cor e forma à poesia, não possui ainda realidade objetiva”. Mais adiante, referindo-se à escultura: “O problema espacial encanta-me. É o velho segredo da esfinge. Ser permanência ou alma do tempo. Henry Moore e Mário Cravo são os escultores da minha predileção”.

Chegou o ano de 1963. A convite do Diretor da Sociedade Cultural Brasil - Estados Unidos, Dorian expôs no hall daquela Casa seus peixes, barcos e barqueiros da nova fase. Novidades eram dois trabalhos escultóricos e algumas cerâmicas.

Na abertura da mostra, conta Dorian, sucedeu algo pitoresco. Newton Navarro, que devia fazer a apresentação, não chegou na hora.

Resultado: o vereador José Guará, orador contumaz, salvou a situação, num improviso. Deu-se que, daí a pouco, Navarro chegou, de discurso no bolso. E o discurso era quase um poema feito da amizade que unia os dois pintores. Zangado, porque não haviam esperado por ele, retirou-se logo, e passou algum tempo «intrigado» com o seu velho companheiro.

Verdadeira consagração, a nova mostra, que se realizou no salão nobre do Palácio do Governo. A fina flor do *society* papa-jerimum, longe de hostilizar, como há alguns anos, soltava “oh!s” de admiração diante dos sobrados e casarões do artista.

Depois, Dorian é convidado pelo Rotary Clube, para fazer o monumento à Amizade, que se encontra na praça Rotary, em Petrópolis, Natal. Então, já havia esculpido a “Mãe”, que foi colocada na Praça das Mães, ao lado do antigo prédio do Tribunal de Justiça, atual sede da OAB -RN.

Conheceu Vanda, sua esposa, em uma festa de igreja. Com pouco estavam casados. Hoje diz: “Namoro que começa em igreja, termina no altar». O repórter vai e acrescenta: «Termina em Dione». Esta é uma futura *miss*, 4 anos de idade, que fica mexendo nos instrumentos do pai, enquanto ele se absorve no trabalho de pintar, em seu estúdio dos fundos da casa. Mal sabe falar, mas já vai desenhando com os lápis coloridos da coleção que ganhou. Filha de peixe... Ela frequenta a escolinha de arte infantil. Gosta mais de desenhar cobras.

Certa vez Dorian reproduzia um Cristo de Miguel Ângelo, mas não se mostrava muito seguro diante do seu trabalho. O Cristo parecia-lhe demasiado forte e musculoso, mais guerreiro que místico. Pois, Dione chegou, viu o trabalho e disse: «Papai tá desenhando papai do céu». Dorian respirou, aliviado. Aquele era Cristo mesmo. Se Dione o reconheceria...

Dá os retoques finais num trabalho. Trata-se de uma cena de pescadores, quase monocrômica, cinzenta, as cores entram apenas para ligeiros efeitos. Não está usando tinta a óleo. «Não gosto, seca devagar, fica melando». Lá para as tantas, coloca a tela na parede e a observa, demoradamente. Vê-se que está satisfeito. Então apõe a assinatura. E grita:


- Vem ver, Vanda.

É sempre assim. Dona Vanda também faz as vezes de secretária e conselheira. Quando não gosta de um detalhe, diz. E Dorian quase sempre aceita suas ponderações. É ela quem arruma o atelier do pintor, pondo em ordem a enorme quantidade de quadros seus e de outros artistas natalenses. O atelier tem franco acervo para constituir-se em pequeno museu de arte. Quadros presenteados pelos autores. Na maioria gente nova. Sobre eles diz Dorian: “O movimento dos novos é válido e necessário, inclusive até com as distorções que eles às vezes cometem, por falta de conhecimento, ou por autodeterminação». Cita nomes; Carlos José, Jussier Magalhães, laperi.

Como uma coisa puxa outra, a conversa descamba para a produção atual do pintor, e este diz: Sou um viciado. As mesmas coisas que fazia há dez anos são as que faço hoje. O que mudou foi a técnica. E adianta: «Engajado na pintura expressionista não ortodoxa, adapto tudo aquilo que seja válido». Há alguma identificação entre a sua pintura e a de Navarro? Não. Mas revela-se grande admirador deste. «Das figuras que conheço, tem sido das mais coerentes, artística e humanamente».

A entrevista é interrompida por Dione, que vem pedir qualquer coisa ao pai. O repórter, então, despede-se. Já tem o retrato de Dorian Gray.

IFRN
Editora ■■■■



DORIAN GRAY CALDAS, pintor, escultor, tapeceiro e poeta, nasceu no dia 16 de fevereiro de 1930, em Natal/RN. Filho de Eloi e Nympha Caldas, interessou-se por arte muito cedo, motivado pela sua própria vocação, por seus pais e por seu tio, o pintor e retratista Moura Rabello. Sua primeira exposição foi em 1950, quando organizou junto com os pintores Newton Navarro e Ivon Rodrigues, o 1 ° Salão de Arte Moderna de Natal. A partir daí, participou de várias exposições individuais e coletivas, em sua cidade ou pelo Brasil. Artista incansável, já produziu mais de 10.000 obras em pinturas a óleo, gravuras, bicos-de-pena, desenhos, painéis, tapeçarias e esculturas. Seu talento artístico é reconhecido internacionalmente e contabiliza prêmios importantes como a Medalha de Ouro no Grand Prix da Bélgica (1971. além dos diplomas nos 20°, 21 ° e 23° salões internacionais de Revin, na França (1992,1993 e 1995). Algumas de suas tapeçarias podem ser encontradas em lugares como o Banco do Brasil, em Zurique (Suíça) e o Departamento de Segurança da Casa Branca, em Washington (EUA). Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Recebeu o Prêmio Portinari da UBE, União Brasileira dos Escritores – Rio de Janeiro 2004, a medalha do Mérito Câmara Cascudo – Assembleia Legislativa do RN – 2008, e o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do RN – 2008. Dorian é casado com Wanda Dione Caldas e tem dois filhos: Adriano Gray e Dione Caldas. Vive em Natal, onde sempre residiu, exercendo sua apaixonante profissão de artista e escritor, para a qual dedicou toda a sua vida.

